

Ricardo Bueno

Sobre memórias e sonhos compartilhados

*A história de Johannes Genossenschaft,
o João Cooperador, e seu neto solidário*



*Publicação comemorativa aos 90 anos
da Sicredi Centro Serra RS*

Sobre a Sicredi Centro Serra RS

A Sicredi Centro Serra RS é uma das 116 cooperativas de crédito que integram o Sistema de Crédito Cooperativo – Sicredi, composto hoje por 3,6 milhões de associados em 21 estados do Brasil. Fundada em 21 de agosto de 1927 no município de Agudo para atender basicamente a demanda por crédito rural de seus membros, a cooperativa acompanhou a evolução política, econômica e social do século XX e chegou aos 90 anos de existência com vigor para ser altamente competitiva no mercado em que atua, apesar da forte concorrência do setor público e privado. Com um variado portfólio de serviços e produtos financeiros, a Sicredi possui agências em 14 municípios da região Centro Serra, tem 55 mil sócios e resultados econômicos e sociais que indicam um futuro tão promissor quanto o passado que será contado nesse livro.

Sobre memórias e sonhos **compartilhados**

*A história de Johannes Genossenschaft,
o João Cooperador, e seu neto solidário*

Ricardo Bueno

Sobre memórias e sonhos compartilhados

*A história de Johannes Genossenschaft,
o João Cooperador, e seu neto solidário*



*Publicação comemorativa aos 90 anos
da Sicredi Centro Serra RS*

Sobre memórias e sonhos compartilhados

Realização:
Sicredi Centro Serra RS

Coordenação:
Fausto Wagner - Gerência de Relacionamento, Comunicação e Marketing

Texto e edição:
Ricardo Bueno – Alma da Palavra

Projeto gráfico, ilustrações e editoração:
Hannah Beineke

Capa:
Hannah Beineke, com ilustração Shutterstock

Revisão:
Luís Augusto Junges Lopes – Press Revisão

Impressão:
Gráfica Serafinense

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B928s Bueno, Ricardo
Sobre memórias e sonhos compartilhados : a história de
Johannes Genossenschaft, o João Cooperador, e seu neto solidário /
Ricardo Bueno. – Candelária : Sicredi Centro Serra RS, 2018.
154 p. : 14 x 21 cm

Romance que narra, a partir de fatos, a história dos 90 anos da cooperativa Sicredi Centro Serra RS.

1. Cooperativa Sicredi Centro Serra RS - História. 2. Romance histórico. I. Título.

CDU 334.2(091)

Bibliotecária Responsável: Denise Pazetto CRB-10/1216

APRESENTAÇÃO

Egídio Morsch

Presidente da Sicredi Centro Serra RS

Comemorar 90 anos, certamente, todos gostaríamos, pessoas ou empresas. É um momento ímpar, em que é necessário agradecer a todas as pessoas que fizeram ou fazem parte do sucesso da Sicredi Centro Serra. Até porque uma cooperativa é, acima de tudo, uma sociedade de pessoas. Por isso, ao longo desta trajetória de 90 anos, valorizar as pessoas sempre foi um dos valores da Sicredi Centro Serra e, assim, crescemos juntos, associados, colaboradores e sociedade, formando uma grande família.

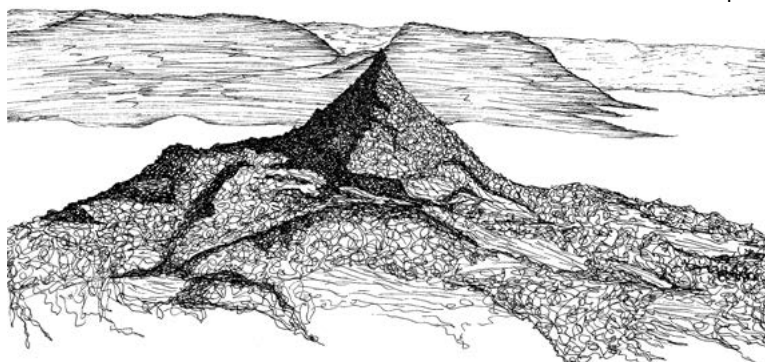
Passamos por muitos desafios, mudanças e conquistas que serviram de aprendizado e experiência para chegar onde estamos. Apesar de recessões, guerras, mudanças na legislação, na demografia, no perfil dos consumidores, planos econômicos e novas tecnologias, nos mantivemos firmes no nosso propósito. Sabemos do esforço de cada um, especialmente dos 12 fundadores e aqueles que os sucederam. Temos muito orgulho de todos, os que nos antecederam e os que estão conosco hoje.

Trabalhamos para construir uma sociedade mais justa, igualitária, solidária, na qual todos tenham oportunidade de realizar seus sonhos, cuidando da sustentabilidade do empreendimento cooperativo e do planeta para as gerações futuras.

Desejo que daqui a mais 90 anos, lá em 2107, as pessoas lembrem da nossa união, do comprometimento e de nossa determinação para a construção de um mundo melhor para todos. Que nossos filhos e netos possam ver impressas nossas digitais nas obras, nas leis, nas empresas do futuro e que se sintam orgulhosos, assim como temos orgulho de estar aqui lembrando do trabalho de nossos fundadores ao unir as pessoas.

NOTA DO AUTOR

Este livro é um romance baseado em fatos reais. São fictícios apenas os personagens da família de Johannes Genossenschaft. As demais pessoas citadas, bem como os fatos narrados, fazem parte da história de 90 anos da Sicredi Centro Serra.



Johannes acordou sobressaltado. “Acordou” é modo de dizer, porque, na verdade, a noite havia sido agitada, com muitas interrupções no sono, seguidas de tentativas quase sempre frustradas de voltar a dormir o mais rápido possível. Foram longos intervalos madrugada adentro, de olhos abertos, mirando o teto, e a mente a mil. Ele havia ficado eufórico com a informação recebida na escola, no final do dia anterior, durante uma atividade do Programa A União Faz a Vida: muito provavelmente seria realizada uma gincana sobre cooperativismo em Agudo e região, como forma de marcar os 90 anos da Sicredi Centro Serra, comemorados em 21 de agosto de 2017. Mas por que um garoto de 14 anos iria se entusiasmar com um assunto desses? Acontece que o jovem Johannes tinha esse nome em homenagem ao avô, Johannes Genossenschaft, ou João Cooperador, como era mais conhecido nas redondezas. E vô Johannes, além de saber tudo sobre cooperativismo, havia nascido no mesmo ano da fundação da cooperativa de Agudo! Ia fazer 90 anos, só que em outubro, e não em agosto. Que tremenda

coincidência... Johannes Neto sempre soube disso e gostava muito de ouvir as histórias que o avô contava sobre os primeiros tempos da cooperativa de Agudo, quando a instituição ainda se chamava Caixa Rural União Popular. Além disso, na prática, quando o assunto eram as agruras dos pioneiros do cooperativismo na região, avô e neto acabavam falando também sobre como era a vida nas primeiras décadas do século XX em uma localidade rural do interior do Rio Grande do Sul. O jovem Johannes achava para lá de curioso conversar com alguém que havia vivido um tempo em que não havia sequer luz elétrica, que dirá as modernidades da internet dos dias de hoje e os muitos aplicativos e redes sociais, dos quais o garoto, obviamente, era fã, adepto e praticante.

A iminência da realização de uma gincana fez Johannes lembrar de um tio chamado Rodolfo, o irmão de sua mãe, Flávia. Fanático por esse tipo de atividade, morava na Capital, e por isso havia algum tempo que Johannes não falava com ele. Rodolfo não se cansava de contar e recontar suas aventuras e desventuras para desvendar tarefas nos idos dos anos 1980, em Porto Alegre, e depois, ajudando os filhos, quando estes participavam daquele tipo de competição na escola. Como se vê, o garoto só poderia mesmo ter tido uma noite de sono agitada.

Agora que o dia amanhecera, só conseguia pensar em, assim que possível, dar um pulo na casa do avô, que ficava não muito distante de onde ele morava. Angustiava-se ao constatar que faltava ainda algum tempo para compartilhar a notícia, e não via a hora de ao menos começar a se inteirar sobre o assunto, pois tinha a percepção de que, de uma forma ou de outra, aquela gincana e seu tema principal tinham muita relação com a identidade e a cultura local. Lembrou

mais uma vez do tio “gincaneiro”, que sempre repetia: “Está tudo interligado nessa nossa vida, ainda que de forma indireta”.

Até a casa do avô, ele precisaria de não mais do que cinco minutos de caminhada, talvez menos, se apertasse o passo. Para falar bem a verdade, nada era muito distante em Agudo, a não ser, claro, algumas localidades um pouco mais afastadas, como Linha Pomeranos e Nova Boêmia, por exemplo. Mas boa parte da vida ali girava em torno da Avenida Concórdia e suas transversais e paralelas, um risco que cortava o mapa da cidade horizontalmente. De qualquer forma, agora não adiantava ficar pensando em vô Johannes, porque, primeiro, seria preciso encarar uma manhã de estudos.

Como de costume, e apesar da noite mal dormida, Johannes levantou da cama pontualmente às 6h30min. Não precisava mais do que 25 minutos, entre se arrumar, tomar uma xícara grande de café (hábito do qual não abria mão) e, quem sabe, comer um iogurte com granola, para, então, chegar à Avenida Concórdia a tempo de pegar o ônibus para a escola. O colégio, a propósito, ficava no extremo esquerdo (na direção oeste, portanto) da principal via da cidade, do lado de onde se vê bem de perto o Morro Agudo, que é justamente quem empresta nome ao lugar. Até lá, eram várias paradas, e por isso a necessidade de embarcar às 6h55min, no ponto quase em frente à igreja católica.

Em alguns dias, o que tomava algum tempo na rotina matinal era desamassar o cabelo comprido, que ele cultivava já há mais de ano. O estilo, na opinião dele próprio, lembrava um pouco o de Humberto Gessinger, o líder da icônica banda Engenheiros do Havaii, de quem Johannes era fã. Falando em música: há alguns meses o garoto havia iniciado as aulas de violão, resultado das férias

de verão que havia passado na casa de seu padrinho, em Santa Rosa, quando ganhou de presente um Rozini, instrumento de boa qualidade e indicado para iniciantes, por não ser nem muito grande, nem muito pequeno, e ter razoável sonoridade. Nas duas vezes por semana em que se dedicava a dominar as cifras e os acordes, sempre que possível procurava encaixar músicas dos Engenheiros, mas também da Legião Urbana e de bandas internacionais mais antigas, como Pink Floyd, Led Zeppelin, AC/DC e congêneres. Os anos 1980 e 1990 seguem bem vivos na memória de muita gente. No gosto eclético do garoto, havia espaço, ainda, para bandas menos conhecidas, como Cusco Baio, além de outros expoentes do nativismo, mas nada de sertanejo, universitário e funk, o que, de certa forma, destoava do senso comum do momento, e não deixa de ser um atestado de bom gosto musical.

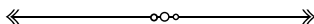
Chegando à sala de aula, difícil ia ser manter a concentração, mas era necessário que ele se esforçasse, ainda mais que, estando agora no 9º ano do Ensino Fundamental, não poderia correr o risco de ser reprovado. O Ensino Médio estava batendo à porta, e se tudo desse certo, ele pretendia cursá-lo em Santa Maria, fazendo o difícil teste para uma escola técnica federal. Caso aprovado — e ele estava confiante, inclusive já estudando as apostilas específicas —, aquele seria o melhor caminho para, mais tarde, na faculdade, quem sabe no curso de Ciências da Computação ou de Sistemas de Informação, desvendar em definitivo os mistérios da programação de computadores. Os pais já haviam concordado com o plano, que inclusive implicaria em levantar uma hora mais cedo, às 5h30min, para pegar o ônibus e percorrer os cerca de 60 km que separam Agudo de Santa Maria.

Adaptação não ia ser problema. Além de ter nascido na maior cidade da região central do Rio Grande do Sul, Johannes conhecia bem Santa Maria. A exemplo de muitos moradores de Agudo, também para ele e para os pais era a principal opção de lazer, gastronomia e compras, sempre que a ideia fosse sair um pouco da rotina, evitar ir aos mesmos lugares de sempre. Porto Alegre, bem mais distante, acabava ficando em segundo plano, mas quase sempre era onde realizava exames ou consultas médicas com profissionais especializados. Já as férias do garoto tinham como destinos preferenciais praias como Capão da Canoa e Torres, no Litoral Norte. O lugar mais distante que Johannes conhecia, fora dos limites do estado, era Camboriú, em Santa Catarina. Mar e mar, como se vê. Nada mau, afinal, ele até que gosta de praia, mas a preferência era mesmo nadar em piscina, onde se sente mais à vontade.

Enquanto a mudança para Santa Maria não se tornava realidade, foco nas aulas. Somente depois do almoço, e respeitados os 45 minutos da sagrada sesta do avô, seria a hora de dar início ao que ele imaginava ser a montagem de um “plano de estudos”, pois seriam muitas e bem importantes as informações a organizar — as quais, deduzia, embasariam a formulação das tarefas da gincana. Se é que, de fato, ela iria acontecer.

O caminho de volta da escola (as aulas terminavam às 11h40min) em geral era uma bagunça só, com muitos colegas rindo e falando ao mesmo tempo. Naquele dia, entretanto, Johannes estava meio aéreo, imerso em seus pensamentos. Acabou sentando bem na frente, em um banco próximo do motorista, e só por isso conseguiu ouvir no rádio do veículo uma notícia surpreendente. Havia mais a ser celebrado em 2017, além da fundação da Sicredi Centro Serra,

um fato por si só altamente relevante, tendo em vista que, estima-se, pelo menos metade das pessoas da região que participam do sistema financeiro, ou seja, que têm conta em banco, estão associadas à cooperativa. Ser associado, inclusive, é um pouco diferente de apenas ter conta em uma instituição bancária, mas isso explicaremos em outra parte desta narrativa. Pois foi em meio a prosaicos anúncios do tipo “vende-se moto, aceito porco ou carneiro em troca” ou “troca-se junta de novilha mansa de canga por boi velho”, que veio a informação: em 2017, estavam sendo comemorados os 90 anos de emancipação de Sobradinho, município muito importante na história da formação da cultura e da economia da região, e que também cumpria papel decisivo nos rumos da cooperativa: desde 1999, a Credisol (Cooperativa de Crédito de Sobradinho Ltda) passou a fazer parte da Sicredi Centro Serra. “Cacilda, quanta informação!”, pensou o garoto. “Sobradinho se emancipou em 1927... E Agudo? Agora não lembro. Será que o vô sabe alguma coisa sobre isso? Deve saber... Pelo menos uma tarefa envolvendo Sobradinho, certamente, vai cair na gincana. Não posso deixar de falar com ele sobre isso”, refletiu mentalmente, ao mesmo tempo em que pegava um bloco para fazer uma anotação.



O dia estava bem do jeito que vô Johannes gostava: nem quente, nem frio, uma leve brisa soprando, o azul do céu contrastando com poucas e doces nuvens brancas. Pela manhã, ele tinha conseguido fazer o que mais lhe agradava: ler o jornal sossegado em sua poltrona junto à janela, onde havia uma boa luminosidade. Ao lado, o tradicional chimarrão. Chimarrão, para um alemão dos quatro costados?, poderia alguém perguntar. Chimarrão, sim. O hábito vinha desde muito tempo, herança do convívio do pai com moradores da região que eram descendentes de espanhóis e portugueses. O Rio Grande, a exemplo de todo o Brasil, carregava a marca da miscigenação entre os povos. No caso gaúcho, a mistura envolvia uma parcela menor de negros, pois a escravidão em território sul-riograndense teve proporções menores, ao menos em quantidade, mas, dizem alguns, maiores em termos de crueldade, em razão do modo de operar das charqueadas, onde a mão de obra trazida da África foi explorada intensamente. O fato é que, na prática, as influências entre os povos eram muitas e recíprocas. Sendo assim, o mate, herança dos indígenas e hábito assimilado por portugueses e espanhóis, ser tomado acompanhado com pedacinhos de cuca bem doce, iguaria tipicamente alemã, não chegava a ser uma heresia.

Agora que havia despertado da sesta, vô Johannes começou a ouvir uma conversa na sala, e bastou apurar um pouco os ouvidos para distinguir a voz serena e meio rouca do neto que tanto amava. O garoto estava com 14 anos, hormônios sempre a mil, alterando

seu aspecto físico e, em parte, a personalidade: o menininho de algum tempo atrás já estava com ares de homem feito.

— Jojô, você aqui uma hora dessas?!?! — disse ele, entrando a passos lentos, mas firmes, na sala de estar.

A mulher, Gerda, e o neto conversavam lado a lado no sofá, ela segurando a mão do garoto, como de costume.

— Pai, não chama o Johannes de Jojô, ele não gosta! — disse Gerda, referindo-se ao marido do jeito que havia se acostumado desde o tempo que os dois filhos moravam em casa — um deles o pai de Johannes, Paulo; o outro, seu irmão mais moço, Rogério.

Ser chamado de Jojô de vez em quando era a única coisa que Johannes não gostava no avô, mas, mesmo assim, perdoava, porque sabia que não era por mal que ele usava a expressão, bem ao contrário.

— Oi, vô! Tava bom o “soninho”, como a vó diz? Vim te contar uma novidade muito importante! — disse o garoto, dessa vez não dando muita importância ao ouvir o tal apelido que não lhe agradava.

— Diga lá, sou todo-ouvidos! — respondeu, animado, o avô.

— Ontem, lá na escola, no final de uma atividade do Programa A União Faz a Vida, a “sora” falou que...

— Quem falou? — interrompeu o avô.

— A “sora”, vô. A professora.

— Ah... Não me acostumo com essa mania de vocês de usar a expressão “profe” ou “sora”. No meu tempo era “senhora professora”. Mas diga lá o que a “sora” falou — ironizou.

— Pois então! A “sora” falou que provavelmente vai acontecer uma gincana sobre cooperativismo aqui em Agudo e região, porque

a Sicredi Centro Serra tá fazendo 90 anos. E o senhor também faz 90, né?

— Sim, faço 90, junto com a cooperativa, onde fui associado desde muito cedo. Não sabia dessa possibilidade da gincana, mas imagino o quanto tu debes estar entusiasmado, e mais ainda vai ficar teu tio, irmão da tua mãe, não é mesmo? Aquele lá é fanático por gincana, até eu sei disso!

— Foi isso mesmo que pensei. Vou ligar para o tio Rodolfo assim que der, mas me lembrei do senhor primeiro, porque o senhor acompanhou muito a história da cooperativa, né?

— Acompanhei mesmo, até hoje acompanho. O cooperativismo está no meu sangue e no sangue de muita gente!

— Pois então... Outra coisa, antes que eu me esqueça. Ouvi no rádio que Sobradinho se emancipou há 90 anos, e lembrei de o senhor ter comentado que eles inicialmente não faziam parte do Sicredi, entraram depois, não sei bem quando. Aí pensei comigo mesmo: preciso falar com o vô sobre a cidade e aquela região lá da Serra.

— Garoto esperto... É isso mesmo, pensou certo. Sobradinho se emancipou em 1927, e, se eu não me engano, foi mais para o final daquele ano, tenho que conferir. E de Sobradinho surgiram, tempos depois, emancipados, muitos outros municípios aqui da nossa região. Devem ter restado uns 10% do território original, veja só que curioso...

— Bah, só 10%? Quase nada...

— Pois é, mas o município continua tendo uma força muito grande, com base no comércio e serviços. Mas deixa eu te dizer uma coisa interessante, antes de continuarmos essa conversa sobre a gincana, que promete ser longa. Hoje pela manhã, estava lendo os

jornais, como de costume, sentadinho aqui na minha poltrona, e só então me dei conta que 2017 está cheio de datas interessantes, além destas que tu mencionaste. Não sei se tu sabes, ou se foi comentado lá na escola, mas já se iniciaram aqui em Agudo os festejos dos 160 anos da imigração alemã na nossa região, já que foi em 1857 que chegaram os primeiros imigrantes, nossos ascendentes, que desembarcaram ali no Cerro Chato, na margem esquerda do Jacuí. Foi a partir dali que se espalharam, ocupando gradualmente a então Colônia Santo Ângelo.

Johannes Neto respondeu que tinha ouvido alguma coisa a respeito, mas meio por alto, não havia prestado muita atenção. A propósito do comentário do avô sobre o Jacuí, lembrou que ele havia levado muito tempo sem saber exatamente o que queria dizer a expressão “na margem esquerda”, e só foi realmente entender quando aprendeu que é preciso descobrir, primeiro, onde é a nascente de um rio e o caminho que ele percorre, para depois saber se uma margem está à direita ou à esquerda do curso d’água. No caso do Jacuí, suas nascentes estão localizadas bem próximas de Passo Fundo, município do Planalto gaúcho distante cerca de 280 km de Agudo e localizado a mais de 700 metros de altitude. Portanto, o Jacuí “desce” o mapa do Rio Grande do Sul, e corre em direção à bacia do Guaíba, em Porto Alegre e região. Por isso, o ponto de chegada dos imigrantes alemães, no Cerro Chato, é identificado como ficando à margem esquerda do rio.

— Mas tem mais, meu querido. E coisa importante!

Vô Johannes comentou, então, sobre uma quarta data, também relevante e comemorada em 2017. “Ufa, são tantas... Será que não vou acabar me atrapalhando?”, pensou Johannes, enquanto o avô falava.

— São os 500 anos da Reforma Luterana, iniciada por Martinho Lutero em 1517, na Alemanha, contestando vários dogmas da Igreja Católica, movimento que daria origem às religiões protestantes. Sabes o que é dogma, né? Se não souber, depois explico. Mas sabes bem que os luteranos têm forte presença na nossa região. Eu e tua avó, por exemplo, somos luteranos, assim como teu pai. Já tua mãe, teu tio Rodolfo e teus avós maternos, já falecidos, são católicos.

Era verdade. Mas as questões religiosas nunca haviam sido problema no núcleo familiar do garoto, ao menos que ele tivesse conhecimento, pois seus pais frequentavam os templos um do outro, normalmente. De outra parte, tinha ouvido alguém comentar, talvez o próprio avô, em outra ocasião, que nem sempre a convivência havia sido tão pacífica assim entre católicos e luteranos.

Naquele momento, o jovem Johannes não podia fazer ideia de que a questão luteranos versus católicos estava relacionada a um capítulo da vida de um dos fundadores da Caixa Rural União Popular de Agudo. Não vamos antecipar o curioso fato. No momento certo, o avô irá contar ao neto mais detalhes sobre as questões religiosas envolvendo um dos irmãos que teve papel decisivo na fundação do então conhecido como “banco dos Hermes”, ou *Hermes Bank*, em bom alemão.

Johannes Genossenschaft tinha afeição especial pelo único neto. E isso nem tinha relação direta com o fato do garoto carregar o mesmo nome e sobrenome dele. Ou será que tinha? De qualquer forma, a iniciativa havia sido do filho, Paulo, que, quando chegou ao cartório, naquele março de 2003, decidiu, ali na hora, prestar uma homenagem ao pai, mesmo sem o conhecimento da mulher, Flávia. O casal havia levantado outras possibilidades de nome para o filho, como Bernardo ou Ricardo, mas quando Paulo se viu na frente do escrivão, pesou substancialmente o fato de que o pai, mais do que ninguém, havia torcido pela chegada do primeiro neto, e isso desde os primeiros tempos de namoro de Paulo com Flávia, nos idos dos anos 1990.

Ao ler a certidão, ainda no hospital, a mãe se mostrou surpresa, mas acabou achando uma boa ideia. Mais do que isso: ficou feliz ao imaginar que seu filho levaria adiante o conceito de cooperação, expresso no sobrenome Genossenschaft, mas também no nome do

avô, fortemente ligado ao cooperativismo e, em especial, à Sicredi Centro Serra, e que agora teria prosseguimento com o garoto.

O curioso é que, de fato, o jovem Johannes, desde pequeno, havia demonstrado vocação para trabalhar em grupo, buscando exercer sua liderança em diferentes coletivos, tendo especial interesse por tarefas desenvolvidas com mais pessoas. Não por acaso, há algum tempo ele havia decidido entrar para o Interact, uma organização mantida pelo Rotary Club e voltada para adolescentes e jovens, estimulando a prática da solidariedade e o protagonismo social. Também não por acaso, uma semana antes de saber da possibilidade de realização da gincana, Johannes Neto e sua chapa venceram as eleições para o Grêmio Estudantil da escola, e ele seria o diretor de imprensa nos próximos dois anos.

O avô ficou pensando em tudo isso logo depois que o neto saiu para estudar violão (fazia aulas duas vezes por semana há alguns meses, e não perdia aquele compromisso por nada). Ao reviver, como em um flash, a trajetória daquele que hoje era um garoto bonito e responsável, seu coração se encheu de alegria, em especial ao recordar a chegada do bebê, há 14 anos. Mas logo vô Johannes tratou de organizar os pensamentos. Ele percebeu que contar (ou contar de novo) a Jojó, tintim por tintim, como é que o cooperativismo de crédito havia se iniciado e se desenvolvido em Agudo e região, e como as coisas haviam se modificado desde aquele distante 1927, ia ser uma oportunidade ímpar de estar ainda mais perto do garoto que tanto admirava. Do alto de seus quase 90 anos, a serem completados dali a alguns meses, não dava nenhuma mostra de se atormentar com o peso da idade. Ao contrário. Sentia-se rejuvenescido e pronto para mais esta missão.

Seu biotipo, magro e longilíneo, contribuía para que conseguisse se movimentar com agilidade e disposição, até porque, sempre que possível, fazia caminhadas, em detrimento do uso do automóvel (ele já não dirigia, mas, seguidamente, os filhos e amigos lhe ofereciam carona para onde quer que fosse). Ao mesmo tempo, sua mente seguia funcionando à perfeição, com uma memória prodigiosa, que gozava, inclusive, de fama na família. De mais a mais, sempre fora um otimista, digno representante daquela categoria de pessoas que preferem ver os aspectos positivos da vida e que valorizam o lado bom de cada ser humano.

Existem inúmeras pesquisas, mundo afora, apontando que pensar positivamente e exercer a solidariedade contribui para o bem-estar mental e físico. Pois vô Johannes era um caso típico de ser humano que adorava estar em grupo, pensando nos benefícios compartilhados por muitos, postura de quem prefere fazer com outros o que eventualmente poderia realizar sozinho — o DNA colaborativo do neto tinha origem bem definida, como se vê.

De pronto, decidiu buscar na pequena e seleta biblioteca do corredor de casa alguns livros que, imaginava, poderiam ser referências importantes, obras as quais trataria de reler, assim que possível, anotando as passagens mais relevantes. O primeiro que avistou foi um exemplar um tanto desgastado de *Registros Históricos de Agudo*. A edição, assinada pela comunidade luterana local, havia sido lançada em 1967, por ocasião dos 100 anos da presença da comunidade evangélica em Agudo e região. Além do registro sobre o luteranismo, o livro também recontava o processo de emancipação de Agudo, iniciado em 1957 (há 60 anos, portanto), que se concretizou com a criação do município dois anos depois, em 1959.

A obra tinha texto original assinado pelo pastor Richard Rudolf Brauer, que veio para o Brasil em meados dos anos 1930, e a partir de 1937 estabeleceu-se em Agudo. Para o historiador William Werlang, o pastor Brauer, com sua simpatia e carisma, conquistou o respeito e a admiração da população: “Foi certamente a personalidade individual mais influente da comunidade de Agudo no século XX”, afirmava Werlang.

O pastor Brauer era, de fato, quase uma unanimidade em Agudo. Mas aquela opinião era, por assim dizer, digna de nota: Werlang era um especialista nos primórdios da Colônia Santo Ângelo e conhecia como ninguém a história de formação e desenvolvimento de toda a região. Nascido em Santa Cruz do Sul em 1962, Werlang havia se diplomado em História na Universidade de Santa Maria, tendo atuado como professor da matéria em uma escola de Agudo. Sua obra mais conhecida chamava-se justamente *História da Colônia Santo Ângelo*, lançada em 1991. Ali, vô Johannes teria um farto material para compartilhar com o neto.

Outra obra que poderia ajudar vô Johannes a remontar a história de Agudo dizia respeito a um homônimo dele: era *A família de Johannes Heinrich Kaspar Gerdau*, também de Werlang, sobre um dos pioneiros da indústria gaúcha. Johannes Gerdau veio da Alemanha e, em 1869, com apenas 20 anos, estabeleceu-se na região de Agudo, imprimindo tino comercial e empreendedor em diversas iniciativas que, anos mais tarde, tocadas por seus filhos, dariam origem ao Grupo Gerdau, uma das primeiras multinacionais brasileiras e gigante mundial do aço.

Mas como nem só de Agudo vive o cooperativismo de crédito na região Centro Serra, seria preciso dar atenção a pelo menos

outras duas cidades, de fundamental importância na trajetória da Sicredi. Por isso, vô Johannes festejou ao encontrar um exemplar de *Candelária, sua gente e sua história*, inclusive com dedicatória do autor, Aristides Carlos Rodrigues. O filho de Candelária publicou o livro no início dos anos 1990. Por inúmeras contribuições à preservação da história e cultural local, empresta seu nome ao museu municipal da cidade, que conta com um rico acervo paleontológico, já que Candelária está localizada em uma região privilegiada em relação a fósseis. Dirigido pelo filho de Aristides, Carlos Nunes Rodrigues, o museu possui em seu acervo fósseis de dezenas de animais que viveram entre 220 milhões e 230 milhões de anos, em uma época conhecida como Período Triássico, em que todos os continentes se achavam unidos e a Terra era conhecida como Pangéia. Rincossauros, dinodontossauros e tecodontes formam um conjunto de animais que, depois, transformariam-se em mamíferos e dinossauros, entre eles alguns dos mais antigos do planeta. “Tenho que levar o Jojó para conversar com meu amigo Belarmino Stefanello, autodidata nessas coisas de arqueologia e que trabalha lá no museu. Jojó vai achar incrível saber que, em 2011, o Belarmino ajudou a descobrir em Candelária fragmentos do crânio de um dicinodonte, um ancestral dos mamíferos de mais de 220 milhões de anos, que acabou sendo batizado em homenagem a ele: *Belarminus candelariensis*”, pensou Johannes.

Tão importante quanto Agudo e Candelária é Sobradinho, que comemora 90 anos de emancipação em 2017, como Johannes Neto tinha ouvido na rádio. Ou seja, a localidade virou município em 1927, justamente quando surgiu a Caixa Rural de Agudo, embrião da Sicredi Centro Serra — e mesmo ano de nascimento de vô

Johannes. Pois Johannes lembrou de ter lido uma notícia no jornal local sobre o lançamento de uma publicação, no final de 2015, que poderia ser muito útil para ele e o neto. Agora não se recordava do nome do livro, mas tinha certeza que era sobre a história do município. Pensou que seria uma boa ideia ligar para o jornalista Henrique Lindner, nascido em Agudo, mas que trabalhava na Rádio Sobradinho há muitos anos. Além de simpático e prestativo, Lindner ainda tinha um diferencial importante, ao menos na opinião de vô Johannes, conhecido por ser um leitor contumaz: o jornalista fazia parte da Academia Centro Serra de Letras, ou seja, era um apreciador e praticante da boa literatura.

A presteza de Henrique Lindner mais uma vez se confirmou. Ele tinha o nome do livro na ponta da língua: *Sobradinho construindo sua história*, cujos autores, a propósito, haviam sido os patronos da Feira do Livro de 2016. Lindner se prontificou a entrar em contato com um dos autores — os historiadores Lizandro de Lima Rocha e Sara Wacholz, mais a professora de Geografia Rosemari Heringer — e conseguir um exemplar autografado para vô Johannes.

— Quando o senhor vem a Sobradinho? Eu pretendo ir até aí, fazer uma visita aos meus pais, mas ainda não sei quando estarei em Agudo. É urgente? — perguntou Lindner.

— Não é urgente, mas é importante. Pretendo subir a serra com meu neto em breve, e quando for, te aviso um dia antes. Aí aproveitamos para colocar a conversa em dia — respondeu Johannes.

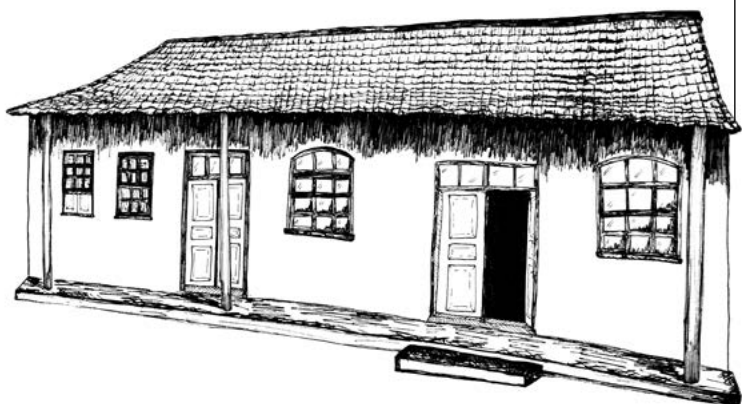
— Será um prazer! O pai anda meio adoentado, um pouco indisposto, não sei se o senhor sabe.

— Não sabia! Faz tempo que não converso com ele... Espero que não seja nada de mais grave. Mande lembranças, por favor.

— Mando sim. Não deve ser nada importante, pois o pai sempre teve uma saúde de ferro, não é mesmo? Espero vocês, então, aqui em Sobradinho. Vou providenciar o livro. Um forte abraço!

O pai de Henrique, Mario Arno Lindner, era agricultor e morava com a mulher, Ilda, em Linha Teotônia (eles pronunciavam assim mesmo, com “o”, e não “Teutônia”). Ambos com 74 anos, já estavam aposentados, mas seguiam plantando feijão, batata e outros produtos para consumo próprio. Vô Johannes havia sido apresentado a Mario ainda nos tempos em que fazia parte do conselho da Sicredi. Foi justamente na época em que o pai de Henrique resolveu se associar à cooperativa, e dali em diante a amizade só fez crescer. Fazia muito tempo que não se encontravam, e Johannes pensou que precisaria providenciar uma carona para visitar o amigo, assim que possível. Talvez o próprio Henrique pudesse lhe levar.

Livros de Agudo e Candelária separados, e mais a encomenda encaminhada em Sobradinho, agora era hora de pensar nas pessoas com quem conversar sobre a história da Sicredi Centro Serra. Vô Johannes, obviamente, tinha mais contato com os moradores da cidade onde sempre morou, mas conhecia, também, muita gente nas redondezas. Era questão de botar a memória para funcionar e, em seguida, sair atrás dos contatos. Sentou-se em sua poltrona preferida e, de posse de um bloco novinho, separado especialmente para dar conta daquela tremenda responsabilidade de ajudar o neto, começou a tomar notas.



Johannes saiu da casa do avô rumo à aula de violão, que tanto adorava, mas naquele dia a cabeça estava nas nuvens, ou melhor, no cooperativismo. Chegou a pensar em não ir, para poder consultar a internet, fazer pesquisas, mas era um garoto disciplinado, e por mais que a possível gincana estivesse mobilizando sua atenção, decidiu ir mesmo para a aula, zeloso que era com os compromissos assumidos. Ainda assim, seguiu matutando sobre a conversa encerrada minutos antes, enquanto se dirigia à casa do professor de música. Tinha certeza que poderia contar com o conhecimento e o entusiasmo de vô Johannes, que, a essas alturas, já deveria estar pensando em mil coisas para fazer, listando nomes de pessoas com quem conversar, de forma a recuperar com detalhes a trajetória do Sicredi na região. Acontece que ele, Jojô, também queria ser protagonista do processo, e imaginou que uma boa ideia seria tentar compreender melhor o que era, afinal de contas, o

cooperativismo, estudando que conceitos estavam por trás desta palavra, de forma a realmente entender como e por que o Sicredi era “mais do que um banco”, como as pessoas costumavam dizer. “Aqui você não é cliente. Como associado, é também dono”, ele ouvia seguidamente. O que exatamente isso significava?

Ao chegar em casa, depois de muito dedilhar solfejos e acordes no violão, Jojô foi direto para o notebook. Entrou no site do Sicredi — não a página específica que a cooperativa da região Centro Serra mantinha na internet, e, sim, a geral, de todo o sistema. Havia muito o que ler e, também, assistir, já que o site hospedava vídeos interessantes, mas ele decidiu começar justamente pela pergunta mais básica: o que é cooperativismo? A origem de tudo está no significado da palavra cooperar: “atuar, juntamente com outros, para um mesmo fim; contribuir com trabalho, auxílio; colaborar”. Até aí, tranquilo. Já o cooperativismo vai um passo adiante: “É um instrumento de organização econômica da sociedade. Criado na Europa no século XIX, caracteriza-se como uma forma de ajuda mútua por meio da cooperação e da parceria”. Neste trecho, ele percebeu um acréscimo importante: a expressão “organização econômica”. Continuou lendo: “Tendo como base a associação voluntária de pessoas em torno de um objetivo comum, as cooperativas reúnem milhões de pessoas ao redor do mundo em projetos que geram renda e oportunidade de trabalho e promovem o desenvolvimento regional”. Interessante: trata-se de uma ideia comum e presente em qualquer lugar do planeta. Bem bacana isso!

E cooperativa, o que significa exatamente? Está lá no site do Sicredi a definição: “Associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer suas necessidades econômicas, sociais

ou culturais em comum, por meio de uma empresa de propriedade conjunta e de gestão democrática”. Mais conceitos interessantes: “propriedade conjunta” e “gestão democrática”. Ou seja, as pessoas, ou associados, são todas “donas” da cooperativa, tendo a possibilidade de participar igualmente das decisões e da gestão, com direito a um voto, não importando o volume de recursos que tenham investido, enquanto em um banco comum as decisões são dos acionistas, de acordo com o percentual de participação no capital (ações) que possuam.

Cooperar, cooperativismo, cooperativa. Tudo bem. O passo seguinte era entender o que vem a ser cooperativismo de crédito, já que existem outras modalidades. “Criadas para oferecer soluções financeiras de acordo com as necessidades dos associados, as cooperativas de crédito são um importante instrumento de incentivo para o desenvolvimento econômico e social. Isto porque utilizam seus ativos para financiar os próprios associados, mantendo os recursos nas comunidades onde eles foram gerados”. Outro diferencial, portanto: diferentemente de um banco convencional, que aplica seu capital onde houver mais retorno financeiro, que, depois, é distribuído apenas para os acionistas (os correntistas não têm direito ao resultado ou lucro), a cooperativa investe os recursos de seus associados entre eles mesmos e na comunidade onde estão inseridos.

Aos poucos, João juntava as peças do quebra-cabeças e começava a entender por que ser associado do Sicredi significava mais do que simplesmente ter conta em um banco. “Se eu me associar no Sicredi, vou ter todos os serviços bancários disponíveis, mas por ser uma cooperativa, estes serviços atendem às necessidades dos associados. Se houver sobras, elas poderão ser reinvestidas na própria

cooperativa, que vai ter mais recursos para seguir financiando investimentos naquela região, e, assim, melhorando os resultados da cooperativa, e, então, começa tudo de novo”, raciocinou. Agora ele começava a entender melhor o real significado do slogan “Gente que coopera cresce”. O garoto era esperto, sem dúvida. E o cooperativismo é realmente algo muito especial. Mas como e quando tudo isso havia começado?

Estava lá no site uma síntese: “Na América Latina, o cooperativismo de crédito teve início em 1902, na localidade de Linha Imperial, município de Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, pelas mãos do padre suíço Theodor Amstad. Hoje, essa cooperativa faz parte do Sicredi com o nome de Sicredi Pioneira RS”. Mas que coisa sensacional! Então, quer dizer que o Rio Grande do Sul havia sido pioneiro em cooperativismo de crédito, não apenas no Brasil, mas também na América Latina? E justo ali pertinho, em Nova Petrópolis! Até então, ele achava que a cidade era apenas um ótimo e belo lugar para se passear, pertinho de Gramado e Canela. Das próximas visitas, iria olhar para aquela encantadora localidade com outros olhos...

João estava muito entusiasmado com tudo aquilo, e não via a hora de conversar com o avô sobre suas descobertas. Na verdade, não eram propriamente descobertas, pois muito daquilo que havia acabado de ler já havia sido comentado durante as ações do programa A União Faz a Vida, do qual a escola de Johannes fazia parte. Ele é que talvez não tivesse dado a devida atenção.

O fato é que o programa havia surgido muitos anos antes, quando as cooperativas ligadas ao Sicredi entenderam que seria importante desenvolver uma iniciativa que incentivasse o empreendedorismo,

a cidadania e o coletivismo entre crianças e adolescentes, que, no futuro, seriam cidadãos mais solidários e, provavelmente, associados e dirigentes das cooperativas. Johannes era muito organizado e lembrou de ter aberto uma pasta no computador para guardar textos sobre cooperativismo. Lá, encontrou um arquivo em Word, em que a professora que coordenava o programa contava uma história muito interessante. Em 1992, em uma visita às cooperativas de crédito da Argentina e do Uruguai, dirigentes do Sicredi haviam entrado em contato com uma Cooperativa Habitacional nas cercanias de Montevideu, a capital uruguaia, onde funcionava, também, uma Cooperativa-Escola. Na ocasião, foram recebidos e guiados por um garoto de apenas 11 anos, presidente da cooperativa, simpático, entusiasmado e demonstrando muito conhecimento sobre cooperativismo. Os representantes do Sicredi ficaram impressionados com a postura daquele garoto e de seus colegas, e esse episódio corroborou com a tese de que era essencial buscar a construção de uma nova cultura sobre cooperação e empreendedorismo, disseminando-a entre crianças em idade escolar. Dois anos depois, no início de 1994, foi aprovado o cronograma inicial de implantação do Programa A União Faz a Vida.

A ideia desse programa é relativamente simples, mas muito profunda: a escola propõe que os alunos saiam em uma expedição investigativa em sua comunidade, durante a qual irão ver, observar, experimentar, perguntar e (re)conhecer o espaço onde estão inseridos. De volta ao ambiente escolar, desenvolvem projetos de intervenção na comunidade, consolidando, primeiro, tanto o que já sabem sobre determinada situação quanto o que querem saber. As respostas poderão vir tanto do currículo (conhecimentos escolares)

quanto da comunidade de aprendizagem em que o estudante está inserido, a qual ultrapassa os limites da escola e engloba aprender com o outro, com a vida, com o mundo. “É bem legal esse programa”, refletia Johannes, ao mesmo tempo em que anotava no seu caderninho para comentar com o avô sobre o assunto, pois não tinha certeza se ele conhecia a iniciativa. Talvez o vô já tivesse se aposentado quando o programa surgiu.

Johannes estava mais familiarizado com as ações práticas que os colegas vinham desenvolvendo, mas tinha lembrança de que a metodologia envolvia as escolas e cooperativas (que atuavam como gestoras do programa), mas também secretarias estaduais e municipais de Educação, como parceiras, e, ainda, universidades e outras instituições especializadas, como assessoras pedagógicas. Todos agentes essenciais para o desenvolvimento do A União Faz a Vida.

O curioso é que, ao efetuar uma busca no Google com as palavras “cooperativismo na Argentina e Uruguai”, para ver como andavam as coisas por lá mais recentemente, o que Jojô encontrou? Um texto dando conta de uma visita de uma delegação de 35 pessoas, composta por alunos, professores, diretores de escola, colaboradores e conselheiros de Administração da cooperativa de crédito Sicredi Centro Serra, à Argentina, um ano antes, em 2016! Ficou pasmo com a coincidência... Todo aquele pessoal tinha viajado para conhecer de perto o modelo das cooperativas escolares de Sunchales, município de 26 mil habitantes da província (unidade federativa argentina, equivalente aos estados brasileiros) de Santa Fé. Jojô achou incrível que ele estivesse estudando as origens do programa A União Faz a Vida e, de repente, acabasse cruzando com uma notícia recente, dando conta que argentinos e uruguaios seguem sendo

uma referência importante para o cooperativismo na América. E continuou lendo o texto.

Ficou sabendo que Sunchales é a Capital Nacional do Cooperativismo na Argentina, a exemplo do que ele havia aprendido em relação a Nova Petrópolis, berço do cooperativismo de crédito no Brasil. A relação de Sunchales com o cooperativismo nasceu com a constituição da primeira cooperativa de produtos derivados de leite do município, na década de 1930. Ou seja, aproximadamente na época em que surgiu a cooperativa de Agudo, fundada em 1927. Em seguida, os mesmos produtores sentiram a necessidade de formar uma cooperativa de seguros rurais. “A Sancor Seguros transformou-se, ao longo dos anos, na maior seguradora da Argentina e uma das grandes incentivadoras do cooperativismo na América Latina”, dizia o texto. Aos poucos, o município identificou no modelo cooperativista uma grande fonte de desenvolvimento econômico e social. Hoje, Sunchales respira cooperativismo. Exemplo disso são os 3% do orçamento anual da Prefeitura destinados para desenvolver as cooperativas escolares.

Johannes ficou sabendo que Candelária, Arroio do Tigre e Cerro Branco foram os municípios da área de ação da Sicredi Centro Serra que participaram do intercâmbio, pois haviam sido os pioneiros em formar cooperativas escolares a partir do Programa A União Faz a Vida. Ele não tinha ideia de que as sete cooperativas escolares da região produziam trufas, mudas de hortaliças, de flores, doces de amendoim, biscoito de goiaba, objetos de madeira, artesanato e eventos.

Já a comitiva do Sicredi tomou conhecimento que, em Sunchales, os alunos sócios das cooperativas não se dedicam exclusivamente a

produzir e a vender. A ajuda mútua e a solidariedade, as quais são valores universais do cooperativismo, fazem parte de vários projetos e são muito bem assimilados pelas crianças e adolescentes. Adriani Schunke, orientadora da Cooesp, cooperativa de trufas da escola municipal São Paulo, no interior de Candelária, dizia no texto que chamou a atenção dela o fato de, durante as férias, os alunos se dedicarem a promover trabalho social com as comunidades menos favorecidas, com a arrecadação de roupas e alimentos. “Ajudar o próximo faz parte da rotina deles”, comentou ela.

Por sua vez, Emanueli Sima, aluna do 9º ano e presidente da cooperativa de jovens marceneiros do município de Cerro Branco, ficou impressionada com o nível de comprometimento dos alunos nas cooperativas escolares argentinas. “Todos participam, todos colaboram. Eles não são egoístas. Uns ajudam os outros, sempre pensando no bem comum”, descreveu.

O protagonismo dos alunos do país vizinho também havia despertado a atenção de Juliano Guedes, jovem que preside a cooperativa de uma escola do interior de Candelária. Juliano ficou atônito com o que viu em Sunchales: “Pensei que aqueles ‘toquinhos’ fossem se atrapalhar com tanta gente na volta deles, mas eles não têm vergonha de falar em público, conhecem muito bem o assunto que estão abordando”, observou. O respeito entre professor e aluno também impressionou o garoto de Candelária: “O aluno interrompe de forma natural e respeitosa para concluir uma observação do professor”.

Jojô resolveu arquivar aquele material, e se tivesse oportunidade, ia pedir para o avô levá-lo para conhecer alguma das experiências brasileiras, pois as cidades eram bem próximas. Restava saber quem poderia servir de motorista, uma vez que o avô não estava

mais dirigindo. Será que tio Rodolfo não se dispunha a ser o piloto da excursão?

Ufa, aquele havia sido um dia cheio! Quanta informação, quanta expectativa, quantas perspectivas em cima daquela possibilidade de realização de uma gincana sobre cooperativismo de crédito! A vida é sempre dinâmica, e se a gente estiver atento ao que acontece à nossa volta, fica fácil perceber que cada momento da existência é sempre oportunidade de aprender e se tornar um ser humano melhor. E isso que Johahnnes nem tivera tempo de ligar para o tio Rodolfo, em Porto Alegre, para contar da novidade e compartilhar seu entusiasmo, e aproveitando para ver se ele se dispunha a levá-lo a dar umas voltas na região! “Bem, tudo na sua hora. Amanhã eu falo com o tio. Sabe-se lá se o vô já não vai ter muito mais coisas para me contar!”, pensou ele.

Depois de jantar, quando aproveitou para fazer um resumo das novidades para os pais, foi para o quarto, tocou um pouco de violão, navegou na internet mais um tempo e foi dormir. O dia seguinte tinha tudo para ser tão intenso quanto aquela terça-feira agitada.

Ex-militar do exército da Alemanha (lutou na guerra da unificação contra a França), católico fervoroso, amante de bons vinhos, de poesia e de livros em geral. Em síntese, esse é o perfil do imigrante alemão Peter Hermes. Nascido no reino da Prússia em 1844, Hermes embarcou em 1885 no porto de Hamburgo em direção ao Brasil, chegando à Colônia Santo Ângelo em 18 de julho daquele mesmo ano. Um homem que, segundo o historiador William Werlang, “trouxe enorme bagagem cultural da região do rio Mosela, enriquecendo a germanidade da comunidade local”. Além de culto, outra característica faria de Peter Hermes uma figura decisiva na história de Agudo: sua enorme prole.

Ao desembarcar em território gaúcho, aos 41 anos, Peter estava acompanhado da segunda mulher, Elisabetha, e de seis dos seus nove filhos na época: Anna (de seu primeiro casamento, com Maria Anna Pinn), Franz Joseph, Johann, Peter Hermes Filho, Guilherme e Jakob. Estabeleceu-se em Linha Teotônia, onde nasceriam mais dois filhos, genuinamente brasileiros: Elisabeth Sophia e João Paulo. Depois da

morte de Elisabetha, Peter se casaria novamente, e do terceiro matrimônio, com Emília Wanger, viriam mais cinco herdeiros: Adão Alexandre, Frederico, Eduardo Francisco, Cecília e Arthur Arnoldo.

Paulo Augusto Wilhelm, figura destacada na cultura do município e envolvido também em outras causas (além de funcionário da Câmara de Vereadores, é presidente do Conselho de Administração da Associação Hospital Agudo, foi presidente do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão de Agudo e assina uma coluna em jornal local há muitos anos), procurou levantar o perfil de Peter Hermes, seu bisavô. Wilhelm garante ser possível afirmar que “foi um homem sobremaneira aberto, de boa fala e muito hospitaleiro. Sua residência era ponto de passagem de novos imigrantes, que vinham em busca de amparo e informações sobre a nova terra”. Fabricante de vinhos, Hermes, de acordo com William Werlang, costumava derramar “arroio abaixo” as sobras da safra anterior, de maneira a encher novamente suas pipas.

Da prole de 14 filhos gerados nos três casamentos de Peter Hermes, quase todos se estabeleceram em Agudo, e ao menos cinco estão ligados diretamente à trajetória da Caixa Rural União Popular, instituição criada em 21 de agosto de 1927 e embrião da atual Sicredi Centro Serra. Franz Joseph, o filho homem mais velho, então com 54 anos; Jakob, 43; Adão Alexandre, 34, Eduardo, 29, e Arthur Arnoldo, o caçula, 26 anos, foram fundadores da instituição que logo ficaria conhecida na comunidade como *Hermes Bank*. Peter Hermes não teve o privilégio de ver aquela realização de seus filhos, pois havia falecido dez anos antes, em 1917. Mas, certamente, ficaria orgulhoso se tivesse tido a oportunidade de constatar como a iniciativa geraria frutos por muitas e muitas décadas.

Foi em um domingo à tarde, na residência do padre João Sorg, e ao lado de Max J. Fischer, João Pfeiffer, Franz Rodrigues Vieira, Jakob Koch, Franz Prokop e Luiz Friedrich, que os irmãos Hermes entraram para a história do cooperativismo gaúcho por fazerem parte do grupo de 12 pessoas que fundou uma das primeiras e hoje mais longevas instituições de crédito do Estado.

Além de serem fundadores, três dos irmãos, em especial, tiveram papel fundamental na gestão da cooperativa. Jakob seria eleito o primeiro presidente da instituição (cargo que exerceria até 1942), enquanto seu irmão mais moço, Arthur Arnoldo, daria início a uma longa e bem-sucedida trajetória como gerente, cargo que exerceria durante quase 40 anos, mais exatamente até 1966, quando seria substituído pelo filho Walter. Eduardo, por sua vez, foi eleito para o Conselho Fiscal. Ao lado do padre Sorg, escolhido como secretário, os irmãos eram os principais nomes da primeira diretoria do apelidado *Hermes Bank*, o qual estaria ligado, dali em diante, ao desenvolvimento não apenas da então vila de Agudo, pertencente na época ao município de Cachoeira do Sul, mas de toda a região Centro Serra, como se verá a seguir.

Johannes Genossenschaft, do alto de seus quase 90 anos muito bem vividos, ficava emocionado cada vez que rememorava a história dos precursores do cooperativismo de crédito na região. Mais uma vez sentado em sua poltrona preferida, ao lado da janela da sala, folheando livros e recortes sobre a história de Agudo, vez por outra suspendia a leitura, recostava a cabeça, fechava os olhos e refazia mentalmente a saga dos imigrantes e, também, de seus primeiros descendentes em terras brasileiras. Reconstituir os passos daqueles homens e mulheres era sempre motivo de alguma comoção e

orgulho. Naquela época, havia muitas dificuldades de deslocamento e de comunicação, que afetavam a toda a comunidade, mas no caso dos fundadores da Caixa Rural, tornavam ainda mais desafiadora a tarefa de “combater a usura, disponibilizando aos associados os recursos necessários para investirem em seus pequenos negócios”, como diziam os estatutos da instituição.

E por que os produtores da região precisavam de crédito? Ora, a infraestrutura do Estado, como um todo, e da região, em particular, em geral deixava a desejar: as estradas eram de chão batido, as pontes costumavam estar em estado precário, enquanto os portos fluviais não eram bem equipados. Sendo assim, o meio de transporte mais comum era o cavalo, ainda que houvesse também, em número reduzido, algumas carroças e, também, *aranhas*, espécie de charretes com rodas enormes. A dificuldade em percorrer as distâncias em relação ao centro das decisões, e mesmo de acesso a Cachoeira do Sul, a sede do município, resultava, como é fácil concluir, também em dificuldade de crédito para os agricultores e colonos. É bem verdade que havia representantes regionais, mas a sede de boa parte dos bancos privados ficava na Capital, e as decisões dos homens de Porto Alegre quase sempre eram baseadas em não correr muitos riscos. Restavam, assim, os grandes financistas locais, que operavam com juros exorbitantes, o que, não raro, resultava no acúmulo de dívidas impagáveis.

Vô Johannes havia lido em diferentes livros que foi em meio a este cenário que ganhou repercussão a iniciativa do padre Theodor Amstad, o qual, depois de fundar a cooperativa de Nova Petrópolis, em 1902 (a segunda das Américas, sendo precedida apenas por uma iniciativa no Canadá), ajudou na criação de outras 41 cooperativas

de crédito no Rio Grande do Sul naquela primeira metade do século XX. Como refere João Carlos de Los Santos, autor do livro *Os 25 anos da retomada do cooperativismo de crédito brasileiro* (que vô Johannes tinha acabado de reler!), além de trazer uma possibilidade de desenvolvimento sustentado, harmônico e democrático, “o pá-roco [Amstad] contribuiu para o fortalecimento do sentimento de comunidade, em que a união dos indivíduos traria benefícios a todos”. Dotado de visão a longo prazo, Amstad preocupava-se também com a educação: “Desde o início, propunha desenvolver a cultura da poupança entre as crianças, forma encontrada para que soubessem desde pequenos a importância de se ter responsabilidade com o dinheiro e com o trabalho, sem esquecer os princípios da cooperação entre seus pares”. De certa forma, o padre Theodor pode ser considerado o padrinho do Programa A União Faz a Vida.

A Caixa Rural de Agudo, portanto, não estaria sozinha em sua tarefa de levar desenvolvimento ao agronegócio local. Seu estatuto, inclusive, adotava o modelo de outras cooperativas similares. Até porque dois anos antes, em 1925, havia surgido a Federação das Caixas Rurais, a qual adotou a denominação Central das Caixas Rurais da União Popular do Estado do Rio Grande do Sul. A sede da Central ficava na Rua Uruguai, em Porto Alegre, e buscava a expansão e independência do segmento de crédito. Na prática, sua constituição ocorreu mesmo em Santa Maria, como também registra João Carlos de Los Santos. Ou seja, os ares do cooperativismo impregnavam positivamente os produtores da região.

A contribuir para que a denominação *Hermes Bank* se tornasse popular em Agudo, destaca-se o fato de que a cooperativa funcionou, durante muito tempo, em uma peça da casa onde residia Arthur

Arnoldo, o mais moço dos filhos de Peter Hermes. A máquina de escrever dos primeiros tempos inclusive era de propriedade dele, e só foi substituída anos depois, em 1942, quando uma assembleia de associados autorizou a diretoria a adquirir um equipamento novo para a cooperativa. O expediente inicialmente restringia-se a um único dia da semana, aos sábados, e somente em 1946 a cooperativa passaria a atender às segundas-feiras.

A residência onde morou Arthur Arnoldo segue existindo e fica na localidade de Canto Católico, que, como o nome explicita, era o local que concentrava muitos imigrantes alemães e seus descendentes que eram minoria em relação ao maior número de luteranos. No Canto Católico foi que a vila (então 5º distrito de Cachoeira do Sul) começou a se expandir. Ali havia, além do *Hermes Bank*, também a casa paroquial (depois transformada em hospital, o primeiro da localidade), uma farmácia, o seminário franciscano (cuja pedra fundamental é de 1929) e a igreja.

Arthur Arnoldo, registram as pessoas que o conheceram, sempre foi um homem de posições rígidas, muito sério e sisudo. Bem diferente do irmão Eduardo, que morava no terreno ao lado, e que se dedicava à construção de lápides (há um cemitério no Canto Católico, onde, a propósito, foi enterrado o corpo de Peter Hermes). Ao que consta, Eduardo era muito alegre e dado a comentários engraçados sobre qualquer assunto. Além de vizinhos, Arthur Arnoldo e Eduardo eram casados, respectivamente, com as irmãs Amália Henrietta e Ottilia Emilia. Ninguém sabe ao certo, mas foi provavelmente em razão do temperamento irreverente e divertido de um, em contraste com a seriedade do outro, que, em certo momento, houve um desentendimento muito forte entre ambos, o qual teria

dado origem a uma inusitada cerca dupla, ou “cerca da vergonha”, separando os terrenos: cada um dos irmãos Hermes fez questão de construir a sua própria estrutura, para demarcar, de forma explícita e inequívoca, o pedaço de terra que pertencia a este ou àquele.

Outro episódio que retrata bem a personalidade forte de Arthur Arnaldo diz respeito à fé. Em determinado momento, ele ficou indignado com a repercussão crescente de que o Vaticano nada fazia para coibir abusos na concessão de indulgências, e mesmo na venda delas. As indulgências sempre geraram muita polêmica, pois partiam do pressuposto de que quem admitisse um pecado poderia “compensá-lo” executando alguma obra na paróquia a que pertencia, ou então fazendo doações em dinheiro à igreja, o que teria gerado um comércio paralelo deste perdão. Arnaldo indignava-se com tais conceitos e também com as informações de que se comercializava lugar no céu aos mais abastados. Foi ficando cada vez mais desconfortável, até que, em determinado momento, decidiu abandonar o catolicismo e se converteu ao luteranismo, pois esse era justamente um dos pontos importantes da reforma proposta por Martinho Lutero, em 1517.

A decisão do mais novo dos irmãos Hermes causou impacto, uma vez que ambas as correntes religiosas, ainda que cristãs, mantinham, até então, um distanciamento quase absoluto. Como mencionado anteriormente, foi o pastor luterano Richard Rudolf Brauer, que chegou a Agudo em 1937, quem buscou incessantemente aproximar católicos e protestantes, trabalho que colheria resultados somente muitos anos mais tarde. Leomar Hermes, neto de Jakob e conhecido de Johannes, uma vez contou que a vó, Emma Mattje, pessoa muito culta, de origem francesa e que ficava “doente quando

não tinha o que ler”, dizia que “luterano não era gente”. Sempre que havia baile na vila, no dia seguinte fazia questão de perguntar às filhas com quem elas haviam dançado, torcendo para que não tivesse sido com um protestante. Imagine-se, em meio a este contexto, a repercussão da decisão do cunhado, Arthur Arnoldo, que abandonou o catolicismo para se tornar luterano.

Vô Johannes ia tomando notas em um bloco, registrando apenas algumas palavras-chave, para, depois, usá-las como roteiro para recontar a história para o neto, que talvez fosse preferir gravar a conversa no celular, ou então em um gravador digital que havia ganhado há pouco, de maneira a facilitar a retomada dos conteúdos, quando fosse preciso. Voltando aos primeiros tempos da Caixa Rural de Agudo: no livro de João Carlos de Los Santos, consta que foi a partir da chegada ao poder de Getúlio Vargas, então governador gaúcho que virou presidente da República por meio de um golpe militar, em 1930, que as cooperativas de crédito receberam um grande impulso. Até porque, com a quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, gerou-se uma crise mundial sem precedentes, reduzindo a circulação de capitais e, portanto, dificultando ainda mais o crédito ao setor produtivo.

Em 1932, Getúlio publicou um decreto por meio do qual as cooperativas passavam a ter as mesmas liberdades de atuação das instituições bancárias convencionais. Na página 17 do livro de Los Santos, consta o seguinte: “No período que vai de 1932 a 1964, observa-se um ‘boom’ de cooperativas de crédito, com objetivos diversos e muitas vezes sem qualquer vínculo com a produção agrícola. Estas novas cooperativas de crédito mútuo cresceram em quantidade de modo espetacular”. Também é verdade, aponta o livro,

que “muitas cooperativas abertas foram utilizadas apenas com fins escusos, com foco unicamente no potencial arrecadatário de suas operações”. Não foi o caso de Agudo, que logo se tornou uma das propulsoras do desenvolvimento da região.

O desenvolvimento da Caixa Rural foi gradual e sólido, pois havia muita atenção com o equilíbrio das finanças. Há uma curiosa anotação em uma das atas do ano de 1931, dando conta da preocupação em expandir a área de atuação: “A Caixa Rural, preocupada com a divulgação da agência, resolveu fixar placas em lugares vistosos nas proximidades da sede”. Em fevereiro de 1933, “ficou decidido que a agência da Caixa Rural de Agudo passaria a assinar o jornal *Deutsches Volksblatt*. A Assembleia decidiu por bem pela aquisição de um cofre de ferro e da ida de um delegado à Assembleia Geral das Caixas Rurais do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre”. Ao longo dos anos, como resgata o historiador William Werlang, “os documentos da Caixa Rural revelam várias atividades beneficentes, como, por exemplo, a decisão de não cobrar o valor das cadernetas aos clientes e a doação de 40 mil réis ao Colégio Santa Therezinha e outros 40 mil réis ao Colégio Centenário (atual Escola D. Pedro II)”.

Ao final de 1934, a cooperativa contabilizava 85 sócios matriculados. O número parece insignificante, se comparado com os quase 60 mil associados em 2017. Mas foram aquelas pessoas, com forte espírito coletivo, que permitiram à Caixa Rural seguir sua trajetória ao longo dos anos, enfrentando com determinação as muitas dificuldades, sempre alicerçada nos valores do cooperativismo.



Contexto. Essa palavra sempre esteve no horizonte mental de Johannes Neto desde pequenino. Ele fazia questão de entender não apenas *como*, mas também *por que* as coisas aconteciam, quais circunstâncias levavam os fatos e a realidade a serem assim ou assado. Era uma forma de pensar, um modelo de raciocínio, um jeito de olhar a vida que nasceu com ele e sempre aparecia, em especial quando se deparava com situações desconhecidas ou que lhe despertassem um grande interesse, por qualquer razão específica. Foi por isso que ele começou a se perguntar, em meio aos papos com o avô sobre a história do cooperativismo na região, por que havia surgido a iniciativa de fundar uma cooperativa em Agudo, nos idos de 1927. Qual havia sido o contexto que mobilizou aquelas pessoas a se reunirem em torno da Caixa Rural União Popular, com o objetivo de proporcionarem crédito, fosse para elas mesmas ou para outros produtores, desde que ligados à agricultura e a outras atividades produtivas similares?

Não precisou de muito tempo até localizar na internet um material interessante, que ressaltava o caráter diferenciado da colonização alemã na então Colônia Santo Ângelo. O trabalho, apresentado em um Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, em Londrina, no Paraná, em 2007, afirmava que “o estabelecimento dos colonos de origem germânica propiciou (...) a implantação de novas culturas agrícolas, técnicas diferenciadas de manejo de solo e planta, e o nascimento de um formato de organização comunitária e de agricultura de base familiar até então pouco conhecidos e praticados nesta região”. Johannes achou interessante saber que seus antepassados chegaram ao Brasil e encontraram condições bastante precárias, tendo sido reservados a eles locais onde a pecuária, que preponderava na economia local, não tinha condição de se desenvolver. Ainda assim, conseguiram se superar. E acabaram por transformar as desprezadas áreas pantanosas, alagadiças e de montanhas da região em um núcleo produtivo. Não por acaso, ali havia surgido o primeiro polo de produção de arroz irrigado do país. E hoje, os gaúchos são os maiores produtores deste grão do Brasil!

O garoto seguiu lendo, entusiasmado: “De outro lado, os imigrantes alemães, ao contrário do que almejavam as autoridades da época, não se constituíam somente de agricultores. Existiam dentre os imigrantes várias profissões, desde carpinteiros, marceneiros e ferreiros, até comerciantes, professores e artistas. Estes diferentes profissionais vinham para a América para melhorarem de vida e, apesar de terem sido obrigados a se dedicar, inicialmente, a atividades agrícolas, muitos deles, desde logo, passaram a desenvolver outras atividades nas colônias ou nas cidades próximas”. Outra vez

Johannes ficou bastante impressionado com o que leu, pois era uma clara demonstração de como, por mais que determinados processos, como o da colonização, fossem planejados, havia sempre algo de inusitado na capacidade das pessoas de se reinventarem, especialmente quando havia entre elas um espírito de associativismo, de trabalho coletivo.

O texto acrescentava outros aspectos, como o de que, com o desenvolvimento da produção agrícola das colônias, novas oportunidades se abriam para estes comerciantes, artistas, professores, entre outros profissionais, transformando as colônias e as cidades fundadas pelos alemães em polos dinâmicos de desenvolvimento. Outro fator de destaque que a implantação das colônias germânicas no Rio Grande do Sul possibilitou foi a introdução do protestantismo luterano e a sua carga cultural em meio ao catolicismo predominante, mas isso Jojô já havia comentado com o avô. Ele logo lembrou de vô Johannes ter dito que, em 2017, estavam sendo comemorados os 500 anos do luteranismo no mundo. Ali na colônia, o primeiro culto luterano foi realizado em 1862, pelo pastor Erdmann Wolfram, no moinho de Augusto Pötter. Quando não havia pastor, os próprios colonos presidiam cultos, batismos, casamentos e enterros.

Mas Jojô ainda estava buscando estabelecer uma conexão mais concreta daquelas características todas dos imigrantes alemães, fossem eles católicos ou luteranos, com o cooperativismo. E então leu, em determinado trecho, o seguinte: “Estas inovações trazidas pelos imigrantes germânicos logo provocaram mudanças na economia e na vida cultural da região central gaúcha, gerando certo dinamismo econômico e fortalecimento da organização social, o que tornou possível o desenvolvimento da colônia e sua integração na economia

do Estado”. Pois muito bem, ali estava um indicativo concreto de que o DNA da colaboração e do espírito coletivo, com o objetivo de gerar desenvolvimento econômico, estava presente também nos fundadores da Caixa Rural de Agudo!

Havia um outro elemento importante na trajetória de sucesso da cooperativa, ou *Hermes Bank*, que Jojô só iria se dar conta um pouco mais adiante, quando ele e o avô conversaram com Leomar Hermes sobre a história de seus antepassados: a relevante presença dos irmãos Hermes na comunidade. Leomar, a propósito, foi quem organizou três encontros dos descendentes de Peter Hermes, o primeiro deles em junho de 2010, quando se comemoraram os 125 anos da imigração alemã para a região. Foi Leomar quem comentou que Jakob, por exemplo, além de primeiro presidente da Caixa, cargo que exerceu até 1942, era músico (tocava instrumentos de sopro) e, também, mestre de obras. Havia participado, inclusive, da construção do seminário franciscano, erguido no Canto Católico, onde ainda hoje há uma pedra com a inscrição “1929”, marcando sua inauguração. Arthur Arnoldo, gerente da Caixa Rural União Popular, era professor e muito respeitado na comunidade pela seriedade. Franz Joseph, outro dos irmãos Hermes fundadores da cooperativa, dedicou-se ao comércio. Ele gerenciava o hotel e um mercado que funcionavam no prédio da antiga rodoviária de Agudo, além de tocar um moedor de grãos, que também pertencia à família Hermes. Eduardo, como já mencionado, fabricava lápides e túmulos.

Apesar de extremamente dedicados a suas profissões e atividades, obviamente os irmãos Hermes enfrentaram os mesmos dilemas da época. Afinal, as dificuldades logo no início da colonização persistiram durante anos e foram marcantes, demorando muito tempo

para que as deficiências de infraestrutura de transporte e comunicação, por exemplo, fossem corrigidas. Este, a propósito, seria um dos aspectos que, anos mais tarde, levaria a população de Agudo a se movimentar, no sentido de obter sua independência de Cachoeira do Sul, município ao qual a vila, depois elevada à condição de 5º distrito, estava vinculada. Em suas leituras no notebook, Jojô aprendeu que “o desenvolvimento mercantil da colônia foi lento em seu início, uma vez que a capacidade de escoamento da produção era limitada. O centro regional de vendas dos produtos agrícolas era Cachoeira do Sul, cerca de 70 km a sudeste da colônia, e que era atingido pelos modais terrestre e fluvial. A estrada era precária em virtude da quantidade de rios a serem atravessados e que não permitiam a travessia a vau, exigindo a construção e reforma de pontes, que muitas vezes o governo não executava”.

Aquelas características da segunda metade do século XIX perduraram durante toda a primeira metade do século XX. E como vô Johannes iria contar para Jojô no dia seguinte, quando tivessem um novo encontro para falar sobre a gincana, foram um dos fatores que levou a população a se indignar.

O garoto seguiu navegando pela internet e então se deparou com a notícia de que 1927 havia sido marcante na história do agro-negócio gaúcho, pois foi nesse ano que surgiu a primeira federação da agricultura do país. A Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul (FAR) foi o embrião da atual Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), e nasceu em 24 de maio de 1927, durante o 2º Congresso Rural, realizado no Theatro São Pedro. Johannes achou aquilo curioso, pois sabia que o teatro havia ficado muito tempo fechado, até ser completamente

reformado e reaberto no início dos anos 1980. Mas não sabia quase nada da história do São Pedro anterior a este segundo período, desde sua fundação e até o fechamento, no início dos anos 1970. Iria reservar um tempo para pesquisar sobre o assunto, já que o teatro estaria completando 160 anos em 2018 e era uma referência cultural importantíssima para os gaúchos.

Voltando ao agronegócio: a Farsul surgiu para dar conta dos novos desafios do setor agropastoril do Estado, com a decadência do charque, de um lado, e o surgimento dos primeiros frigoríficos e engenhos de arroz, de outro. Não por acaso, no ano seguinte, em 1928, nasceria o Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), fundado para atender a uma reivindicação dos produtores, que clamavam por crédito. Fazia todo o sentido, portanto, que uma cooperativa com os mesmos fins nascesse em Agudo. Era preciso gerar recursos para propiciar o desenvolvimento da vocação agrícola do Estado, tão bem assimilada pelos imigrantes alemães.

João estava ficando cansado de ler na tela do notebook e decidiu relaxar um pouco. Quando saiu do quarto e entrou na sala, viu um exemplar de *Zero Hora* em cima da mesa. Era o caderno PrOA, publicado na edição especial de sábado e domingo. Estava aberto e dobrado em um artigo do psicanalista Abraão Slavutzky, com o título “As conversas podem mudar a vida”. Ele achou o tema interessante, até porque uma das coisas que mais gostava de fazer era justamente conversar, ouvir as pessoas contarem histórias. Logo no primeiro parágrafo, ficou pasmo com a capacidade do autor, de traduzir o que ele intuitivamente sentia, em especial quando tinha oportunidade de bater longos papos com o avô, mas também com o

tio Rodolfo, que morava em Porto Alegre e, a propósito, deveria vir a Agudo nos próximos dias:

“A trajetória do ser humano está marcada por conversas. Em especial por frases que guardamos na memória, frases que tocam a alma. Quando uma palavra nos toca, gera reações ao excitar fantasias inconscientes. As conversas são indispensáveis, pois dispersam a escuridão, aliviam a solidão, animam e são verdadeiros remédios da alma. A arte da conversa constrói os amores da vida, e requer o importante silêncio de escutar; um silêncio que vale ouro. Precisamos do outro para sonhar e manter viva a imaginação”.

O garoto estava emocionado. Era exatamente assim que ele se sentia! Perguntou à mãe se podia pegar o suplemento, pois queria mostrar para o avô, no dia seguinte. Ele mal sabia da surpresa que teria: vô Johannes também havia separado o exemplar do jornal, para mostrar o texto ao neto, de quem se lembrara imediatamente ao ler o artigo. Que sinergia havia entre esses dois!

“O café é escuro como a noite e bom como o amor.” A frase é uma das preferidas de Aldemar Evaldo Wrasse, mas pouca gente em Agudo o conhece pelo nome. Já se alguém perguntar por seu Max, o quadro muda de figura. Ele e um dos irmãos, Arlindo, estiveram à frente, durante muitos anos, da Yemen Torrefação e Moagem de Café, empresa fundada em 1942 e que só mais tarde, em 1955, passou para o controle da família Wrasse. Arlindo, registre-se, foi um dos primeiros vereadores do município, eleito com apenas 27 anos. E seu Max, por sua vez, teve participação importante na gestão da cooperativa de crédito, primeiro como secretário, durante dois anos (de 1972 a 1974), e depois como tesoureiro, cargo que exerceu por longo período, mais exatamente até o final da década de 1980.

Falante e bem disposto, seu Max havia estabelecido uma forte amizade com Johannes Genossenschaft, pois foram contemporâneos de muitas assembleias de associados da cooperativa, apesar de Johannes ter 15 anos a mais (ele faria 90 em outubro, enquanto

seu Max havia completado 74 anos em maio). E foi justamente na ampla e iluminada Agência da Sicredi Centro Serra de Agudo, na Avenida Concórdia, que casualmente eles se encontraram. Depois de efusivos abraços, sentaram-se nas cadeiras em frente à mesa de Alci Muller, atual gerente da cooperativa. E foi assim que os três filhos de Agudo entabularam uma longa e agradável conversa naquela tarde ensolarada de quarta-feira.

O encontro casual redundou em oportunidade de relembrar os velhos e bons tempos, alguns deles anteriores à emancipação do município, situações que, eventualmente, um dos presentes havia vivenciado, outras que sabiam de ouvir falar, contadas por parentes e amigos. Seu Max, por exemplo, nascido em 1943, era quase um bebê quando os horrores da Segunda Guerra Mundial atingiram muitas comunidades de imigrantes alemães, a exemplo de Agudo. O irmão dele, com quem havia trabalhado na fábrica de café e que nascera em 1932, teve uma experiência um tanto mais traumática. Como muitos descendentes de imigrantes, Arlindo, falecido em 1999, costumava contar do drama vivido por quem só sabia falar alemão — não eram poucos — e era perseguido de forma indiscriminada, tão somente por ser de origem teutônica. Johannes Genossenschaft aproveitou para comentar que estava relendo o livro sobre o centenário da igreja evangélica luterana na região, comemorado em 1967, o qual trazia, também, um relato sobre os primórdios do processo de emancipação do município. No texto, assinado por Aldo Luiz Germano Berger, há uma passagem sobre a época da guerra. Ali se registra que o povo teuto-brasileiro sofreu muito com as perseguições:

“As próprias entidades sociais e recreativas sentiram os reflexos negativos da guerra. Agudo, nas décadas de 1930 e 1940, possuía entidades que eram de relativa pujança, mas que infelizmente deixaram de existir ou não possuíam mais condições de sobrevivência. (...) É de lamentar o que ocorreu causado pela guerra, não apenas paralisando determinadas entidades ou suprimindo reuniões sociais ou divertimentos públicos locais, assim como teve outros reflexos negativos nos diversos distritos. Nosso progresso foi atingido severamente. No decênio de 1940 a 1950, nenhum empreendimento de vulto surgiu na região. As construções no centro urbano diminuíram sensivelmente, a ponto de não se edificar durante vários anos”.

Registros nas atas da Caixa Rural davam conta que, no ano de 1944, havia se reduzido sensivelmente a presença de associados nas assembleias, muito provavelmente por temor de represálias. Em meio a um momento de silêncio que ficou pairando no ar, em razão do tema pesado, Alci Muller lembrou que estava de posse de uma cópia do levantamento das principais datas referentes à história da cooperativa, organizadas por Ivo Goltz, ex-presidente da instituição, que liderou a cooperativa entre 1990 e 1999. Era uma forma de retomar a descontração da conversa, pois havia dados e fatos curiosos reunidos no documento. De pronto, os três se divertiram com o fato de as folhas terem sido datilografadas por Goltz (máquinas de escrever, hoje em dia, em geral são peça de museu); depois, passaram a examinar com cuidado algumas datas curiosas, e, assim, esqueceram do período da guerra e suas tristezas.

Por exemplo: em 1942, depois de 15 anos e cinco mandatos consecutivos, Jakob Hermes foi substituído na presidência da Caixa

Rural União Popular por Emilio Carlos Cassel, até então secretário. E quem assumiu como secretário foi Armando Goltz, pai de Ivo (o autor do documento que estava sendo apreciado naquele instante). Apenas dois anos depois, em 1944, em razão da mudança de Cassel para outra cidade, assumiu a presidência da Caixa Rural Jacó Germano Hentschke, que foi presidente até 1955, ano em que faleceu. Em sua gestão, mais exatamente em 1946, o expediente da cooperativa foi transferido para as segundas-feiras, em lugar dos sábados, como ocorria desde a fundação.

Em 1952, outros três fatos dignos de nota. O primeiro: Walter Hermes, filho do gerente, Arthur Arnoldo, foi contratado como auxiliar em 30 de junho (anos mais tarde, em 1966, Walter assumiria o lugar do pai, cargo que ocuparia durante 17 anos seguidos, sendo, também, substituído pelo filho, Eron, que, por sua vez, permaneceria como gerente durante 13 anos). O segundo: na mesma data em que Walter foi contratado, foi decidida a ampliação do expediente, com o atendimento ao público e associados ocorrendo também nas terças-feiras, além das segundas. O terceiro: em 21 de agosto de 1952, foi realizada a celebração dos 25 anos da Caixa Rural, evento que contou com a presença dos presidentes da Central das Caixas, Carlos Oscar Kartz, e da Caixa de Santa Maria, Fernando Friedriech, entre outras autoridades.

O historiador William Werlang, que trabalhou durante algum tempo em uma pesquisa sobre a história da Caixa Rural União Popular de Agudo, localizou um interessante relato feito pelo professor Willy Roos, na época correspondente em Agudo do tradicional *Jornal do Povo*, de Cachoeira do Sul. Willy Roos, importante salientar, foi destacada figura na comunidade agudense, a ponto de

emprestar seu nome à principal e mais tradicional escola do município. A transcrição literal da reportagem havia chegado às mãos de Johannes Genossenschaft, que, naquele momento, contou aos amigos Aldemar e Alci o que lembrava de memória, prometendo enviar o texto completo a ambos, assim que possível. Com algumas imprecisões de nomes, é a seguinte a transcrição do relato de Roos:

“A Caixa Rural de Agudo, benemérita entidade creditária deste distrito, comemorou seu jubileu de prata dia 21 de agosto (de 1952). Além da quase totalidade de seus associados, contou a comemoração efetuada com a presença do Sr. Virgílio Jayme Zinn, Prefeito Municipal, Sr. Kortz, da Central das Caixas Rurais de Porto Alegre, Dr. Walter Cechella, da Caixa Rural de Santa Maria, o Gerente da Caixa Rural de Venâncio Aires e representantes de outros estabelecimentos bancários.

As festividades tiveram início às 10 horas com a execução do Hino Nacional pela Orquestra Roos, seguindo-se a sessão solene, aberta pelo Sr. Presidente da Central das Caixas Rurais, sendo após inaugurados os retratos dos Srs. Revmo. Padre Sorg, Jacó Hermes, primeiro presidente da Caixa Rural de Agudo, e Arnaldo Hermes, seu incansável gerente há 25 anos.

Fez uso da palavra a seguir o Dr. Walter Cechella, que em longo e brilhante improviso, realçou a meritória atuação dos homenageados, principalmente do gerente Sr. Artur Arnaldo Hermes, dissertando sobre o cooperativismo. Depois do representante santa-mariense, falou o de Venâncio Aires, congratulou-se pelos êxitos da Caixa Rural de Agudo. Finalmente em nome do Sr. Artur A. Hermes, falou o Ver. Pastor Brauer, dizendo:

‘O Senhor Artur Arnoldo Hermes, dinâmico e prestigioso gerente da Caixa Rural de Agudo, me pediu que, em seu nome, dirigisse algumas palavras de agradecimento a todos os participantes da festa comemorativa do vigésimo quinto aniversário deste nobre empreendimento que é a Caixa Rural de Agudo. Correspondendo ao seu desejo, quero em primeiro lugar agradecer ao diretor e seus cooperadores pela assistência no cargo e trabalho que durante os 25 anos lhe dispensaram, como pelo diploma de honra que hoje lhe conferiram pela sua ininterrupta atividade durante estes dois e meio decênios. Ao Sr. Vitor Hafner, que lastimavelmente não pode estar presente, queiram os Srs. da Central das Caixas Rurais transmitir os mais sinceros reconhecimentos pelo máximo de ajuda que tem orientado o Sr. A. A. Hermes. Além disso, o Sr. Hermes expressa seus profundos reconhecimentos a todos os sócios da Caixa Rural de Agudo, pela confiança que nele depositaram por nove vezes consecutivas para ser gerente.’

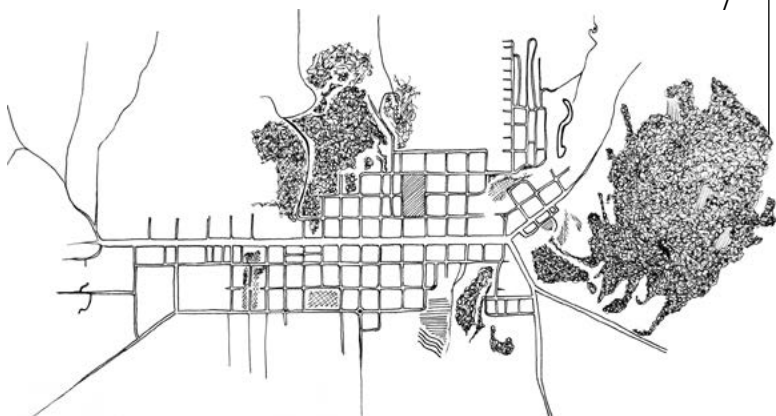
Disse a seguir o orador, do agradecimento do homenageado pelo apoio dos associados da Caixa Rural e do Conselho Fiscal, agradecendo, igualmente, os que com ele colaboraram, através de críticas construtivas ao seu trabalho, concluindo com as seguintes palavras: ‘Finalmente, e disso nunca devíamos esquecer, pode o Sr. Arnoldo Hermes, e podemos nós todos, agradecer de todo coração a Deus, por ter-lhe preparado a grande felicidade de durante 25 anos poder servir a esta grandiosa obra, e desta maneira, servir a vós, colonos, levando avante esta cooperativa bancária que é em seu todo uma instituição verdadeiramente sadia e progressista’.

Perto das 12 horas o Presidente da Caixa Rural de Agudo, Sr. Germano Hentschke, declarou a sessão por encerrada,

convidando todos os presentes para o grande almoço de confraternização, num ambiente de grande alegria e animação, sucedendo-se movimentadíssimo baile, iniciado às 15 horas e que se desenvolveu até altas horas do dia seguinte”.

Depois de Johannes alertar aos amigos que não lembrava de ter comparecido ao evento, e de sugerir que prestassem atenção ao período de duração da festa (detalhe que havia ficado gravado em sua memória quando da leitura do mencionado artigo de Willy Roos), os três amigos caíram no riso. Acontece que, enquanto Johannes resumia o texto, Alci procurou na internet e constatou que 21 de agosto de 1952 havia sido uma quinta-feira. Concluíram, às gargalhadas, que muita gente provavelmente havia “enforcado” o serviço na sexta-feira, ao menos no Canto Católico, onde ainda funcionava a sede da cooperativa.

Antes de se despedirem, prometendo marcarem novo encontro assim que possível, em ambiente mais adequado para mais risos e divertimento, Alci verificou nas anotações de Ivo Goltz que 1957 havia sido de muita movimentação na história da cooperativa. Até porque foi naquele ano que se iniciou com mais força o processo de emancipação de Agudo. O período era repleto de fatos curiosos, alguns dos quais com a participação da Caixa Rural, que seguia alcançando resultados positivos e vivenciava constante ampliação no número de associados. “Jojo vai gostar de saber deste meu encontro”, refletiu vô Johannes, enquanto voltava para casa, já pensando no dia seguinte, quando reencontraria o neto.



Quando estava retornando para casa, caminhando devagar, mas determinadamente, depois da divertida conversa com Alci Muller e seu Max, na Agência da Sicredi Centro Serra da Avenida Concórdia, Johannes Genossenschaft lembrou que pertinho dali, a menos de 50 metros da principal via de Agudo, ficava a casa de seu Walter Hermes. Eram pouco mais de 4 da tarde, portanto, provavelmente ele deveria estar em casa.

Fazia tempo que Johannes não sentava para conversar com seu Walter. Sabia que enfrentava sérios problemas de visão e andava bastante abatido. Em contrapartida, com 85 anos bem vividos (nasceu em 1932, o terceiro dos quatro filhos de Arthur Arnoldo e Amália Henrietta Franz), mantinha, ainda assim, a disposição para boas conversas. Inclusive não se furtava de lembrar com carinho o largo período dentro da Caixa Rural União Popular de Agudo, onde trabalhou por mais de 40 anos, primeiro como auxiliar, depois

como gerente, e por fim, em outras atividades administrativas. Seu Walter deu preferência para relembrar as coisas positivas que vivenciou na cooperativa desde 1952, quando havia sido admitido para trabalhar junto com pai, gerente da instituição desde 1927. “A minha vida era a cooperativa”, costumava comentar.

Johannes acertou no palpite: seu Walter estava em casa e ficou feliz por reencontrar o amigo e companheiro de muitas assembleias de associados da cooperativa. Assim que Johannes contou da conversa que havia tido há pouco, sobre a época da guerra e os anos que antecederam à emancipação de Agudo, seu Walter logo entrou no clima.

— Lembro que meu pai guardava em latas, que ficavam bem escondidas no alto de um galpão, as muitas cartas trocadas com familiares da Alemanha. Eu tinha pouco mais de 10 anos, mas não esqueço disso, do medo que havia, especialmente entre os alemães, de serem presos — recordou o gerente da Caixa Rural União Popular de 1966 a 1983.

Johannes, cinco anos mais velho que seu Walter, lembrou que alguns italianos, em razão do fato de Mussolini ter ficado ao lado de Hitler na guerra, também sofreram perseguições, mas os alemães, de fato, haviam sofrido bem mais. Em seguida, passou a comentar sobre a vida mais simples daquela época, com algumas dificuldades, obviamente, mas havia compensações. As atividades de lazer, por exemplo, não eram muitas: quase sempre se restringiam a jogar cartas ou ir a bailes. Com a diferença de que cada momento daqueles ganhava uma intensidade especial, justamente por serem mais raros. Ao que seu Walter completou:

— Era bem assim como estás dizendo... O Canto Católico, a propósito, tinha uma população maior do que aqui no centro da cidade, hoje. Tu não moravas lá, que eu me lembre. Pois foi lá que a cidade começou, na verdade. Tinha a igreja católica, enquanto a de vocês, luteranos, ficava aqui perto, na Concórdia mesmo, eu acho. A casa paroquial depois virou hospital, que mais adiante mudou de lugar, mas vai fazer 100 anos em 2018, veja só! Na época, tudo parecia mais distante, era só chão batido. Claro que tu te lembras que a gente se deslocava só de cavalo ou *aranha*... Luz elétrica, só de noite, entre 9 e meia-noite, graças a um motor do Broennig. Força mesmo, suficiente para ligar aparelhos e movimentar máquinas, só veio mais tarde, com a usina, depois da emancipação. A nossa primeira geladeira era a querosene. E lembro da primeira vez que eu fui a Porto Alegre. Tinha que pegar primeiro uma balsa para Restinga Seca, depois um ônibus até Cachoeira, e aí embarcar no trem, viajando a noite toda, chegando só de manhã na capital. Ir e voltar levava uma semana! — lembrou.

Johannes balançava a cabeça, afirmativamente, confirmando cada palavra de seu Walter, e teve que rir quando o amigo lembrou do comentário de um parente, quando retornou da primeira viagem a Santa Cruz do Sul, lá pelos anos 1940: “O mundo é grande!” A declaração tinha sua razão de ser: na época, era uma aventura percorrer os cerca de 100 km que separam as duas cidades, distância coberta atualmente em pouco mais de uma hora, de carro.

A família de seu Walter, assim como a dos demais irmãos Hermes e outros imigrantes que habitavam o Canto Católico, sabia bem o que aquele esforço das viagens significava, pois eram agricultores e plantavam para a subsistência, mas muitos tinham gado de

leite, e o queijo que produziam era vendido apenas em Cachoeira do Sul. E chegar lá tomava tempo e exigia disposição.

A conversa em seguida derivou para a época da luta pela emancipação. Johannes disse a seu Walter que tinha lembrança do ambiente na comunidade, pois tinha 30 anos na época, mas, mesmo assim, estava estudando com mais profundidade a história da região, em razão da gincana sobre cooperativismo, com a qual o neto estaria envolvido, caso ela de fato ocorresse. O avô de Jojô acreditava que havia chance de haver alguma tarefa sobre a época em que Agudo se tornou município, pois foi a partir de então que a economia local ganhou mais fôlego. Johannes, inclusive, contou a seu Walter que encontrou no livro dos 100 anos da comunidade luterana menção a um moderno mapa para a zona urbana de Agudo, que teria sido feito pelo agrimensor Arthur Knack, ainda em 1925. Será que aquilo poderia ser um indicativo de que desde aquela época havia quem pensasse em se separar de Cachoeira do Sul? Seu Walter ficou surpreso. Johannes, então, explicou:

— Lá no texto assinado pelo Aldo Luis Germano Berger, no livro que mencionei, ele diz que poucas cidades gaúchas contavam com um planejamento urbano tão arrojado, e que, de fato, acabou sendo colocado em prática a partir de 1932, quando Agudo virou distrito. As ruas tinham largura de 18 metros e calçadas de 3 metros, com previsão de ajardinamento dos futuros lotes residenciais — complementou Johannes.

A informação era muito interessante, mas o que seu Walter lembrava de ter vivenciado, pois contava na época com 25 anos, foi uma movimentação mais intensa apenas na segunda metade da década de 1950. O descontentamento em relação à desatenção de

Cachoeira do Sul com o 5º Distrito de Agudo vinha de longa data, e um episódio, em especial, havia acirrado ainda mais os ânimos. Foi em 1955, durante a Festa Nacional do Trigo, na sede do município. A comissão organizadora da festa decidiu marcar o encerramento do evento com um grande desfile de máquinas agrícolas e prometeu ressarcir os gastos com óleo ou gasolina dos produtores da zona rural que se deslocassem até o centro de Cachoeira do Sul. Agudo se mobilizou, levando nada menos que 56 tratores, a maior comitiva do interior. Só que os gastos com combustível não foram devolvidos. Se já havia mágoa com a administração central, aquela descortesia foi uma espécie de gota d'água. Dois anos depois, vieram as comemorações dos 100 anos de Agudo (os primeiros imigrantes alemães haviam chegado ao Cerro Chato em 1857), e então o sentimento de orgulho dos agudenses só aumentou. E junto com ele, acendeu-se, com mais força ainda, a chama do desejo de autonomia.

Seu Walter também lembrava que, em meio àquela profusão de sentimentos, os quais misturavam indignação com euforia, um fato um tanto raro em cidades do Interior deixou evidente o ambiente de comunhão na população local: a decisão de fundir em um só clube as diversas entidades recreativas do distrito. Foi assim que surgiu a Sociedade Cultural Esportiva Centenário, tendo Willy Roos como seu primeiro presidente. Com toda aquela empolgação, explodiu definitivamente o sentimento de independência.

A jornada durou dois anos, com muitas idas e vindas à Capital, inúmeras burocracias a serem cumpridas, com levantamento e registro das mais diversas informações. Armando Goltz, secretário da Caixa Rural União Popular desde 1942, fez parte da comissão de emancipação (depois, foi candidato a vice-prefeito, não tendo

sido eleito por apenas 85 votos de diferença em relação a Leontino Lindolfo Bartmann, escolhido por 889 eleitores). Já Arthur Arnoldo, gerente da cooperativa, deu importante contribuição ao realizar mais de 100 fotografias, anexadas ao processo encaminhado à Assembleia Legislativa. Com o auxílio do filho, Walter, ele retratou dezenas de casas comerciais, organizações industriais, escolas particulares, igrejas, construções de moradia, lavouras de fumo e de arroz, diversos ângulos da futura zona urbana da cidade, assim como vistas variadas.

Pouca gente sabe que a área de Nova Boêmia pertencia a Sobradinho, fez parte do processo de emancipação e só então foi integrada a Agudo. E menos gente ainda sabe que boa parte dos negativos do trabalho de Arnoldo (as fotos eram feitas com filme, pois o processo digital só seria inventado muitas décadas depois) estão em posse, hoje, de Janete Hermes Boeck, neta de Arnoldo e sobrinha de seu Walter.

A cooperativa, que desde 1955 estava sob a presidência de Ernesto Evald Martin, já em 1957 havia feito uma contribuição em dinheiro para auxiliar na construção de uma rede elétrica, para distribuir a energia de uma usina que estava sendo tocada pela administração municipal. A inserção da Caixa Rural junto à comunidade só fazia crescer. Até porque havia acontecido, naqueles anos 1950, um aumento de associações e da procura por empréstimos, e isso por duas razões: aos poucos, se iniciava o processo de mecanização das lavouras, e para comprar equipamentos, era necessário recorrer a financiamentos. Ao mesmo tempo, os juros oferecidos pela Caixa eram limitados por regulamentos, e ficavam bem abaixo do cobrado por particulares. Houve necessidade, inclusive, de exigir de

parte dos tomadores um depósito de 10% dos empréstimos, como garantia. Quando 1959 chegou, e Agudo finalmente alcançou sua emancipação, a Caixa Rural contabilizava perto de 600 associados.

A conversa com seu Walter havia sido tão boa que vô Johannes perdeu a hora. Só então se deu conta que a mulher, Gerda, deveria estar preocupada. Ele dissera que iria na Agência do Sicredi e não devia demorar. A visita a seu Walter veio de última hora. Como ele não gostava de usar celular, não tinha como ela se certificar se ele estava bem. Bem provável que tivesse ligado para Alci, o gerente do Sicredi, para saber do marido. Quando chegou em casa, foi justamente essa a reprimenda que recebeu:

— Onde você estava até essa hora? Eu estava preocupada! Liguei pra cooperativa, o Alci me disse que tu tinhas passado lá, mas saído há tempos! — exclamou a mulher.

— Fui até lá, encontrei o seu Max, ficamos de prosa. Tu lembra dele? Aquele do café Yemen — explicou Johannes.

— Lembro, claro. Foi da diretoria da cooperativa. Mas ficaram conversando até agora? Já está anoitecendo...

— Até agora, não, mas falamos bastante. Acontece que, quando saí de lá, no meio da tarde, passei na casa do seu Walter, para relembrar umas histórias sobre a emancipação de Agudo. Sabes como é, amanhã o Jojô vem aqui e vai querer saber detalhes e mais detalhes!

— Pois é, vocês dois agora só falam nisso... Eu acho bonito, um avô e um neto com essa proximidade toda. Mas, da próxima vez, vê se pede para alguém me avisar que tu vais demorar, hein?

Vô Johannes assentiu, com um leve movimento de cabeça, como que reconhecendo o erro e, ao mesmo tempo, dirigindo um olhar carinhoso para Gerda. Sentiu o coração aquecido pelo afeto

da mulher, sua companheira de tantos anos. Lembrou, como em um flash, que, depois de um prolongado namoro, haviam se casado em 1968, um tanto tarde para a média da época, pois ele já havia completado 40 anos, enquanto ela tinha 37. No ano seguinte, seriam as bodas de ouro do casal, portanto. Ele esperava que ambos tivessem saúde para celebrar uma data tão importante. E então foi direto para a cozinha, preparar um chimarrão, que pretendia sorver antes da janta. Ia aproveitar o conforto de sua poltrona para relembrar os detalhes das duas boas conversas do dia, as quais contaria, tintim por tintim, para o neto. Isso se Jojô não acabasse falando mais do que ele!

O que será que o vô andou aprontando para a vó ter ficado tão braba com ele?, pensou Jojô, enquanto seguia para mais um encontro sobre cooperativismo e história de Agudo com seu xará de quase 90 anos. Alguns minutos antes, a mãe havia recebido um telefonema de vó Gerda, querendo confirmar se o neto ia de fato passar por lá, pois no dia anterior o marido havia saído a tarde toda. Jojô notou que a vó emendou contando alguma coisa que a tinha incomodado, e assim que a mãe desligou o celular, perguntou o que se passava. Flávia não entrou em detalhes, soltando apenas um breve comentário, do tipo “tua vó queria matar teu avô, ontem. Ele, ou ela, te contam pessoalmente”.

Com o artigo de ZH sobre a importância das conversas embaixo do braço, o garoto caminhou rápido e assim que entrou na casa dos avós, quis saber qual era o problema.

— Teu avô quase me mata de susto... Saiu de casa umas 2 e meia da tarde, dizendo que ia no Sicredi, e voltou quando já estava escurecendo. Fiquei assustada e furiosa!

O tom de voz não parecia de quem estava realmente furiosa: era mais de preocupação do que de indignação ou de irritação. Até porque dificilmente a avó perdia o controle, ao menos em relação às idas e vindas do marido. Já vô Johannes, quando entrou na sala, fez que não escutou o que a mulher dizia, pois não queria perder tempo com aquilo. Muito rapidamente, pegou de dentro de uma pasta o exemplar do encarte de *Zero Hora*, o mesmo que o neto havia separado em casa. Os dois riram muito e trocaram um olhar de cumplicidade pela coincidência do gesto. Vô Johannes ficou olhando para o encarte, até que comentou:

— O trecho que eu mais gostei do artigo do Slavutzky foi esse: “Estamos carentes de bons diálogos e de palavras marcantes. No fundo, precisamos do espanto, da surpresa. Espanto, em grego, é ‘thaumázein’. Fiquei espantado com essa palavra, pois o conhecimento nasce dela. Do espanto também nasce a poesia, à medida que obriga a pensar, mas também desperta as emoções, a vivacidade pura. Estamos, assim, no terreno da imaginação de um ‘Abre-te, sésamo’, para perceber como as palavras mudam a vida”. E tu, o que te chamou mais a atenção?

João leu a parte que mais havia gostado, e depois ambos ficaram breves minutos pensativos, olhando para a luz que entrava pela janela, analisando a beleza dos raios de sol que compunham um mosaico de tons ao se chocarem com as cores vivas do tapete a seus pés. Momentos de silêncio eram raros entre eles, pois avô e neto costumavam estar entusiasmados e falantes, seja lá qual fosse o assunto.

Passada a breve pausa, João desandou a contar sobre as coisas que havia lido sobre cooperação, cooperativismo, etc, e o avô, na

sequência, relembrou com detalhes o papo com os amigos, seguido da longa conversa com seu Walter.

— Que tempos agitados e interessantes aqueles, hein, vô? — disse o garoto.

— Pois é, mas assim como dizem que depois da tempestade vem a bonança, nas décadas de 1960 e 1970 aconteceu o contrário: foram anos um tanto traumáticos, sabes? Na verdade, aconteceu muita coisa boa aqui em Agudo, mas, no geral, se iniciou um momento bem complicado para o cooperativismo — respondeu o avô.

Jojô ficou curioso e quis saber detalhes. O avô, então, fez questão de ler para ele algumas anotações do ex-presidente Ivo Goltz, com base na leitura das atas das assembleias. A ideia era que o garoto entendesse um pouco melhor o que se passava na cooperativa no momento em que começaram a vir as más notícias, a partir de 1964, e que perdurariam por pelo menos 15 anos.

Em meio aos primeiros tempos de Agudo já na condição de município, graças à bem-sucedida campanha de emancipação, coroada com a eleição, em 1959, para escolha do primeiro prefeito, vice e Câmara de Vereadores, a Caixa Rural União Popular viveu fortes emoções. A notícia do golpe civil-militar, na noite de 31 de março para 1º de abril de 1964, que colocou no poder uma junta para substituir o presidente João Goulart, caiu como uma bomba em Agudo, como, de resto, em todo o país. Para completar o drama, naquela mesma semana faleceu Jakob Hermes, fundador e primeiro presidente da cooperativa.

No ano seguinte, uma importante decisão: na assembleia de março de 1965, a diretoria foi autorizada a transferir as instalações da Caixa Rural para a área central do jovem município. Tratava-se

de uma decisão muito significativa, pois desde 1927 o *Hermes Bank* havia funcionado no Canto Católico. De início, foi alugada uma sala no térreo da Associação Rural de Agudo, onde funcionava a cooperativa de produção do município. Aproveitando a transferência, o expediente foi ampliado em um dia: em lugar de apenas nas segundas e terças-feiras, o atendimento passou a ser realizado nas segundas, quartas e sextas. No início de 1966, mais uma ampliação do expediente: a Caixa Rural passou a atender diariamente, em dois turnos, fechando entre 11h30min e 13h30min.

Outra alteração muito significativa, que seria concluída ainda no primeiro semestre, foi a saída de Arthur Arnoldo da gerência. O filho, Walter, vinha ganhando mais e mais atribuições no dia a dia da cooperativa, até que, em 6 de fevereiro de 1966, ficou decidido que ele assumiria as funções do pai. Até porque Arnoldo, já com 65 anos, preferiu permanecer no local onde havia nascido, não fazia questão de deixar o Canto Católico. Como não poderia deixar de ser, recebeu muitas homenagens pelos quase 40 anos de serviços prestados.

Pouco tempo depois, a cooperativa mudou-se para o segundo andar, no mesmo prédio. Seu Max, o amigo de longa data de vô Johannes, havia mencionado, no dia anterior, que lembrava da complicada operação para içar um cofre para a parte de cima do prédio, subindo-o com cordas pelo lado de fora, contando com o auxílio de um trator, inclusive. E tudo isso em um sábado à tarde, movimentando o centro da pequena localidade. Aldemar Wrasse, a propósito, é um dos mais antigos sócios da cooperativa, orgulhando-se de ter o registro 0008-4 estampado no talão de cheques, número que o acompanha desde agosto de 1965. “Mais antigo que o amor pelo Sicredi só pelo Grêmio”, costumava dizer.

As tensões político-institucionais, resultado do regime militar, tiveram outras implicações, também bastante graves, em especial para o segmento cooperativo. Como refere João Carlos de Los Santos no livro que vô Johannes estava folheando naquele momento, “a reforma bancária de dezembro de 1964 pode ser encarada (...) como o primeiro grande revés para o estabelecimento da cultura cooperativista creditícia”.

— O que exatamente quer dizer isso, vô? — perguntou Jojô, enrugando a testa, um pouco confuso em meio a expressões técnicas que não conhecia.

— Que as cooperativas de crédito passaram a ter inúmeras restrições para funcionar, a partir de então. De certa forma, havia uma razão de ser para aquelas medidas, sabe? Lembra que comentamos outro dia que surgiram muitas e muitas cooperativas, depois da legislação que o Getúlio criou? Pois é, veio muita coisa ruim junto. Nem todas eram geridas por pessoas confiáveis, com os conselhos e assembleias fiscalizando tudo direitinho, como sempre ocorreu aqui em Agudo, por exemplo. Está aqui no livro, quer ver? — disse vô Johannes, lendo mais uma vez um trecho de *Os 25 anos de retomada do cooperativismo de crédito brasileiro*:

“As experiências malfadadas e mal-intencionadas fizeram com que a confiança nestas instituições fosse abalada consideravelmente. Como em outras áreas, a junta militar governativa aplicou um rigoroso processo de fiscalização e intervenção estatal tanto na autorização quanto no funcionamento das cooperativas de crédito.”

— Puxa vida... — comentou Jojó, um tanto desanimado com o relato.

— Pois é. Muitas cooperativas acabaram fechando, inclusive aqui no Estado. Eram mais de 50, restaram 14, apenas — disse vô Johannes, com o ar um tanto compenetrado.

Uma das consequências das novas legislações foi a determinação do Banco Central (Bacen) de que os depósitos de não associados fossem liquidados. Também foi estabelecido que os diretores eleitos para gerir a cooperativa precisavam ter seus nomes homologados pelo Bacen. E em 1969 houve até uma mudança de nome: a instituição passou a se chamar Cooperativa de Crédito Rural Agudo Ltda.

O avô seguiu explicando que, em 1971, foi publicada uma nova lei, instituindo o regime jurídico das instituições cooperativistas. Na prática, aquela medida do Conselho Monetário Nacional elencava o que se passou a denominar de “Regras do Não Pode”. Isso porque as cooperativas não podiam mais fazer uma série de coisas: não podiam operar com não associados, captar depósitos a prazo não remunerados, corrigir o capital dos associados, constituir cooperativas de segundo grau (as Centrais) e conceder empréstimos para aquisição de terras. O objetivo era limitar ao máximo que as cooperativas atuassem de forma similar aos bancos. Mas havia outras normas, que restringiam ainda mais a atuação das cooperativas. Vô Johannes leu para Jojó, mais uma vez:

“As associações deveriam ser contempladas apenas por agricultores. Anteriormente, era possível a participação de indivíduos de outros setores da economia;

— Os juros foram fixados em um valor muito aquém do esperado e necessário, tanto para os depósitos quanto para os empréstimos;

— Era obrigatório o depósito das reservas da cooperativa junto ao Banco do Brasil, sem remuneração;

— Exclusão das cooperativas da câmara de compensação de cheques, isto é, os cheques das cooperativas não poderiam ser compensados como os dos bancos”.

Mesmo sem entender muito de economia e contabilidade, até Jojó conseguiu perceber o quanto a atividade das cooperativas havia ficado mais restrita e engessada.

Vô Johannes comentou que muita gente pensou, inclusive, que aquele contexto poderia ser fatal para o cooperativismo de crédito. Entretanto, as poucas instituições que conseguiram sobreviver aos primeiros tempos nublados resolveram buscar uma maior proximidade. Logo no início de 1971, foi fundada, em Nova Petrópolis, a Federação das Cooperativas de Crédito Rural no Sul do País (Fecrusul). Na prática, era uma instituição informal, pois não havia previsão legal de sua existência nos normativos das cooperativas. Ainda assim, a Fecrusul cumpriu seu papel, naquele momento, como tentativa de reagrupamento das cooperativas que haviam conseguido sobreviver. Agudo se afiliou à federação em março de 1971.

A presidência da Fecrusul ficou a cargo de Olavo Schuetz, da cooperativa de crédito de Ijuí, tendo como secretário Cláudio Diehl, de Taquara, e Werno Blásio Neumann, de Nova Petrópolis, como tesoureiro. Reuniões passaram a ser realizadas três a quatro vezes ao ano, em locais diferentes. O objetivo era manter a união das cooperativas singulares, buscando maior espaço junto aos órgãos públicos, coordenando e uniformizando, tanto quanto possível, as operações das associadas, ao mesmo tempo em que se buscava interpretar as normas editadas pelo Conselho Monetário Nacional.

Em 1975, Eron Lidio Hermes, filho de seu Walter e neto de Arthur Arnoldo, foi nomeado auxiliar da cooperativa, e naquele mesmo ano foi realizada em Agudo uma das reuniões da Fecrusul. Em 1977, quando se comemoraram os 50 anos da Cooperativa de Crédito Rural de Agudo, e apesar de todas as dificuldades do cenário brasileiro, já eram 876 associados. Sucediavam-se os cursos e formações técnicas para os colaboradores, pois as alterações no regimento das cooperativas eram constantes. O próprio Eron passou a cursar Contabilidade, diploma que viria em 1980.

Ao final dos anos 1970, o cenário econômico brasileiro era preocupante, de maneira geral, e ainda mais grave para o segmento agrícola. Como o governo restringia cada vez mais o crédito, a alternativa para os produtores rurais era recorrer aos bancos. Como vô Johannes explicou ao neto, as instituições bancárias particulares têm por objetivo somente o lucro e consideram a produção rural uma atividade de risco, com prazo maior para retorno do investimento — o que significa taxas de juros maiores cobradas de quem toma empréstimo. Mário Krueel Guimarães, um dos nomes mais emblemáticos na recuperação do segmento do cooperativismo de crédito, resumiu assim a situação, em uma palestra realizada em 1980:

“Os cálculos mais otimistas nos dão conta de que, em cada seis safras, o produtor e suas cooperativas pagam o equivalente a duas às instituições financeiras, para remunerar o trabalho de intermediação dos recursos gerados na sua grande maioria pela própria agropecuária. Ou seja, o produtor planta para si dois terços de suas áreas de cultivo e uma para os bancos”.

Aquela situação não poderia continuar. E o início dos anos 1980 significaria o começo da tão esperada virada.

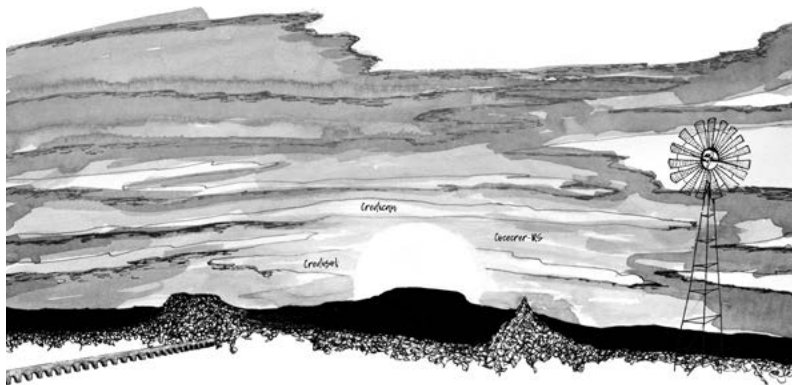
— Como foi isso, vô?

— Ah, meu neto, o vô agora vai ter que dar uma paradinha, porque estou um pouco amolado hoje. Talvez seja esse calor fora de época, em pleno julho, depois de uma geada, ainda outro dia... Podemos retomar a conversa amanhã? Até porque é muito importante que tu prestes bem atenção, pois foi um momento decisivo para tudo o que veio a acontecer depois e, entre outras coisas, significou o brotar das sementes que geraram o atual Sicredi. Com certeza, alguma coisa vai cair na gincana sobre isso.

— Tudo bem, vô. Eu já vou indo, então. Ah, esqueci de dizer! O tio Rodolfo me mandou um whatsapp, ontem, dizendo que neste final de semana vem para cá. Os primos vão estar de férias, talvez passem toda a outra semana aqui conosco. E ele sugeriu de nós irmos a Candelária, o que o senhor acha?

— Uma ótima ideia. Se o tempo continuar firme, vamos visitar uns lugares bem bonitos por lá e, quem sabe, encontrar algumas pessoas que tiveram relação direta com a Credican, a cooperativa de lá que, em 1996, se incorporou a Agudo. Quer ficar para jantar conosco? A vô fez uma cuca novinha, aqui a gente toma café, como tu sabes.

— Obrigado, vô! Fica para outro dia. Também estou um pouco cansado, e amanhã tenho uma prova de matemática, vou revisar umas coisas em casa. E vou ter que me esforçar para manter a concentração, porque fiquei curioso para saber como foi que as cooperativas saíram da encrenca!



Aquela conversa da tarde com vô Johannes sobre as dificuldades vividas pelas cooperativas brasileiras nos anos 1960 e 1970 havia deixado Jojô um tanto chateado. Talvez porque o avô tivesse uma forma envolvente de contar histórias e narrar fatos, mexendo com a emoção do neto. Ficava muito evidente o sentimento, fosse de entusiasmo ou desalento, em cada descrição de momentos históricos ou comentário sobre uma situação qualquer. Jojô tinha notado que, naquela tarde, o avô parecia ter se teletransportado, sentindo novamente na pele as angústias de muitos produtores e associados, e talvez mais ainda o sofrimento daqueles que eram responsáveis pela gestão das cooperativas, em especial as de produção, mas também as de crédito, que estavam vivendo uma fase de muitas restrições.

E o curioso é que os anos 1980 tinham tudo para não serem lá muito diferentes. Quando chegou em casa, logo que a noite caíra, Jojô engoliu um sanduíche, bebeu um copo de suco e, em seguida, foi para o quarto, estudar matemática. Foi então que lhe veio

à lembrança uma aula de história daquela semana mesmo (ou da anterior, não estava bem certo), em que a professora havia contado alguma coisa sobre a economia do país quando se iniciou a redemocratização: as coisas andavam literalmente de cabeça para baixo no Brasil. Jojô encontrou um texto em um livro de aula que dizia o seguinte sobre a chamada “década perdida”:

“Na média de uma vez a cada ano e meio, o país passou por sete planos de estabilização da moeda e 13 políticas salariais diferentes. As regras do câmbio mudaram 17 vezes, e o sistema de controle de preços sofreu 53 alterações. Os planos para encaminhar o problema da dívida externa foram 20, e os projetos de austeridade e cortes nos gastos públicos somaram 18 decretos. Nesse período, o cidadão brasileiro conheceu quatro moedas diferentes e calculou a desvalorização do dinheiro por dez índices variados. Entre as tantas tentativas de saída para reequilibrar a economia do país, uma das mais emblemáticas foi o Plano Cruzado, em 1986. Sintetizando, o governo de José Sarney determinou o congelamento de preços e reduziu artificialmente a inflação, que andava beirando os 40% ao mês. Nessa situação, se você recebesse R\$ 1 mil no início do mês, ao final de 30 dias esse valor teria se reduzido em média em 20%. E o que aconteceu com o fim da inflação, ainda que de forma artificial? Aumentou-se o poder aquisitivo, e as pessoas se atiraram ao consumo, que, obviamente, disparou. A oferta não tinha como acompanhar aquela demanda repentina. E a inflação acabou voltando”.

Jojô riu consigo mesmo ao pensar que se Robin tivesse lido aquilo, provavelmente exclamaria: “Santa confusão, Batman!” Aquele era um dos antigos seriados de TV que o tio Rodolfo vivia

comentando, saudosista que era. Ele próprio, Jojô, assistira alguns episódios, na época em que existiam locadoras de fitas-cassete e DVDs, agora um negócio quase em extinção, em meio ao advento do Netflix e de outros similares. Sempre ficava em dúvida se cenários como a Batcaverna e a sala do comissário Gordon eram um deboche ou apenas a linguagem da época, pois as situações e piadas soavam um tanto ridículas.

Fechado o parênteses mental aberto por ele mesmo, Jojô seguiu matutando sobre como teria sido o desenlace da situação de aperto das cooperativas, em meio ao caos da economia, e mais uma vez teve que fazer um esforço tremendo para se concentrar nos estudos. Resultado: foram apenas 45 minutos em cima dos livros, e logo o sono começou a bater. Decidiu que era melhor dormir cedo naquele dia. Matemática nunca havia sido grande problema para ele, que gostava da área de ciências exatas, e de qualquer forma tinha conseguido fazer uma rápida revisão. Estava confiante de que iria se sair bem.

E, de fato, não teve problemas. A prova foi relativamente fácil, ele inclusive conseguiu ser liberado mais cedo e foi para casa, tocar um pouco de violão, antes do almoço. Na sexta-feira à tarde, uma surpresa: quando estava se preparando para sair, deu de cara com o avô na sala. Sem nem bater, já foi entrando, como de costume, trazendo sua pasta com materiais embaixo do braço:

— Oi, Jojô! Resolvi dar uma variada no ambiente das nossas conversas. Tu não te importas, né?

— Claro que não, vô! Mãe, podemos ficar lá no escritório do pai?

Flávia mal teve tempo de responder que sim, e os dois já estavam se encaminhando para o gabinete onde Paulo, que era advogado, muitas vezes trabalhava, redigindo suas petições.

— Está bonito este escritório. Teu pai foi sempre muito organizado — comentou vô Johannes.

— E eu tento manter a ordem nas minhas coisas, também, mas nem sempre consigo... — riu Jojó.

Sentado em uma poltrona em frente à vistosa mesa do escritório, com Jojó ocupando a cadeira reclinável de Paulo, cheio de pose, vô Johannes foi logo citando o nome de uma pessoa muito importante em todo o processo de recuperação das cooperativas que estava por se iniciar, nos anos 1980: Mário Kruel Guimarães. Ele havia conhecido pessoalmente aquela figura, a quem aprendera a admirar. Antigo funcionário do Banco do Brasil e profundo conhecedor da realidade das cooperativas, tanto no Brasil como em vários outros países mundo afora, cujos modelos havia estudado em profundidade, exercera durante algum tempo a vice-presidência da Fecotrigo, a forte federação das cooperativas de produtores do grão no Rio Grande do Sul.

— No início de 1980, o Kruel foi chamado para coordenar uma comissão de reestruturação do crédito rural brasileiro. Trabalhou com ele o Werno Blasio Neumann, sobre quem já te falei, ligado à Fecrusul. Era de Nova Petrópolis, lembra? Vinha de uma linhagem de cooperativistas: o bisavô havia sido um dos fundadores e também gerente da primeira cooperativa de crédito do Brasil, em 1902, e depois o avô e o pai ocuparam a mesma função.

— Isso me lembra a história dos Hermes aqui em Agudo, né, vô? Deixa eu ver aqui nas minhas anotações: primeiro, o Arthur

Arnoldo foi gerente; depois, o filho dele, Walter, ou melhor, seu Walter, como o senhor diz; e no final, o Eron!

— Bem observado, garoto! É uma clara demonstração de que os valores do cooperativismo são sólidos e costumam passar de pai para filho, depois para o neto, e assim vai. A família Goltz também teve vários de seus integrantes envolvidos com a gestão da cooperativa, entre tantos outros.

Vô Johannes retomou o fio da meada:

— Mário Kruel, depois de muito estudar o cooperativismo e suas diferentes modalidades, concluiu que a recuperação do segmento de crédito passava por três aspectos: integração, para que a união fizesse a força nos momentos de dificuldades e garantisse maior liquidez, a partir de maior capital de giro; educação dos cooperados, de forma a que cada um dos associados fosse um ativo participante da vida da cooperativa, envolvendo-se com os rumos da instituição; e a autofiscalização, que tanto deveria ser do associado em relação à cooperativa, desta em relação às Centrais, e, também, das Centrais em relação a uma possível confederação, e da mesma forma, no sentido contrário, sempre com cada cooperativa preservando sua autonomia e características próprias. E foi como coordenador da comissão já mencionada que Kruel e seus auxiliares propuseram a criação da Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul Ltda, a Cocecrer-RS — narrou Johannes.

— O curioso, e fato que pouca gente sabe, é que o ato realizado em 27 de outubro de 1980, em Porto Alegre, em um prédio pertencente à Fecotrigo, contou com a presença de várias autoridades, mas não foi, naquele momento, reconhecido legalmente. De qualquer forma, pode-se dizer que ali nasceu o que hoje nós conhecemos

como Sicredi. E, para nosso orgulho, a cooperativa de Agudo mais uma vez foi protagonista dos destinos do cooperativismo gaúcho e brasileiro: ao lado das cooperativas de crédito de Nova Petrópolis, Taquara, Panambi, Horizontina, Crissiumal, Cerro Largo, Guarani das Missões e Rolante, estava entre as nove fundadoras da Cocecrer-RS!!! — entusiasmou-se vô Johannes.

— Mas que máximo! — acompanhou Jojô, levantando-se de súbito da cadeira do pai, como se estivesse prestes a comemorar um gol.

— Muito emocionante mesmo, meu neto querido! Mas deixa eu ler para ti uma coisa importante que está aqui no livro que já te mostrei várias vezes:

“Na Central, eram organizados todos os documentos e procedimentos a serem utilizados para a instalação de uma cooperativa, bem como as diretrizes de constituição posterior da Confederação. (...) É importante frisar que a Central dava apoio à constituição, mas não organizava a criação de novas cooperativas. Um dos princípios, seguido até hoje, é que as comunidades têm de ter interesse em fazer parte do sistema, e não o contrário, pois o propósito do cooperativismo de crédito não é apenas aumentar o número de agências e associados, e, sim, difundir os ideais do cooperativismo”.

Jojô quis saber se tudo aquilo ia realmente servir para alguma coisa, já que a Central ainda não havia sido reconhecida legalmente. E o avô explicou:

— Pois o que aconteceu foi que um número impressionante de cooperativas de crédito começou a surgir e se associar à Central. E

aí o Governo Federal não teve alternativa, senão autorizar a instalação oficial da Cocecrer-RS. A data: 29 de maio de 1981. Dá quase para dizer que essa foi a certidão de nascimento do Sicredi, sabe? Mas isso a gente vai ver um pouco mais adiante.

— Espera aí, vô. Eu estava aqui olhando as minhas anotações, e o senhor disse, logo no primeiro dia que eu falei da gincana, que Candelária e Sobradinho tinham se unido a Agudo mais tarde, e que ambas tinham surgido nos anos 1980, não é isso? As duas têm a ver com esse momento, então?

— Esse é o meu garoto! Quem me dera que eu tivesse a tua esperteza na época em que tinha a tua idade, Jojô... Foi isso mesmo! A Cooperativa de Crédito de Candelária, chamada Credican, nasceu em 2 de outubro de 1981, e a Cooperativa de Crédito de Sobradinho Ltda (Credisol) foi criada pouco depois, em 19 de fevereiro de 1982. Nós vamos dar um pulo lá em Candelária e em Sobradinho, para conheceres as cidades e vermos se encontramos alguém para conversar conosco sobre elas. Teu tio vem mesmo, né? Com a carona dele, fica tudo mais fácil.

— Ele garantiu que vem — respondeu Jojô.

Vô Johannes aproveitou para recuperar algumas informações sobre a cooperativa de Agudo na época do surgimento da Cocecrer-RS. Em 1981, faleceu o presidente Ernesto Martin, que estava à frente da instituição desde 1955. Foi substituído por Pedro Álvaro Müller, dentista que havia se mudado para Agudo ainda no final dos anos 1950 e que acabaria sendo eleito prefeito em dois diferentes momentos: primeiro nos anos 1960, e, depois, nos anos 1980. Müller era secretário da cooperativa desde 1974.

Quem sempre representou a cooperativa de Agudo, desde os tempos das reuniões da Fecresul, e esteve presente também na criação da Cocecrer-RS, foi Eron Hermes, ao lado de Ari Anunciação, também associado da cooperativa e que, a exemplo de Pedro Müller, foi vereador e prefeito em diversos mandatos. Eron ainda não era gerente, cargo que iria assumir apenas em 1983, no lugar do pai, Walter.

A segunda metade dos anos 1980 e a década de 1990 estariam repletas de novidades. E os anos 2000, também. Ou seja, dali para a frente, como disse vô Johannes, mais uma vez recostando a cabeça na poltrona e fechando os olhos, como se procurasse encontrar as lembranças nas gavetas da memória, o cooperativismo só faria deslanchar. E Agudo estaria novamente na condição de protagonista de novos tempos.

À medida que a trajetória do Sicredi, em geral, e da cooperativa de Agudo, em particular, ia ficando mais próxima, na linha cronológica do tempo, vô Johannes preocupava-se mais e mais. Eram muitos fatos se sucedendo, pessoas importantes assumindo o protagonismo das situações, em meio a uma profusão de novidades sobre a estruturação do sistema. O que era realmente significativo que o neto soubesse? Será que alguém seria contratado pela equipe de organização da gincana para realizar uma pesquisa profunda sobre aquilo tudo que eles vinham conversando ao longo dos últimos dias, ou as tarefas seriam mais prosaicas e superficiais? Jojô parecia cada vez mais interessado em se aprofundar no assunto, e vô Johannes, então, não viu outra alternativa a não ser prosseguir com a metodologia adotada até ali, correndo o risco de deixar passar um ou outro registro digno de nota.

O final de semana seria agitado, a partir da chegada de Rodolfo, que cumprira a promessa de estar com o sobrinho e de ser o piloto de uma excursão cuja primeira parada seria Candelária. No final de semana seguinte, de encerramento das breves férias escolares de julho, estava agendado um pulo em Sobradinho. O tio de Jojô,

jornalista e dono de uma pequena empresa de comunicação, era uma pessoa extremamente comunicativa e havia se empolgado com a perspectiva do sobrinho participar de uma gincana, ainda mais com um tema tão interessante quanto aquele. Recém-chegado de Porto Alegre, e enquanto os filhos, Bruno e Júlia, conversavam com a tia, com quem não falavam pessoalmente havia tempos, chamou Jojó para um canto e pediu que fizesse um resumo, se possível, de tudo que havia conversado com o avô até ali. Aquele inesperado desafio para um exercício de síntese deixou o garoto ligeiramente ansioso, mas ele acabou se saindo muito bem.

Feito o resumo, contou ao tio que, depois da última conversa com o avô, havia lido mais uma série de artigos e soube que, durante os anos 1980, só fez aumentar o número de cooperativas associadas à Cocecrer-RS. Nem tudo foram flores, evidentemente. O Plano Cruzado, instituído pelo presidente José Sarney em 1986, congelando preços e salários a partir de 28 de fevereiro, trouxe enormes dificuldades para as cooperativas. Naquele mesmo ano, Ademar Schardong teve que assumir a presidência da Central, substituindo Mário Kruehl, que, assim, ficou pouco mais de um ano no cargo. Depois de sofrer um enfarto, não tinha mais condições de saúde para liderar um processo tão relevante e trabalhoso como aquele. Já eram 58 instituições de crédito reunidas, o que remetia, de certo modo, aos bons tempos do final dos anos 1950, mas com uma diferença: agora, estava em curso uma proposta de efetiva integração, um modelo que tomava por base estudos em profundidade sobre o cooperativismo no mundo inteiro.

Ao longo de todo aquele processo de reconstrução do cooperativismo de crédito brasileiro, a cooperativa de Agudo se viu às

voltas com muitos cursos e capacitações de seus dirigentes. Iniciava-se, lentamente, o processo de automação de procedimentos, com o surgimento de novas tecnologias na área da informática. Ao mesmo tempo, era hora de começar a pensar em ampliar os horizontes, e por isso, em 1988, foi autorizada pela assembleia de associados a compra de um terreno em frente à Cooperagudo, em cujo prédio a cooperativa seguia instalada, ocupando o segundo andar. A mudança para o prédio próprio, que demandava encomenda do respectivo projeto e, depois, a construção, só viria alguns anos mais tarde, mas a aquisição da área, naquele momento, sinalizava a perspectiva concreta de crescimento.

Se os anos 1980 haviam sido eletrizantes, muito mais estava por vir na década seguinte. O período se iniciaria com a presidência da cooperativa de Agudo passando para Ivo Goltz, em março de 1990, em substituição a Pedro Müller. Goltz passaria a acompanhar ainda mais de perto a preparação das cooperativas ligadas à Cocecrer-RS para adotarem a mesma marca e a padronização de layouts e procedimentos, processo que vinha se desenvolvendo havia algum tempo. Ainda em 1991, ele e Eron Hermes, o gerente da cooperativa, assistiram a um documentário sobre a proposta de consolidação de um sistema de crédito cooperativo. E no ano seguinte, em 1992, foi oficialmente apresentada ao conjunto das cooperativas a sugestão de se usar a denominação Sicredi como marca única a ser adotada pelas afiliadas à Cocecrer-RS.

A Assembleia Extraordinária sobre o tema, realizada em Gramado, começou com muitas dúvidas por parte das cooperativas, as quais temiam perder identidade e aderência em suas comunidades, caso abandonassem as siglas que algumas delas ostentavam

havia décadas. Além disso, a padronização e a unificação de diversos procedimentos de gestão, com a supervisão da Central, davam a sensação, para muitos, de que poderia haver uma intromissão na rotina das instituições, colocando em risco sua autonomia. Na ocasião, Ademar Schardong mediu com habilidade os acalorados debates, apresentando informações consistentes e muito material de pesquisa, mostrando por que era essencial implantar um modelo sistêmico, ou seja, adotar uma estrutura e um modelo de gestão compartilhado, garantindo-se, ao mesmo tempo, a independência de cada cooperativa. Foram muitas horas de discussão, até se chegar a um consenso. Nascia, assim, com aprovação unânime dos presentes, o Sicredi. Vô Johannes havia acompanhado de perto todo aquele processo, e mais uma vez se emocionou ao lembrar do esforço de tantas e tão diferentes pessoas em prol de uma causa comum, trabalho que viria a trazer benefícios para milhares, ou mesmo milhões de pessoas, em um futuro não muito distante.

Tio Rodolfo, que era jornalista, havia feito também suas pesquisas sobre o tema, e no sábado pela manhã, enquanto o trio se dirigia a Candelária, aproveitando mais uma linda manhã de sol e temperatura agradável, enfatizou que outra grande e importantíssima mudança veio a partir de 1995: a aprovação pelo Banco Central da criação do Bansicredi, hoje Banco Cooperativo Sicredi, a primeira instituição cooperativa privada do país. Até então, eram inúmeras as dificuldades operacionais das cooperativas, que dependiam de um convênio com o Banco do Brasil para realização de transações bancárias. Com aquela novidade, o passo seguinte seria conseguirem autorização para poder oferecer a seus associados tudo o que um banco oferece, com a vantagem de seguirem sendo uma instituição

que reinveste os recursos na própria comunidade e é gerida pelos associados, os quais são os donos do negócio. Nesse mesmo ano, 1995, havia sido aprovada também a entrada de novas cooperativas do Paraná e de Mato Grosso no sistema, por meio das Centrais, ampliando ainda mais os ganhos de escala. O velho lema do “um por todos, todos por um” ia se consolidando.

Nem bem o tio terminou de falar sobre o surgimento do Banco Cooperativo Sicredi, e Jojô emendou, comentando que também em 1995 tinha sido realizado o projeto-piloto do Programa A União Faz a Vida, que, na verdade, nascera em 1992, mas dali em diante é que, na prática, passaria a ter um papel fundamental na disseminação dos princípios do cooperativismo junto a estudantes, sejam crianças, adolescentes ou jovens.

— Esse garoto está afiado, hein, seu Johannes? — comentou Rodolfo.

— Se está, Rodolfo! Se está...

Jojô esboçou um sorriso no canto dos lábios, orgulhoso pelo elogio, e foi então que vislumbrou o pórtico de entrada de Candelária, com a réplica de uma das muitas espécies de animais que antecederam o surgimento de dinossauros e cujos fósseis foram descobertos na região. O Museu Municipal Aristides Carlos Rodrigues, criado em 1990, abriga aquele rico material de paleontologia e arqueologia. Candelária era, de fato, privilegiada em diferentes aspectos referentes ao tema. Não por acaso, ali haviam sido descobertos 13 novos animais até então desconhecidos da ciência, em todo o planeta.

Havia outros atrativos turísticos a explorar na cidade e arredores, pois o município integra a chamada Rota dos Tropeiros. E tudo graças à Estrada do Botucaraí, aberta em 1798 pelo governo

provincial para facilitar o comércio e a integração com os Campos de Cima da Serra, no planalto gaúcho, por meio de tropas de mulas que carregavam inúmeras mercadorias. Sem falar no aqueduto, construído entre 1868 e 1870, com mais de 300 metros e 79 arcos, condutor de água captada no arroio Molha Grande, o qual acionava duas rodas d'água, gerando força para mover um engenho de serra e um moinho de milho e trigo. Era também uma das visitas imperdíveis, assim como a Ponte do Império, erguida pouco depois, por volta de 1880. O motivo da visita de vô Johannes, Jojô e Rodolfo, entretanto, era outro. Acontece que Candelária está diretamente ligada à história do cooperativismo na região por ter sido fundada, em 1981, a Credican, Cooperativa de Crédito de Candelária.

E a providência divina parecia estar ao lado do trio de viajantes, pois, quando entraram em uma padaria na Avenida Pereira Rego para comprar um refrigerante para Jojô, que estava com sede, quem foi que eles viram conversando e tomando café em uma das mesas? René Karnopp e Elaine Meyrer Lopes, ambos conhecidos de vô Johannes. Karnopp, advogado e empresário do segmento de turismo, além de sócio do irmão em um estúdio fotográfico, havia participado da criação da Credican, atuando de início como conselheiro fiscal e, depois, como diretor administrativo. Elaine estava envolvida com o cooperativismo havia 26 anos, mais exatamente desde 1991, quando ingressara na Credican como estagiária. A dupla estava justamente comentando sobre os primeiros tempos e passou a compartilhar com os visitantes suas impressões sobre aquela época.

A cooperativa de crédito de Candelária, de início, atuava em conjunto com a cooperativa de produção, a exemplo de muitas outras que foram fundadas na época. Tanto René, que havia se

formado como técnico agrícola e depois fez Direito em Santa Cruz do Sul, como Elaine, com curso superior em Estudos Sociais e MBA em Gestão do Agronegócio, tinham suas origens no campo. O pai de René era comerciante e agricultor, enquanto Elaine chegou a plantar tabaco e atuou como safrista em uma fumageira. Cada um à sua maneira, conheciam o jeito de ser dos moradores da região: o foco no trabalho, a vocação para a união e o espírito de equipe, ou seja, o cooperativismo estava no sangue de muita gente. De outra parte, enquanto saboreavam um pão de queijo feito na hora, ambos concordaram que, apesar de muito boa vontade, faltava aos gestores da Credican um pouco mais de preparo técnico para a condução da instituição, que acabaria enfrentando imensas dificuldades na metade dos anos 1990, e então se passou a cogitar da fusão com a cooperativa de Agudo, por sugestão dos dirigentes da Cocecrer-RS.

Elaine, até então estagiária, foi efetivada nessa época e começou a trabalhar ao lado de Dilamar Valnei Rusch. Algum tempo depois, em 1997, ele seria transferido para Agudo, passando a ocupar a gerência da instituição. Foi assim que ela se tornou a primeira mulher a gerenciar uma instituição de crédito na cidade. Com a incorporação da Credican a Agudo, o desafio passava a ser o de manter a confiança dos associados, trabalhando duro nas visitas, buscando proximidade, explicando que o Sicredi era mais do que um banco, pois oferecia a possibilidade concreta de contribuir para o crescimento da própria comunidade, além de abrir espaço para a participação e votação nas decisões. E junto com Agudo, tudo isso seria mais bem-sucedido.

Antes disso, Elaine e Dilamar, entre outros, haviam compartilhado em Candelária muitos desafios. Dilamar iniciara na

Credican também em 1991, como estagiário, ainda quando cursava Administração de Empresas na Faculdade de Santa Cruz (FISC). Acompanhou muito de perto a instalação da Agência em Vale do Sol, município que, anteriormente, em razão da posição geográfica, estava ligado à cooperativa de Santa Cruz do Sul, que não tinha interesse em expandir sua atuação para aquela localidade. Quando houve a fusão de Candelária com Agudo, cinco anos depois, ele já trazia na bagagem a vivência em lidar com recursos escassos, instalações modestas e tecnologia rudimentar. Elaine se divertiu relembrando algumas das histórias que o colega, hoje Diretor Executivo do Sicredi, sempre conta daquela época:

— Quando houve a abertura da Agência em Vale do Sol, por exemplo, foi preciso subir no telhado de zinco para instalar uma antena de rádio-amador, única forma de comunicação que existia. E, às vezes, nem se conseguia comunicação aqui com a sede. Como não havia recursos para um carro forte, algumas vezes foi preciso levar bolos de cédulas amarradas com atilhos (as famosas borrachinhas de dinheiro) nas pernas, porque o pessoal de lá queria receber em dinheiro vivo. Ainda aqui em Candelária, o Dilamar durante algum tempo recolhia cheques no comércio de bicicleta, para dar tempo de fazer a compensação no início da tarde.

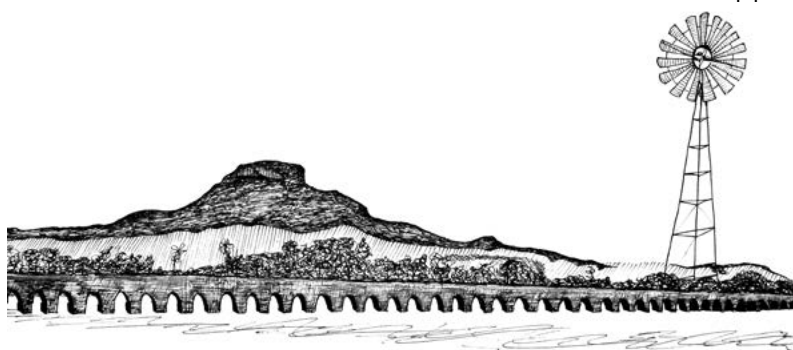
Elaine seguiu contando que, mais tarde, quando Candelária se uniu a Agudo, em um primeiro momento houve redução de pessoal. Eram tempos de muito sacrifício para que o equilíbrio fosse retomado. A situação anterior da cooperativa era complicada, e a concorrência de instituições tradicionais se tornara muito forte. Só mesmo como muita dedicação e fé na força do cooperativismo para seguir em frente.

— Eu sempre fui apaixonada pelo Sicredi. E isso, aos poucos, a gente conseguia passar para as pessoas, tanto para os associados que já vinham do tempo da Credican, argumentando para que não saíssem da cooperativa, porque iríamos reverter as dificuldades, como também para quem a gente queria trazer para se associar, explicando que a união com Agudo ia dar um novo fôlego — lembra a esposa de Oscar e hoje mãe do adolescente Andrei.

Ao ouvir aquelas histórias, temperadas por muitas taças de café expresso dos adultos e o refrigerante escolhido por Jojô, René Karnopp acrescentou que julgava relevante o fato de muitos funcionários da cooperativa falarem bem o alemão e terem familiaridade com a economia e os hábitos culturais da região.

— A propósito, o alemão falado aqui é de muito boa qualidade. Estive na Alemanha, e muita gente de lá não notou qualquer sotaque — acrescentou René.

Ele havia vivenciado as dificuldades enfrentadas pela Credican, que em 1992 mudou o nome para Sicredi Candelária. Admitiu que, no fundo, os gestores sabiam quão difícil era a tarefa de seguir em frente, caso nada de diferente acontecesse. E aos poucos percebeu-se que, contando com uma estrutura mais ampla e organizada, como a que resultaria da união com Agudo, a cooperativa tinha tudo para deslanchar. Fácil não seria, mas era possível recomeçar. E eles conseguiram.



A conversa com Elaine e René Karnopp tinha sido tão boa que Jojô, vô Johannes e Rodolfo nem viram o tempo passar... Já eram quase 11h quando se despediram e resolveram dar uma volta, para conhecer o museu, o aqueduto e a Ponte do Império. E logo sentiram fome, pois haviam saído bem cedo de Agudo. A indicação que receberam em um posto de gasolina foi de um restaurante com buffet de saladas, pratos quentes e grelhados, localizado na Rua Bento Gonçalves, uma transversal da Pereira Rego, a principal da cidade. Jojô se deliciou com o vazio e a maminha, servidos ao ponto, como ele gostava. Vô Johannes se concentrou nas saladas e evitou doces, pois mantinha controle sobre a alimentação. E Rodolfo preferiu experimentar as massas e, de sobremesa, não resistiu ao sagu, apesar de também estar preocupado com o peso.

O trio ocupou uma mesa na parte frontal do restaurante, próxima da calçada e de frente para uma grande janela de vidro. Souberam pelo garçom que o restaurante havia passado por uma

reforma, e que anteriormente aquele espaço era aberto. Quando estavam terminando a refeição, um rapaz que estava na mesa ao lado dirigiu-se aos dois adultos:

— Desculpa ter ficado ouvindo a conversa. Deduzo que vocês são do Sicredi, mas não aqui da cidade, confere?

Era Alexandre Schmachtenberg, associado de Candelária que estava almoçando com a mulher e os dois filhos. Junto com uma das irmãs, Fabiana, e a esposa, ele era sócio do supermercado da Rede Super, ali pertinho. Vô Johannes e Rodolfo explicaram o motivo de estarem na cidade com Jojô, e Alexandre, então, começou a contar a história do seu relacionamento com a cooperativa. Iniciou dizendo que o pai, Isidório, havia aberto o primeiro negócio de autosserviço de Candelária, o Supermercado Único, que, na época, contava com apenas dois caixas. Em determinado momento, seu Isidório decidiu comprar o prédio onde durante muitos anos havia funcionado o Cinema Coliseu, e sublocou o espaço para Clóvis Filter, que reabriu o cinema. Mas passados alguns anos, o negócio começou a enfrentar dificuldades, até que fechou as portas, novamente, no início dos anos 1980. Seu Isidório avaliou as perspectivas e decidiu reformar o prédio e reabrir o Coliseu. Foi uma boa escolha. As sessões, nas sextas-feiras, sábados, domingos e segundas, eram bastante rentáveis.

— Uma sessão pagava as despesas, as outras três eram lucro líquido. O pai se entusiasmou e quase fechou o supermercado para ficar só com o cinema. Eu tinha um pouco mais de 10 anos e era baileiro, vendia guloseimas lá. Mas as coisas começaram a mudar com o advento das locadoras, primeiro de vídeos, depois de DVDs. E então ele decidiu fechar o cinema, voltando a se dedicar ao que realmente sabia fazer melhor — contou Alexandre. — Só que cometeu um

erro estratégico: empolgado, transformou o cinema em um grande supermercado, com seis caixas, o que era uma enormidade para Candelária, e ao mesmo tempo manteve uma unidade na outra ponta da cidade. A comunidade não comportava, o investimento inicial havia sido bastante alto, e, para completar, veio uma forte concorrência, de fora da cidade, uma empresa grande, que se estabeleceu a poucos metros dali. A situação foi ficando insustentável: em seis meses, o faturamento caiu 50%, mas as despesas fixas continuavam.

Foi então que o pai de Alexandre, já com alguma idade, sem encontrar melhor alternativa para reverter a situação, decidiu se afastar dos negócios. O que os irmãos poderiam fazer? No início dos anos 2000, receberam a indicação de procurar a Rede Super, de Santa Maria, que trabalhava com um modelo de negócios semelhante ao sistema de franquias, em que os pedidos de todos os associados são feitos de uma única vez, em grandes quantidades, melhorando as margens de lucro. Da mesma forma, os gastos com publicidade da marca são rateados entre todos os associados, além de haver orientações sobre layout e ferramentas de gestão. Mas havia um problema: para aderir à rede, a empresa não podia ter atrasos no CNPJ e, ainda, contar com algum capital de giro. Afora isso, precisava apresentar relatórios comprovando seis meses de boa saúde financeira. Foi então que o Sicredi, na época ainda Credican, surgiu no horizonte como única instituição que poderia vir a ser parceira dos irmãos que tentavam recuperar os negócios da família.

— Já operávamos com a cooperativa, mas em valores menores. Procuramos o pessoal da Pessoa Jurídica e abrimos o coração. Contamos toda a verdade, apostando na transparência. E eles

toparam, acreditaram na gente. Alienamos um caminhão da empresa, eles avaliaram os bens do pai e nos emprestaram o valor que precisávamos. Não sei se alguma outra instituição faria o mesmo. Pesou muito conhecer as pessoas, a questão da proximidade, o olho no olho — emocionou-se Alexandre. Jojô, vô Johannes e Rodolfo nem piscavam, enquanto ele contava aquela bonita história.

Dali para a frente, apesar das muitas dificuldades, mas com muita disciplina — “Provisionávamos o dinheiro para pagar o PIS e o Cofins dentro de um envelope, em dinheiro vivo, dentro do cofre, para não atrasar de jeito nenhum” —, Alexandre e a irmã conseguiram recuperar a saúde financeira da empresa, e dali em diante o Sicredi virou o principal parceiro, financiando diversos movimentos futuros, de expansão e qualificação.

Quando Alexandre e a irmã assumiram o negócio, eram 16 funcionários. Hoje, são cerca de 220, com uma das lojas localizada em Cachoeira do Sul e uma terceira unidade, que está para ser aberta, o que significará ampliar o número de colaboradores para 370, gerando emprego e renda na região. O filho mais velho de Alexandre, Pedro Henrique, com 22 anos, recém-formado em Administração na Universidade de Santa Cruz (Unisc), trabalha na empresa, agora como auxiliar administrativo, mas já vem ganhando experiência há alguns anos, em atividades auxiliares de escritório e, também, aprendendo a arrumar prateleira, acompanhando o dia a dia dos funcionários, convivendo com os clientes. É o que Alexandre chama de conhecer o “chão de loja”. Em outras palavras, significa encaminhar a perpetuação do negócio dentro da família. E tendo o Sicredi sempre ao lado.

A conversa com Alexandre Schmachtenberg havia sido uma inusitada e gostosa sobremesa, a comprovar que, desde os tempos da Credican, mas em especial a partir da fusão com Agudo, o Sicredi havia conquistado uma relevância muito grande na comunidade. Quando saíram do restaurante, Jojô comentou que achara o bate-papo sensacional, mas estava sentindo falta de conhecer alguém que trabalhasse no campo, na lavoura, pois as raízes das cooperativas ligadas ao Sicredi estavam assentadas no mundo do agronegócio. Vô Johannes lembrou de um amigo de longa data, que morava na Linha do Rio, a poucos quilômetros do Centro. Como a tarde estava começando e o sol brilhava, decidiram ir até lá.

Qual não foi a surpresa e o desconsolo de vô Johannes ao saber que seu Vendolino Olíbio Pagel havia falecido dois anos antes... Um dos filhos, Roberto Armino Pagel, foi quem os recebeu. Ele é quem toca a propriedade, ao lado da mulher, Neusa. Vô Johannes também se surpreendeu com uma placa identificando o local como bar — ou bodega, como dona Neusa prefere chamar. Aquilo era novidade para ele. Ficou sabendo que o negócio tinha se iniciado havia cerca de quatro anos, quando a dona de um bar em frente à propriedade dos Pagel fechara o estabelecimento, e eles resolveram apostar na atividade. Deu certo. A bodega tinha bastante movimento, em especial nas segundas e quintas-feiras, quando é oferecida janta, mas o lugar enche mesmo nos sábados e domingos de bingo, cujas pedras quem canta é dona Neusa. O lucro vem da venda de cerveja, roscas e pastéis.

Depois de explicar aos donos da casa o que andavam fazendo em Candelária, Johannes, o neto e Rodolfo foram convidados a passar para a sala, pois a prosa prometia ser um pouco mais longa.

— Roberto, antes da gente falar sobre o Sicredi, conta para eles como foi que tu e a Neusa se conheceram — disse vô Johannes, que havia convivido com seu Vendolino em algumas assembleias da cooperativa e conhecia a história da família.

Jojô e Rodolfo ficaram sabendo que o pai de Roberto e a mãe de Neusa eram viúvos, acabaram se aproximando e decidiram casar, por volta de 1982. Roberto tinha em torno de 16 anos, e Neusa, 8. Passaram a conviver na mesma casa, e anos mais tarde, apaixonaram-se. Em 1998, decidiram se casar, ele já com 33 anos, ela com 24. Em 2017, portanto, estavam completando 25 anos de matrimônio, já com duas filhas e um neto. E uma parceria de mais de três décadas ao lado do Sicredi.

Do alto de seus 51 anos, sempre com muita disposição para o trabalho, Roberto lembrou que perdeu a mãe muito cedo, e enquanto o pai e os irmãos iam trabalhar na lavoura, ele ficava em casa, cuidando dos animais, fazendo o pasto e preparando o almoço. À tarde, ia para a escola. Completou o então Ensino Primário, hoje equivalente ao Fundamental, primeiro frequentando uma escola de Passa Sete, até a qual chegava a pé, cruzando uma pinguela que liga os dois municípios, e, depois, um colégio em Linha do Rio mesmo, que alcançava de bicicleta. Quando chegou o momento de cursar o Ensino Médio, acabou desistindo, pois a única opção era o Colégio Concórdia, no centro da cidade, e as despesas com transporte iam ficar muito pesadas.

— A gente sempre teve porco, galinha e gado de leite, além de plantar tabaco, milho, arroz, às vezes soja. E que eu me lembre, a Credican, e depois o Sicredi, sempre estiveram presentes, nos bons e nos maus momentos. A gente chega lá, fala a verdade, conta o que

está acontecendo, e sempre tem uma solução. E eles também oferecem cursos, a gente vai se atualizando. No meio disso tudo, até vai criando uma amizade com os funcionários — resumiu Roberto. E acrescentou:

— Quando eu completei 18 anos, abri um bloco de notas, como a gente diz, para registrar a primeira venda de tabaco no meu nome e ir contando tempo para a aposentadoria, recolhendo o INSS. Fiz só aquela primeira venda com um outro banco, daí me desgostei, e já no ano seguinte comecei a trabalhar com a Credican, na época. Isso era metade dos anos 1980, e de lá para cá, sempre nos ajudaram. Acho que uns três tratores e quatro carros a gente comprou com financiamento deles, não é, Neusa? — lembrou seu Roberto, citando os nomes dos colaboradores com quem há décadas a família mantém bom relacionamento.

A reforma da casa, depois da enchente de 2010 que avariou o piso da residência, assim como o financiamento de um imóvel para a filha, Evelise, recém-casada, eles haviam viabilizado com o apoio do Sicredi. Em 2015, tiveram uma perda significativa na safra, por causa do excesso de chuvas. No caso do arroz, a perda foi total, e no tabaco, de 50%. E sempre que há necessidade, sabem que podem contar com a cooperativa. Depois de muitas histórias, Roberto Pagel fez questão de mostrar aos visitantes um pouco da propriedade e despediu-se com um abraço carinhoso, em especial em vô Johannes, que havia sido muito amigo do pai.

“Que dia bacana”, pensou Jojô, quando pegaram a RST-287 para retornar a Agudo. Os três fizeram o trajeto quase em silêncio, cada um refletindo, à sua maneira, sobre como o espírito cooperativista vinha transformando a vida das pessoas da região há muitos anos.

E ainda faltava ouvir histórias sobre a Credisol, em Sobradinho, que haviam combinado de visitar no final de semana seguinte. Rodolfo adorava a cidade, pois estivera lá no ano anterior, durante a Feira do Livro. Ia ser muito interessante voltar ao lugar que o encantara. Ainda mais tendo, desta feita, a companhia do sobrinho e de seu simpático avô paterno.

A memória de Johannes Genossenschaft era um prodígio, mas melhores do que ela, ou tão boas quanto, eram sua organização e atenção com os mais diversos documentos: recortes, fotos, relatórios e até páginas em word, apesar de ele não gostar muito de usar o computador. Quando acordou no domingo, por volta das 7h30min, no dia seguinte à viagem a Candelária, ele logo lembrou que havia salvado em uma pasta do desktop antigo uma cópia do trabalho de conclusão do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Santa Maria de Marlon Norton Kobs, apresentado em 2002. Marlon era filho de um grande amigo de Johannes, e por isso o avô de Jojó havia acompanhado sua trajetória desde que entrara para a cooperativa, há mais de 20 anos.

Naquele estudo sobre a fusão das cooperativas de Agudo e Sobradinho, o atual Diretor de Operações da Sicredi Centro Serra recuperava a trajetória do cooperativismo no mundo, a chegada ao Brasil, a fundação da Caixa Rural União Popular de Agudo, a crise nos anos 1960 e 1970, a recuperação a partir dos anos 1980 e os

demais momentos, até o início dos anos 2000. Marlon tinha 18 anos em maio de 1996, quando começou seu estágio na cooperativa de Agudo. A recente incorporação de Candelária e da respectiva Agência de Vale do Sol demandava alterações na infraestrutura em muitos aspectos, em especial da área de tecnologia.

Naquele momento, não havia nem sinal das facilidades atuais, em que tudo está on-line e, mesmo pelo celular, é possível conferir qualquer dado, em tempo real. Na época, a atualização dos saldos dos associados de Candelária, por exemplo, era feita em Agudo, que logo cedo pela manhã enviava um enorme disquete via rodoviária para o município vizinho. Isto porque recém começavam a se popularizar os primeiros computadores, que eram raros e vistos quase que como “entidades”, pois poucas pessoas sabiam operá-los. De outra parte, a evolução nos modelos era meteórica, e a necessidade de substituir os equipamentos por versões mais modernas era quase uma corrida contra o tempo.

Dois anos antes de Marlon ser admitido, por volta de 1994, a cooperativa se mudara para um prédio próprio, onde atualmente funciona em Agudo uma farmácia, bem em frente ao local que havia sido ocupado desde 1966, junto à Cooperagudo. O espaço, bem mais amplo, com cerca de 150 metros quadrados de área, estava mais adequado aos planos de expansão, ainda que Agudo também viesse enfrentando dificuldades no início dos anos 1990, a exemplo de muitas outras cooperativas de seu porte. Como consequência da incorporação de Candelária e Vale do Sol, alguns meses depois houve a orientação da Central, em Porto Alegre, de que faria mais sentido que Agudo tivesse sua área de atuação englobando também Cerro Branco e Novo Cabrais, até então pertencentes à Credicasul,

a Cooperativa de Crédito de Cachoeira do Sul (atual Sicredi Centro Leste). E assim foi feito.

É muito importante relembrar, também, que a autorização de funcionamento do Banco Cooperativo Sicredi data de 1995, mas foi apenas em 1996 que a instituição passou a operar com efetividade. Era um avanço e tanto, mas a liberação para atuar com crédito rural só viria cerca de três anos depois, seguida da incorporação de muitos outros serviços, quando ocorreu a liberação para atuar como banco múltiplo. Até ali, depender da boa vontade do Banco do Brasil para receber e repassar recursos era desesperador e motivo de descontentamento por parte de alguns associados.

Johannes havia acompanhado todas aquelas etapas na trajetória da cooperativa, pois não deixava de participar de nenhuma assembleia e, em paralelo, mantinha relacionamento muito próximo com os gestores de então. E qual não foi sua alegria quando, ao retornar de uma ida à farmácia, para repor seus medicamentos para a pressão arterial, cruzou com Marlon na Avenida Concórdia, em plena manhã de domingo. Agora casado e pai de dois filhos, ele morava em Candelária desde o ano 2000, mas estava passeando em Agudo, visitando familiares, já que o período de férias escolares de meio de ano recém havia se iniciado. Decidiram entrar na loja de conveniência do posto de gasolina bem em frente à Agência do Sicredi, para saborear um cappuccino e dar andamento ao papo.

Johannes comentou do entusiasmo do neto com a possibilidade da gincana, ao que Marlon informou que o assunto ainda estava sendo avaliado. O entendimento preliminar era de que seria muito complexo organizar um evento em tantos municípios, simultaneamente, mas não quis ser definitivo, para não desmobilizar o avô,

muito menos o neto, que pareciam estar envolvidos emocionalmente com a reconstituição da trajetória da cooperativa.

Em sua viagem no tempo, Marlon lembrou que, em 1997, durante o processo de modernização na gestão das cooperativas ligadas à Central Sicredi, houve a decisão de trazer para Agudo o gerente de Candelária, Dilamar Rusch, que até aquele momento vinha fazendo um grande esforço, em especial ao lado de Elaine, para dar conta de recuperar a credibilidade da antiga Credican (depois Sicredi Candelária). Foi um trabalho minucioso, quase corpo a corpo. Ao mesmo tempo em que se buscava, por exemplo, estabelecer parcerias com orientadores das fumageiras, sugerindo que utilizassem o Sicredi para os pagamentos das safras de tabaco, a cooperativa manteve-se atenta aos movimentos de alguns concorrentes de peso, os quais, naquela época, resolveram desativar unidades no município. Os profissionais que mais se destacavam no atendimento e eram pessoas de referência e credibilidade em suas atividades passaram a ser convidados para trabalhar na cooperativa. Foi assim quando o Unibanco encerrou suas atividades na zona urbana de Candelária, e o Meridional desativou um posto em Vale do Sol.

— Era uma maneira inteligente e ética de conquistarmos clientes da concorrência, o senhor não acha? — perguntou Marlon.

— Sem dúvida nenhuma! Ética sempre em primeiro lugar, mesmo que a competição com os grandes do mercado sempre tenha sido muito acirrada e, no mais das vezes, desfavorável para nós! — concordou Johannes.

A chegada de Dilamar a Agudo encerrou uma trajetória de quase 70 anos da família de Arthur Arnaldo Hermes, um dos fundadores da Caixa Rural União Popular, sucedendo-se na gerência. Mas

a medida era necessária, ainda que dolorosa. O próprio Eron reconhece que seu perfil era mais de controladoria, enquanto Dilamar havia desenvolvido outras habilidades, mais relevantes naquele momento, no sentido de buscar uma maior visibilidade comercial da cooperativa, apostando em outro estilo de gerenciamento dos colaboradores e desenvolvendo novos produtos e serviços — tudo em sinergia com o movimento que ganhava corpo em todo o sistema Sicredi, a propósito.

Ainda que a fusão fosse benéfica para Agudo, Candelária e arredores, o trabalho de reestruturação da cooperativa foi árduo e longo. Havia problemas na carteira de crédito, e foi preciso se socorrer do auxílio de um auditor da Central, vindo de Porto Alegre. Sacrifício e capacidade de superação dos colaboradores que decidiram enfrentar aquela realidade foram a tônica do momento.

— Muita gente que carregou pedra naquela época e se sacrificou pela cooperativa e pela causa, mais adiante foi recompensada. Atualmente, somos muito mais fortes, e poucos lugares oferecem um ambiente tão bom para se trabalhar. Confiança, liberdade e acesso às lideranças, sempre com muita simplicidade, são nossas marcas. E isso vale muito, na verdade, não tem preço, como o senhor sabe — enfatizou Marlon.

— É o que eu mais ouço por aí. Estou fora do dia a dia da cooperativa faz tempo, mas a gente fica sabendo de tudo. Só que tu acabaste não falando muito da fusão com Sobradinho, que foi tema do teu trabalho de conclusão — acrescentou Johannes. — E eu vou dar um pulo lá com meu neto e o tio dele, semana que vem.

— É verdade. Acho que vamos ter que marcar um outro café. Ah! Esqueci de mencionar que, em dezembro de 1996, as cooperativas

do Estado do Paraná e do Rio Grande do Sul decidiram se unir para fortalecer o Bansicredi, e foi assim que ele se tornou um banco interestadual. E no ano seguinte tivemos a inauguração da sede própria do banco em Porto Alegre, mas mais importante foi que, ainda em 1997, começaram as tratativas com as Centrais do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul para expandir o sistema naquela região — acrescentou Marlon, já se levantando, pois percebeu que seu Johannes estava olhando várias vezes para o relógio.

— Pois então... É informação que não acaba mais! O Jojô vai ficar enlouquecido quando contar que encontrei contigo e ele não estava junto! Mas me passa teu celular, que qualquer coisa ele te manda um *zapzap*, pois eu não sou muito dessas coisas... E preciso ir, porque outro dia saí para dar uma passadinha no Sicredi, encontrei o seu Max, ficamos de papo aqui na frente, com o Alci, aí depois passei na casa do seu Walter e perdi a hora. Quase apanho da mulher! — disse Johannes rindo, ao se despedir de Marlon com um efusivo abraço.

Quando, já na calçada, virou-se para pegar o rumo de casa, olhou mais uma vez para a bonita fachada da Agência do Sicredi, do outro lado da Avenida Concórdia, agora ostentando a nova logomarca criada recentemente, modernizando a figura do tradicional cata-vento. Não pôde deixar de, novamente, emocionar-se com o esforço de tanta gente para que a instituição tivesse chegado àquele nível de competência e profissionalismo, sem perder a essência, que é estar sempre próxima daqueles que são sua razão de existir: os associados e suas comunidades. Johannes seguiu caminhando, absorto em seus pensamentos e memórias, entremeados por tantos sonhos realizados. E, então, sorriu: “Próxima parada: Sobradinho!”



Rodolfo estava eufórico! Depois de quase um ano, finalmente iria retornar a Sobradinho, cidade com a qual havia ficado encantado no ano anterior, ao participar da 21ª Feira do Livro. A presença em um painel, ao lado dos patronos do evento, autores do livro *Sobradinho — construindo sua história*, havia sido a oportunidade de falar sobre as muitas perspectivas de trabalho, fora das convencionais, para quem escolhe as áreas de Comunicação e Jornalismo. Ele próprio, depois de ter passado por algumas redações de rádio e jornal, tinha se voltado para a comunicação institucional, no final dos anos 1990, e, mais recentemente, vinha se dedicando aos livros e projetos culturais, em que as técnicas do jornalismo e da pesquisa histórica se misturam. Mais do que feliz com a oportunidade de palestrar sobre um tema que o interessava, e que manteve atenta a plateia formada em sua maioria por jovens, havia retornado de Sobradinho com uma bagagem afetiva lotada de boas recordações.

Além de Lizandro de Lima Rocha, Rosemari Haringer e Sara Wachholz, que autografaram para ele um exemplar do livro sobre Sobradinho lançado no final de 2015, Rodolfo se emocionou com a cordialidade e a dedicação de Ingrid Hermes, na época diretora de Cultura e Turismo e atualmente coordenadora da Casa de Cultura do município. Teve, também, oportunidade de trocar ideias com o escritor homenageado, Melquíades Vicente Zanella, autor do portentoso *Os sinos, as uvas e o trigo*, sobre sua trajetória em busca de suas origens italianas, ele que nasceu na localidade de Cerro Preto, em Ibarama, mas descende de imigrantes vindos do Vale Vêneto. A propósito, Zanella, na introdução do livro, faz uma interessante reflexão filosófica, no sentido de que a história de um provavelmente é a história de muitos, pois o todo está em cada parte que o compõe, assim como cada parte contém a essência do todo.

Ao mesmo tempo, Rodolfo conheceu alguns dos integrantes da Academia Centro Serra de Letras, e, na verdade, apenas saber da existência da academia e de que se tratava de instituição ativa e pulsante, já teria sido motivo de grata surpresa: em um país em que o analfabetismo funcional é marcante, não são muitas academias que se dedicam à literatura, em especial no Interior. Depois que retornou a Porto Alegre, fez questão de manter contatos frequentes via Facebook com o poeta Cesar Roberto Brixner, autor do ótimo livro *Conta-gotas*, e com o jornalista Henrique Lindner (aquele de quem vô Johannes também era amigo), que o entrevistara no sábado, na Rádio Sobradinho, juntamente com outros autores locais.

Havia mais a contar e relembrar: após o painel na Câmara de Vereadores, na sexta-feira à noite, Rodolfo foi convidado para um divertido jantar no simpático Mistura Fina Café, na praça central

da cidade. Lá, além de Cesar, bateu um ótimo papo também com o presidente do Conselho Municipal de Cultura de Sobradinho, Vitor Luchese, e com o empresário Luiz Marçal Arrial, apaixonado por xadrez, contador de divertidas histórias sobre suas vivências no mundo rural e árduo defensor de que é preciso diversificar a economia da região, altamente dependente do tabaco e da soja, que, na opinião dele, só geram renda e emprego entre março e maio.

A noite ainda reservava mais uma surpresa: durante um dos intervalos da dupla que apresentava ao vivo clássicos da MPB no vocal, violão e teclado, abriu-se espaço para uma apresentação de ewi (sigla em inglês para *electronic wind instrument*), espécie de saxofone eletrônico e com sonoridade peculiar. A apresentação havia ficado a cargo de Gianfranco Contro, italiano que — Rodolfo soube depois —, ao lado de Mario Augusto Lazzari, natural de Sobradinho, havia sido um dos principais personagens que contribuíram para o sucesso do processo de Gemellaggio. Graças a essa iniciativa, em 2001 Sobradinho havia se tornado cidade gêmea de Cornedo Vicentino, na Itália, de onde saíram os ascendentes de Mario Lazzari e onde Gianfranco, hoje ostentando o título de Cidadão Sobradinhense, havia nascido.

Naquela mesma noite, Rodolfo ainda ficou sabendo que, em decorrência do Gemellaggio, e considerando sua marcante relação com a cultura italiana, Sobradinho teria, anos mais tarde, o privilégio de ser uma das cinco cidades gaúchas, entre centenas de pretendentes, a receber uma réplica do Leão de São Marcos, escultura originalmente exposta em Veneza. Tudo graças ao projeto *Leoni Nelle Piazze* (Leões nas praças), que presta uma homenagem aos descendentes de italianos da região do Vêneto que vieram para o Brasil.

Rodolfo fez aquele breve relato de sua encantadora viagem no ano anterior enquanto seguia rumo a Sobradinho, ao lado de vô Johannes e Jojó. Optou por pegar a RST-287, pretendendo acessar, depois, a ERS-400, passando ao lado do centro de Candelária, para, então, subir a Serra. Havia outro caminho, mais curto, para quem saía de Agudo: era via Estrada Geral, de chão batido, que passa por Nova Boêmia e leva a Ibarama, e de lá é possível pegar a ERS-347, asfaltada, até Sobradinho, mas possivelmente eles teriam dificuldades, especialmente no trecho sem asfalto, pois havia chovido bastante nos dois dias anteriores. O sábado, entretanto, amanhecera ensolarado. E o trajeto em subida, cheio de curvas e lindas paisagens rurais, era um deleite para os olhos, ainda que exigisse atenção na direção.

— Vô, o senhor sabe que eu não sou de perder tempo, então ontem à noite tratei de fazer uma pesquisa sobre Sobradinho. Eu não sabia que o tio tinha ganhado esse livro aí que ele acabou de falar, e o senhor ainda não pegou o exemplar com o jornalista seu amigo. Aí descobri umas coisas interessantes.

— Diga lá, Jojó. Vamos ver se você está mesmo por dentro — comentou o avô.

— Bom, a primeira coisa é que Sobradinho tem suas origens em um município chamado Rio Pardo. Acontece que em 1809, no Rio Grande do Sul, existiam apenas quatro unidades municipais, como eles chamavam: além de Rio Pardo, havia Rio Grande, Porto Alegre e Santo Antônio da Patrulha. Aí, começou um ciclo de emancipações. Primeiro, Cruz Alta se emancipou de Rio Pardo, em 1834; depois, Passo Fundo se emancipou de Cruz Alta, em 1857; em 1875, foi a vez de Soledade se emancipar de Passo Fundo. Até que, em 1927, Sobradinho se emancipou de Soledade. Legal, né?

— Muito interessante. E tem um outro detalhe curioso, também: além da emancipação de Sobradinho ter acontecido no mesmo ano de fundação da Caixa Rural União Popular de Agudo, que de certa forma só interessa mesmo para nós, que estamos envolvidos até a raiz dos cabelos com esse assunto de cooperativismo e Sicredi, de início o município passou a se chamar Jacuhy, assim mesmo, com “h” e “y” — disse vô Johannes.

— E sabe por que voltou a se chamar Sobradinho, Jojô? — perguntou tio Rodolfo.

— Não faço ideia. Isso eu não achei na internet — respondeu o garoto.

— Porque, 10 anos depois, em 1937, as autoridades resolveram colocar um fim na confusão que estava ocorrendo nos Correios, que entregavam as correspondências da cidade em uma estação ferroviária chamada Jacuhy, em Restinga Seca, não muito longe daqui. E foi por isso que decidiram voltar para a denominação original — explicou Rodolfo.

— Que legal! Vou anotar isso. Tipo de coisa que pode cair numa gincana: “Trazer cópia de algum documento oficial de Sobradinho, no tempo em que o município se chamava Jacuhy”.

— Outra coisa que talvez possam pedir é algo referente à época em que o município tinha sua área original, perto de 1.500 km quadrados — comentou Rodolfo. — Tu debes ter lido que, mais adiante, Sobradinho foi perdendo área, e hoje tem apenas algo em torno de 10% do território original, pouco mais de 100 km quadrados, não lembro exato. Primeiro, saiu Arroio do Tigre, em 1963, e com ele se foi uma porção significativa de área. Depois, Ibarama, em 1987. Segredo se emancipou um ano depois, em 1988. Na década

seguinte, saíram Passa Sete, em 1995, e, por último, Lagoa Bonita do Sul, emancipada em 1996 — complementou Rodolfo.

— Mas vem cá! Depois dizem que eu é que tenho boa memória... — comentou, rindo, vô Johannes.

Estavam chegando a Sobradinho, e de tudo o que haviam estudado, o mais relevante, do ponto de vista da atuação de uma cooperativa de crédito, é que a economia da região tinha como principal atividade a agropecuária, com destaque para o tabaco, a soja, o feijão e o milho. Na pecuária, destaque para o rebanho bovino (gado de corte e leiteiro). Importante, também, que boa parte da população daqueles municípios todos reside na zona rural, exceção feita a própria Sobradinho e a Arroio do Tigre, que são núcleos urbanos, onde o comércio e o setor de serviços predominam.

Também iria se mostrar significativa para os destinos da cooperativa a questão cultural. Sobradinho e a região da Serra, em geral, em especial Ibarama e Segredo, registram a presença alemã, mas têm influência predominante dos italianos, muitos deles vindos de outras áreas de colonização originalmente planejadas pelo governo provincial, como Caxias do Sul e Carlos Barbosa, enquanto em Agudo, Candelária e arredores a predominância é dos alemães que descendem dos imigrantes que se estabeleceram na Colônia Santo Ângelo, há 160 anos. Em relação a este assunto, haveria aspectos culturais e de identidade étnica que se revelariam complementares; outros, seriam motivo de alguma divergência.

A questão das eventuais diferenças entre italianos e alemães estava na pauta da conversa com Ciro Bavaresco, atual vice-presidente da Sicredi Centro Serra, que havia sido diretor administrativo da Credisol e, depois, seu presidente, até a fusão com Agudo.

O ponto de encontro combinado por vô Johannes foi em frente à Agência, na Rua Capitão Veríssimo, e a conversa seguiu na garagem da casa de Ciro, não muito longe dali, onde os quatro puderam conversar sem interrupções.

Aos 62 anos, Ciro contou que nasceu em Segredo, quando a localidade ainda pertencia a Sobradinho. Filho de pais agricultores, que cultivavam fumo em corda, trigo e milho, formou-se em Zootecnia na Universidade Federal de Santa Maria, em 1983. Em 1985, retornou a Sobradinho e logo se associou à Credisol, que havia sido fundada três anos antes, no início de 1982. Profissionalmente, atuou de início na Cotrisul, cooperativa de produção que deu origem à Credisol, na área de laticínios e suínos. Depois, foi trabalhar em outra cooperativa, em Arroio do Tigre, a Cooperativa Agrícola Mista Linha Cereja. Anos mais tarde, mais exatamente em 1993, foi convidado para assumir a Secretaria da Agricultura de Sobradinho. Quando saiu da área pública, trabalhou como instrutor do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Até que, em 1996, foi convidado para assumir a presidência da Credisol, que, a essas alturas, já se chamava Sicredi Sobradinho e passava por algumas dificuldades.

Patrimônio reduzido e poucos associados ativos, apesar das filiais em Arroio do Tigre, Lagoão e Ibarama, eram as principais dificuldades enfrentadas pela instituição, cuja situação, lenta e gradualmente, começava a preocupar a Central das Cooperativas do Sicredi. Em 1998, iniciaram-se as primeiras conversas com Ivo Goltz, então presidente da Sicredi Agudo, sobre a possibilidade de uma nova fusão, já que Candelária havia sido incorporada em 1996. A mediação da Central foi fundamental para se encaminhar a melhor solução, pois estes momentos em geral são caracterizados por

tensão e ansiedade entre os associados, em especial da cooperativa de menor porte.

E havia alguns outros aspectos, que não chegavam a ser falados abertamente, mas que pairavam em meio às tensas reuniões de conselho. Um deles se referia a uma certa rixa entre italianos e alemães, por diferenças culturais. Uma pessoa que Ciro preferiu não revelar o nome dizia que os alemães são mais desconfiados e têm a tendência de refletir muito antes de tomar uma decisão, enquanto os italianos são mais impetuosos e preferem o improviso. De outra parte, dizia-se que, enquanto os alemães da região de Agudo e Candelária tendem a ser mais poupadores, os italianos da região da Serra são mais tomadores de recursos, o que, do ponto de vista da atividade cooperativa, era um aspecto interessante, que poderia gerar resultados a serem compartilhados por todos: quem prefere poupar financia quem quer investir, e, assim, inicia-se um círculo virtuoso.

Ciro recordou que outro ponto de discussão que gerou muitos debates foi a definição do nome de quem assumiria a presidência da cooperativa, até aquele momento sob a direção de Ivo Goltz. Seria alguém de Agudo ou de Sobradinho? A solução estava a meio caminho: Egidio Morsch, de Vale do Sol, que, desde 1996, já atuava como conselheiro.

Quando estava nesta parte de seu relato, Ciro recebeu um telefonema da filha de Tercísio Redin, Cleci. Redin havia liderado o processo de criação da Credisol, e por isso estava prevista uma conversa dele com o trio que vinha de Agudo. O inusitado é que Redin estava no hospital, fazendo alguns exames e se recuperando de um problema respiratório, mas fazia questão de conversar com os

visitantes, e pediu que se dirigissem até lá. Ao chegarem ao hospital, Rodolfo se surpreendeu ao se deparar com o poeta Cesar Brixner na porta do quarto. Não havia se dado conta que ele era genro de Redin! Calorosos abraços trocados, ficaram aguardando o momento de conversar com aquele que Cesar definia como “um dos mais corajosos homens que já conheci”. O relato do encontro está no próximo capítulo, para deixar o leitor com vontade de seguir adiante. Porque, parafraseando o poeta de Sobradinho que estava ali à frente de Rodolfo, “um bom livro deve ter o conteúdo do prato que não nos mate totalmente a fome”. Ou então outra: “Um livro não é uma estrada, um rio. Ele deve ser apenas a ponte, a travessia”.

Tercísio Redin é um homem determinado, que usa poucas palavras e vai sempre direto ao ponto, doa a quem doer. Sua sinceridade eventualmente pode ter lhe causado alguns dissabores ao longo da vida, mas é difícil que deixe transparecer algum arrependimento pelo que fez — ou deixou de fazer — ao longo de seus 87 anos de vida. Nascido em 6 de agosto de 1930, tinha um ano de idade quando a família se mudou para Sobradinho, morando primeiro em Linha Herval, depois Linha Quinca. Desde cedo, aprendeu com os pais as lidas do campo e o cuidado com os animais. A escola em Capela São Caetano exigia que andasse quilômetros cerro acima, outros tantos cerro abaixo. Quando chegou à juventude, alistou-se no Exército, e então fez o curso para cabo. Depois da baixa, vivenciou, ao lado da família, o início da mecanização das lavouras, que marcou a década de 1950 no Brasil.

Mais adiante, participou da Frente Agrária Gaúcha e foi presidente da regional do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O fumo

em corda predominava nas terras dos Redin, como, de resto, em boa parte da região. Certo ao remexer nas gavetas do passado, ele cita uma cooperativa de produtores que, em certo momento, estava vivenciando um desentendimento generalizado de seus gestores sobre os rumos da instituição, e então o chamaram para auxiliar no gerenciamento. A vocação para a liderança deu resultado, e algum tempo depois Tercísio estava à frente da maior empresa de Sobradinho. “A gente recebia de tudo: feijão, milho, trigo, arroz, leite, carne”, como ele mesmo reforça, voz baixa, mas firme, na certeza de que não é preciso elevar o tom para que prestem atenção no que diz. De fato, à exceção dele mesmo falando, nenhum outro som se ouvia no quarto do hospital, já que Jojó e vô Johannes estavam completamente absortos em sua narrativa, enquanto Rodolfo tomava notas e, apenas vez por outra, tecia algum breve comentário ou pedia um esclarecimento. Hábitos arraigados na vida de um jornalista, mesmo quando não está trabalhando.

Por essa época, Tercísio Redin já atuava como conselheiro da poderosa Fecotriga, e em determinado momento passou à presidência da federação, tendo Mário Krueel Guimarães, o especialista em cooperativismo, como vice. Eram os anos 1970 e se iniciava o *boom* da soja no Rio Grande do Sul, mas também Brasil afora. Acontece que, em terras gaúchas, o acesso aos financiamentos era uma verdadeira missa. Só quem operava as linhas de crédito era o Banco do Brasil, e então Redin entrou numa roda-viva de seguidas viagens a Brasília, buscando interlocução com deputados, senadores e todo tipo de autoridade para agilizar os procedimentos. E então veio a ideia: “Por que não abrimos um banco? Será que dá? Será que não dá?”. A expressão “abrir um banco” lembrava o espírito que

moveu os fundadores da Caixa Rural União Popular de Agudo e de tantas outras. Tercísio e cerca de 20 outros visionários acreditaram que criar uma cooperativa de crédito, apoiados na estrutura e na movimentação da Cooperativa Triticola Superense Ltda (Cotrisol), a icônica cooperativa de produção da qual já eram associados, não era apenas uma oportunidade, mas, também, uma necessidade. E foi assim que, no início de 1982, surgiu a Credisol.

Olhando a história em perspectiva, Redin só vê razões para agradecer a todos que apoiaram aquela iniciativa arrojada. Refere-se com carinho a amigos e familiares, mas em especial aos produtores que, então, tinham um sonho e fizeram das tripas coração para concretizá-lo. Se a partir de determinado momento a cooperativa começou a enfrentar dificuldades, não foi a primeira, nem seria a última, tampouco era novidade discutir a possibilidade de fusão com outra instituição. Até porque a já denominada Sicredi Sobradinho contava com a inequívoca vantagem de fazer parte de um sistema, gerenciado por uma atenta e vigilante Central, de onde partiu a sugestão de encaminhamento que levaria a mais e melhores resultados para todos: a fusão com Agudo, que três anos antes havia incorporado Candelária e Vale do Sol. Ao fim e ao cabo, Redin se orgulha de ter sido o nome de referência desta parte importante da história de sua região, e celebra, como tantos outros, o estágio que o Sicredi alcançou na região Centro Serra, como instituição que atua com foco nos interesses dos associados, incentivando a participação de todos na decisão sobre os rumos do negócio.

Foi então que novamente Cleci, uma das filhas do casal Tercísio e Almeci (tiveram três meninos e três meninas), entrou no quarto e pediu licença, pois era hora do pai tomar remédios e coletar

novamente sangue, para checar se estava correndo tudo bem na recuperação. Tercísio não via a hora de retornar para casa, mas era disciplinado e seguia à risca as orientações que recebia, mesmo levemente contrariado.

Depois das despedidas emocionadas, ainda que um tanto contidas, vô Johannes, Jojô e Rodolfo cruzaram, na porta do quarto, com dois parceiros de Redin na trajetória da Credisol e, depois, Sicredi Sobradinho, ambos associados até os dias de hoje e fâs incondicionais do trabalho realizado pela atual Sicredi Centro Serra. Arlindo Wacholz, 73 anos, e Antonio Vieira Soares, 67, estavam proseando no corredor, quando foram apresentados ao trio que vinha de Agudo. Contaram que estavam justamente lembrando o tempo em que a cooperativa era chamada de “banquinho” por muitos.

— Hoje virou um “bancão”, e o cheque do Sicredi é o mais forte! — orgulha-se Arlindo, quatro filhos, um dos quais, a propósito, trabalha no Sicredi, em Santa Catarina. A trajetória de participação da família Wacholz em cooperativas vinha dos tempos do pai, Bertoldo, carroceiro que produzia vinho, banha e plantava feijão e ajudou a fundar a Cotrisol. Arlindo relembrou, ao lado dos visitantes e do amigo Antonio, que não esquece das assembleias da Credisol em que alguns associados ficavam surpresos com os resultados positivos, ainda mais com a crise generalizada dos anos 1980. Mas a desconfiança sempre pairou no ar:

— Virava e mexia, vinha alguém e dizia, ao pé do ouvido: “Tira o dinheiro de lá!”. E nós seguimos acreditando — completou.

Antonio Soares, natural de Soledade, na região onde hoje está o município de Lagoão, reside em Sobradinho desde os anos 1980. Trabalha com gado de corte e planta soja, enquanto o filho,

veterinário, prefere gado de leite (ele tem também duas filhas, uma delas veterinária e a outra, farmacêutica). Além de associado, foi funcionário da Cotrisol e lembra da dificuldade de concessão de crédito para os pequenos produtores:

— O Banco do Brasil privilegiava os grandes. Eram os tempos áureos do feijão preto, hoje em segundo plano. E como disse o Arlindo, chamavam a cooperativa de ‘banquinho’. Agora, os concorrentes têm medo do Sicredi — acrescenta. Antonio admite que, no final dos anos 1990, havia o temor de que a Credisol não resistisse, e por isso a associação com Agudo foi decisiva para o impressionante salto que viria nos anos seguintes.

— Foi das melhores coisas que aconteceu por aqui. Estávamos trilhando uma estrada estreita, e, de repente, o horizonte clareou. Se nos grandes centros os bancos tradicionais até podem ter mais relevância, no interior quem faz a diferença é, de fato, o cooperativismo — reforça o associado, de perfil dos mais atuantes, que se entusiasma em especial com o trabalho de formação realizado pelo Sicredi, ainda mais depois do surgimento da Fundação, em 2005. E tudo isso não apenas voltado para quem participa do dia a dia das cooperativas, mas também por meio do Programa A União Faz a Vida, que vai semeando a paixão pelo cooperativismo nas crianças e nos jovens em idade escolar.

Se o dia havia começado iluminado nas curvas e paisagens da ERS-400, ainda mais cores e luz havia agora a adornar o sábado, depois daquelas entusiasmantes conversas e emocionados depoimentos. Para completar o clima positivo, o trio de viajantes teve que erguer as mãos para o céu depois de escolher uma mesa no lado de fora do café da praça principal de Sobradinho, onde pretendiam

almoçar, pois já passava do meio-dia. E nem era por causa da temperatura agradável, e, sim, porque Ciro Bavaresco também estava lá e os apresentou a Rosane Bernardini, funcionária da cooperativa desde 1991. A colaboradora, que há cinco anos trabalha no posto avançado de Passa Sete, prometeu tomar um café com Johannes, Rodolfo e Jojô assim que terminasse de saborear o bufê, pois estava acompanhada do marido, o empresário Paulo Roberto, e do filho, Guilherme, de 9 anos.

Dos 50 anos de Rosane, ex-princesa da 1ª Festa Nacional do Feijão (cuja sigla era Fejão, assim mesmo, sem o “i”), em 1984, quase 25 ela viveu dentro de uma cooperativa de crédito. A trajetória na então Credisol, depois Sicredi Sobradinho, iniciou-se em março de 1991. Vinda da Cotrisul, onde teve uma rápida passagem, trabalhava na época ao lado de apenas quatro colegas, no tempo em que a autenticadora de documentos era à manivela. Como a cooperativa não tinha um número próprio para compensação, as operações dependiam da boa vontade do Banco do Brasil, para quem a Credisol não era, obviamente, uma prioridade.

— Quando veio a fusão, houve muita insegurança. Passamos a ser apenas dois funcionários, e eu decidi ficar porque sempre tinha sido tratada com muito respeito, além da remuneração ser competitiva, claro. E o mais interessante é que tudo isso só melhorou de lá para cá — afirma a também ex-rainha do Carnaval do Balneário Curva do Rio. A simpatia e a atenção com os associados, mais do que a beleza, sempre fizeram de Rosane uma referência para muitos associados, fossem homens ou mulheres.

— Até hoje muita gente vem à cooperativa apenas para conversar. Nós valorizamos muito esse contato pessoal, apesar de

estimularmos também o uso dos outros canais, que foram se sofisticando ao longo do tempo, em especial com a chegada das novas tecnologias — explica a mãe de Guilherme, que, a essas alturas, já rondava a mesa onde a conversa se desenrolava, um pouco ansioso para ir ao parquinho, conforme havia sido prometido pelos pais durante o almoço. Rosane relembrou de situações inusitadas, como a de um casal que costumava se aconselhar com ela, pois o homem era alcoólatra e, não raro, depois de discutir com a mulher na fila do caixa, ameaçava agredi-la.

— Pessoas com problemas na relação com os filhos que perguntam a nossa opinião sobre os mais diversos assuntos também são frequentes ainda hoje, e faz parte da nossa rotina dar toda a atenção possível — complementa Rosane, lembrando que os tempos, obviamente, são outros. Dos 20 funcionários que a cooperativa contabilizava em 1999, quando da fusão de Sobradinho com Agudo, hoje são quase 200. O crescimento foi vertiginoso, e, na opinião da experiente colaboradora, o envolvimento dos associados com as questões da cooperativa, evidenciado pelo alto índice de participação nas assembleias e nos programas Pertencer e Crescer, é uma dentre tantas motivações para sempre fazer o melhor.

— Nossos associados de Passa Sete, por exemplo, onde trabalho desde 2011, são maravilhosos — sintetiza Rosane.

Maravilhosa mesmo tinha sido aquela viagem, que foi complementada por um interessante *tour* pela Rota dos Casarões, na localidade de Campestre, que reúne edificações dos primeiros tempos da colonização italiana na região. Jojô se esbaldou fotografando as casas feitas quase que totalmente com pedras. A sugestão do passeio havia sido feita pelo jornalista Mateus Camargo de Souza, da rádio

Gazeta de Sobradinho, com quem Rodolfo fizera amizade no ano anterior, durante a Feira do Livro. Mateus, a simpatia em pessoa, ia chegando ao quiosque, no momento em que o trio, depois de se despedir de Rosane e Ciro, estava de partida.

Por volta das 4 da tarde, quando já estavam em plena descida da Serra, entre Passa Sete e Candelária, um dos mais perigosos trechos da ERS-400, cheio de curvas fechadas e em declive, vô Johannes, que estava sentado no banco de trás do carro, exclamou:

— Mas que coisa! Onde estou com a cabeça?

— Que foi, vô? Que susto... — reclamou Jojô, que estava distraído.

— Esqueci de pegar meu livro sobre a história de Sobradinho com o Henrique!

— Ah, só isso? Mas o senhor não tem o telefone dele? Manda um whats...

— Tu sabes que não uso celular, muito menos conheço essas tecnologias aí. Como é que vocês chamam?

— Aplicativos, vô. No caso, aplicativo de uma rede social.

— Pois é. Aplicativos... Eu sou do tempo dos corretivos, que a gente recebia dos pais ou das professoras, quando riscava fora da caixa.

Jojô não conhecia a expressão, mas entendeu o sentido, pelo contexto da fala do avô.

— E eu acabo de me lembrar de algo realmente importante, não querendo desmerecer seu esquecimento, seu Johannes — comentou Rodolfo, olhos grudados na estrada. — Acabamos não conversando com o pessoal sobre como o Egidio Morsch foi escolhido para

presidente da cooperativa, quando aconteceu a fusão de Sobradinho com Agudo...

— Mas não seja por isso. Chegando em casa, eu ligo para ele e vejo se pode conversar conosco segunda-feira, em Candelária. Até poderíamos passar na casa dele agora, mas eu já estou um pouco cansado — respondeu vô Johannes.

— Só se for na segunda pela manhã. Aí eu deixo o senhor e o Jojô lá, quando estiver voltando para Porto Alegre, e depois vocês arrumam uma carona. Pode ser assim?

— Pois é. Meio complicado, mas vamos ver — respondeu vô Johannes. E em seguida, pensou: “Próxima parada: de volta para Candelária!”. Esboçou um leve sorriso, enquanto aproveitava os últimos raios de sol na descida da serra.



Jojô estava ansioso. Não é todo dia que se tem a oportunidade de conversar com o presidente de uma cooperativa... Ademais, ficara impressionado com o prestígio de vô Johannes na Sicredi Centro Serra: Egídio Morsch havia dito ao telefone, ainda no sábado à tardinha, que seria um prazer recebê-lo na segunda-feira pela manhã, juntamente com o neto.

Agora que estavam chegando ao prédio da superintendência regional, em Candelária, mais uma gentileza: o gerente de comunicação, Fausto Wagner, ligou para o celular de tio Rodolfo, sugerindo que entrassem na garagem do edifício, no segundo andar, de forma que vô Johannes não precisasse subir as escadas.

Egídio Morsch veio recebê-los na porta de acesso da garagem para a sala de reuniões, um ambiente confortável e moderno, mas sem luxos. Jojô e Rodolfo imaginavam encontrar um executivo de terno e gravata, e se surpreenderam com a simplicidade e empatia de Egídio, sorriso largo, voz mansa e afetuosa. Vô Johannes estava se sentindo em casa. Conhecia Egídio há muitos anos, e sabia que

ostentação e salamaleques definitivamente não faziam parte do seu perfil, como, de resto, não era o estilo dos gestores da cooperativa.

Rodolfo decidiu, na última hora, ficar para o bate-papo, tal foi a energia positiva que sentiu ao cumprimentar o presidente. “Dá para ver que é uma pessoa especial, vale a pena ficar e conhecê-lo mais profundamente”, pensou o tio de Jojó, tranquilo por saber que a mulher, sua sócia na empresa de comunicação, resolveria os eventuais problemas urgentes que porventura surgissem em Porto Alegre.

Logo que começaram a conversar, vô Johannes emocionou-se. Enquanto Egídio iniciava a síntese dos principais momentos de seus 52 anos de vida, o brilho no olhar denunciava que ainda morava dentro dele a vivacidade dos tempos de infância. O irmão de Elpídio e Eusébio, que vivera com os pais na encosta do morro, em Alto Trombudo, hoje Vale do Sol, tinha bem viva na lembrança a convivência com as pessoas que trabalhavam na propriedade da família, de diferentes etnias, com as quais estabeleceu vínculos afetivos de uma vida inteira, como com Nélio da Silva e sua mãe, Paulínia, além de Otávio Natalício, apelido *Lambari*, e Claudécio, o *Nêgo*.

O menino, que desde pequeno gostava de estudar, frequentou, de início, a Escola Rural Alto Trombudo, onde o avô havia sido professor. E lembrava com carinho da primeira mestra, dona Rosa, que tinha a habilidade de despertar o interesse dos alunos para os saberes da vida e dos livros. Embora por vezes parecessem difíceis, foram momentos de aprendizado e conhecimento.

Acontece que, em razão de problemas de saúde, Egídio teve que abandonar os estudos e voltar para casa. Dentro das possibilidades, ajudava a cuidar da propriedade do pai, que mais tarde foi trabalhar em uma fumageira. Quando se recuperou da doença, de

início decidiu fazer cursos de gestão do agronegócio no Sebrae e na Emater. Em 1991, casou-se com Renilda, com quem criou a filha Ariane, hoje com 25 anos. Não muito tempo depois, acompanhou a abertura de um posto de atendimento da Credican em Vale do Sol. De pronto, se associou à cooperativa, mantendo a tradição da família, já que um tio-avô era bastante ligado à instituição com perfil semelhante que atuava na região de Santa Cruz do Sul. E a vida seguiu seu curso, até que, em fevereiro de 1996, veio o primeiro sinal de que seu espírito conciliador e participativo não passava despercebido daqueles que estavam à sua volta. Quando se definiu que o melhor caminho para a Sicredi Candelária era a fusão com Agudo, o então presidente Ivo Goltz convidou Egídio para ser conselheiro de administração. Seriam apenas três anos, e a função não exigiria tanto envolvimento assim, alegou Goltz. Até porque a previsão era de apenas uma reunião por mês, e em Candelária. Egídio topou, ainda que, de início, não tivesse muito interesse, mais preocupado que estava na época em bem administrar a propriedade da família.

O foco do trabalho de gestão se concentrava na reestruturação da cooperativa como um todo — Agudo também demandava atenção, embora Candelária estivesse em situação mais preocupante. A tarefa, poucos meses depois da incorporação, incluiria ampliar os horizontes do negócio também para Cerro Branco, área de atuação cedida pela cooperativa de Cachoeira do Sul, de modo a assegurar a continuidade territorial da Sicredi Agudo. É bem possível que, por esses dias, Egídio, mesmo que não tenha se dado conta, tenha se inoculado inapelavelmente com o vírus do cooperativismo.

E foi justamente por sua participação e envolvimento durante aqueles três primeiros anos como conselheiro que veio, em 1999,

um novo desafio — e que desafio! Depois de inúmeras conversas e debates acalorados, mediados por representantes da Central do Sicredi, havia se chegado a um consenso: a única saída para que a Sicredi Sobradinho sobrevivesse era a fusão com Agudo. Mas havia, claro, uma enorme preocupação em não ferir suscetibilidades. Todos sabiam do desconforto de quem, por estar em situação frágil, tem que ceder, mais do que impor condições, na mesa de negociação. E se não houvesse plena boa vontade de ambas as partes, o desenlace não seria positivo. Foi necessária muita habilidade para conduzir as composições políticas em busca do almejado entendimento, de forma que, na sequência, se pudesse definir os nomes daqueles que estariam à frente da cooperativa em sua nova formação. E eis que surge a figura de Egídio como possível consenso entre os representantes de Agudo e de Sobradinho. Além de suas qualidades pessoais, ele era visto como “neutro”, já que sua origem não era nenhuma das duas cidades representadas de maneira mais significativa, e sim, de Vale do Sol.

Para convencer Egídio a topar a empreitada, não foram poucos os argumentos elencados. Um deles, como salientou na época o ex-presidente da Credican Orlando Hemann, dava conta de que os diretores teriam todo o apoio da Central, em Porto Alegre. Ademais, Dilamar Rusch, deslocado de Candelária para Agudo dois anos antes, já se dedicava a reorganizar a célula-mãe de todo aquele processo complexo e desafiador, a qual também passava por alguns percalços. Se a fusão era a única saída para Sobradinho, de certo modo viria a contribuir de maneira significativa para que Agudo se reerguesse.

É bom frisar que, na montagem do organograma da diretoria, definiu-se que Sobradinho estaria representada por Ciro Bavaresco

na vice-presidência, ele que até então estava à frente da cooperativa da Serra.

Eram todos argumentos consistentes, mas, ainda assim, Egídio não se julgava preparado para o tamanho da responsabilidade. Ao mesmo tempo, não era de fugir da raia. Concordou, então, em ficar na presidência por três anos. E, de pronto, percebeu que a melhor estratégia seria apostar na onipresença, ou seja, estar o mais próximo que pudesse dos associados. Nos finais de semana, participava de todas as festas, casamentos e quermesses, buscando recuperar a confiança, em especial dos antigos associados de Sobradinho e de Candelária, mas também dos potenciais novos integrantes da cooperativa, em razão da ampliação da área de cobertura. A propósito, Egídio destaca que não menos importante para a bem-sucedida negociação entre agudenses e sobradinhenses foi a definição do novo nome da cooperativa. Em geral, quando ocorrem fusões ou incorporações, predomina a denominação daquela que está em situação mais favorável. Quis o destino que o Sicredi estivesse naquele momento redefinindo o padrão das designações de suas associadas, e assim nasceu a sugestão de adotar o nome Sicredi Centro Serra RS, cooperativa autorizada oficialmente a funcionar em 4 de janeiro de 2000, conforme atestou o Banco Central do Brasil. Era, sem dúvida, uma denominação que agradava a gregos e troianos, ou, no caso específico, a agudenses e sobradinhenses.

Quando da adoção do novo nome, explicitando o raio de atuação da cooperativa, veio, também, a decisão de transferir a gestão da cooperativa para Candelária, que ficava quase que exatamente a meio caminho de Sobradinho e Agudo, tornando a logística de

deslocamentos de colaboradores e diretores mais ágil do que se permanecesse em Agudo.

Mesmo assim, não foram poucas as resistências enfrentadas pelos novos diretores, em especial porque a primeira medida adotada foi trancar as carteiras de crédito e rever todos os procedimentos, estabelecendo um novo ponto de corte. Alguns associados, muito indignados, chegaram a propor um abaixo-assinado, pedindo a deposição dos gestores. Anos depois, esses mesmos associados agradeceriam à Cooperativa pelas duras, mas necessárias medidas adotadas na ocasião, imprescindíveis para se retomar o equilíbrio da instituição.

Os anos 2000, como logo ficou evidente para Jojô, vô Johannes e tio Rodolfo, significariam uma completa revolução na vida de Egídio, não apenas profissional, mas também pessoalmente. O que eles ficaram sabendo em seguida é que, em paralelo aos novos rumos na rotina do presidente estreante, houve uma sucessão de fatos que transformaram o Sicredi em uma potência do sistema financeiro brasileiro, tudo graças à construção de uma sólida estrutura, de caráter sistêmico, de forma a apoiar o extraordinário trabalho das cooperativas junto a seus associados, razão maior de ser do cooperativismo. O Sicredi, literalmente, decolou.

Basta dizer que, ainda em 2000, nasceu a Confederação Interestadual das Cooperativas Ligadas ao Sicredi, a fim de dar o necessário suporte operacional às afiliadas em diversas áreas: de comunicação, tecnologia, gestão de pessoas, jurídico-normativa. No mesmo ano, outro momento emblemático e de alto impacto na conquista de mais e mais associados: o Banco Cooperativo Sicredi foi finalmente autorizado a funcionar como banco múltiplo, ou seja, a partir dali, os associados das cooperativas ligadas ao sistema

poderiam usufruir de todos os serviços oferecidos pelos bancos convencionais, com a vantagem adicional de seguirem sendo os donos do negócio. Como consequência de sucessivas alterações nas regras de funcionamento do cooperativismo de crédito, que só fazia crescer, o Sicredi incorporaria, nos anos seguintes, segmentos como seguros e cartões de crédito, e, mais adiante, consórcios e financiamentos imobiliários.

Em 2003, mais uma novidade de caráter transformador, a colaborar para que se ampliassem ainda mais os ganhos de escala das cooperativas, em especial no interior: o conceito da livre admissão e associação, ou seja, dali para a frente, poderiam aderir às cooperativas do Sicredi todas as pessoas físicas e jurídicas, qualquer que fosse seu segmento de atuação. Transformações desse porte demandam novas capacidades. Com a curva de associações subindo de forma constante e acelerada, e para dar conta de garantir que fosse melhor percebida a relevância do cooperativismo como ferramenta de desenvolvimento e, mais do que isso, para que cada associado pudesse se preparar para exercer seu papel de protagonista na gestão do sistema, surgiu, em 2005, a Fundação Sicredi, a qual passaria a coordenar os programas Crescer e Pertencer e, também, o Programa A União Faz a Vida. Em especial no programa Pertencer, o trabalho está focado em ampliar a noção de que acompanhar e fiscalizar as ações dos gestores, seja por meio da participação em reuniões e assembleias, seja por meio da atuação dos conselheiros de Administração e Fiscal e dos coordenadores de núcleo eleitos pelos associados, são ações que fazem parte das boas práticas de governança, constituindo-se não apenas em um dever, mas também um direito do associado.

O Sicredi estava em plena transformação, com especial atenção à busca de maior transparência nas ferramentas de governança corporativa do sistema como um todo, assegurada a independência de suas filiadas. E Egídio Morsch percebeu que era hora de voltar a estudar, para poder acompanhar o ritmo das mudanças. Concluiu o Ensino Médio pelo EJA e depois fez vestibular para Administração de Empresas na Unisc, em Santa Cruz do Sul. E, naturalmente, foi reconduzido para mais um período de três anos na presidência da Sicredi Centro Serra, que apresentava resultados cada vez mais sólidos, em um processo de retomada de sua relevância na região que caminhava a passos largos. Uma importante mudança na escala acontecera, agora que havia agências em 14 municípios: Agudo, Arroio do Tigre, Candelária, Cerro Branco, Estrela Velha, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Lagoão, Novo Cabrais, Paraíso do Sul, Passa Sete, Segredo, Sobradinho e Vale do Sol.

A narrativa entusiasmada e, ao mesmo tempo, serena de Egídio mantinha o trio de visitantes vindos de Agudo quase hipnotizado. O presidente tentava encadear os fatos em uma sequência lógica, buscando fluidez e didática, em especial para que Jojô conseguisse captar a dimensão de todo o processo. Obviamente, era muita informação concentrada, e o garoto, posteriormente, teria que reler suas anotações, voltando a conversar com o avô e o tio sobre o assunto. Os dois, inclusive, estavam encantados com tudo o que ouviam.

Em determinado momento da conversa, Dilamar Rusch, Diretor Executivo da Sicredi Centro Serra, entrou na sala de reuniões. Não sabia que havia convidados, mas resolveu sentar, pois não se cansava de ouvir o presidente relembrar os melhores momentos de toda aquela trajetória vencedora. Tantas conquistas, comentou ele,

significavam desafios no horizonte, e o principal deles era o de perpetuar a força do cooperativismo, em um cenário de disputa de mercado com concorrentes gigantes. Dilamar enfatizou a preocupação com a capacitação dos colaboradores, pois só boa vontade e bom relacionamento com a comunidade não são suficientes, ainda que sejam essenciais. A cooperativa, a exemplo de todas as filiadas ao sistema, passou a investir com mais força na qualificação de seus próprios quadros — o time, aliás, só fazia crescer, em quantidade e também em qualidade.

— Eu lembro que o Marlon me disse, lá na conversa na loja de conveniência em frente à agência de Agudo, semana passada, que a primeira festa de final de ano dele, em 1996, tinha umas 20 pessoas, no máximo. Em 2000, já eram umas 90, muitas bem jovens. E hoje são quase 200 colaboradores, não é? — comentou vô Johannes, puxando mais uma vez pela prodigiosa memória.

— Exato, seu Johannes. Com um detalhe que o Marlon também deve ter destacado: a aposta nos quadros próprios, ou seja, a pessoa entra como estagiária, vai crescendo, sendo chamada para outras funções, e assim vai galgando cargos e ganhando responsabilidades, enquanto novos estagiários são contratados. Gostamos de valorizar a prata da casa, até porque o envolvimento e a identificação com a causa do cooperativismo costumam ser maiores — destacou Dilamar. E acrescentou:

— O investimento na qualificação para atender aos associados deu tão certo que não foi apenas o quadro de colaboradores que cresceu dez vezes em 20 anos. Outras curvas extraordinárias nos gráficos atestam a evolução robusta do cooperativismo de crédito por aqui. O patrimônio líquido saltou de R\$ 640 mil em 1996 para

R\$ 151 milhões em 2016, e o resultado positivo, de tímidos R\$ 24 mil, passou para R\$ 25 milhões. A confiança no Sicredi também se reflete nos recursos de depósito a prazo (poupança e investimentos), que saltaram de R\$ 5 milhões para R\$ 435 milhões em duas décadas.

Sicredi em transformação, pessoas descobrindo novas habilidades e explorando seu potencial. O presidente Egídio se sentia cada vez mais envolvido por aquele ambiente:

— A gente vai vivendo a vida e enxergando novos horizontes, novas perspectivas, profissionalmente falando, mas também pessoalmente.

Ficava explícito que, a exemplo do Sicredi, Egídio tem o hábito de se reinventar, sem jamais perder a essência: a do menino simples que teve uma infância feliz em Alto Trombudo, período em que forjou os valores da empatia e do respeito ao próximo, combinados com o senso de responsabilidade e o prazer de trabalhar em equipe.

A reunião havia sido um banho de informações e de espírito cooperativista para vô Johannes e Jojó, que aproveitaram a presença de Alci Muller em Candelária, para uma reunião, e pegaram uma carona de volta a Agudo, onde o gerente da cooperativa trabalhava. Já Rodolfo seguiu viagem para Porto Alegre de alma lavada. A trajetória do Sicredi e das pessoas que construíram cada uma das cooperativas do sistema era realmente extraordinária. De imediato, teve a ideia de sugerir à área de comunicação da cooperativa que se produzisse um livro registrando tantas e tão belas situações vivenciadas ao longo de nove décadas. Não sabia quando poderia voltar lá para tratar do assunto, mas tinha certeza que seria em breve. Havia sido conquistado, de uma vez por todas, por aquela causa transformadora.

No retorno para Agudo, Alci Muller aproveitou para informar a Jojô e a seu Johannes que Egídio esquecera de mencionar o envolvimento na Sicredi Participações S.A., que surgiu em 2008. A SicrediPar havia sido criada para propiciar a participação direta e formal das cooperativas de crédito na gestão corporativa e, ao mesmo tempo, para dar aos associados, à sociedade, aos órgãos de regulação, aos grandes fundos de investimento e às demais instituições financeiras que operam no Brasil e no exterior maior transparência na estrutura de governança do Sicredi, comentou Alci.

— Seu Alci, só um minuto, por favor, que vou consultar uma coisa aqui na internet, pelo celular. Achei. Diz assim: “Governança corporativa é o sistema pelo qual as empresas e demais organizações são dirigidas, monitoradas e incentivadas, envolvendo os relacionamentos entre sócios, conselho de Administração, diretoria, órgãos de fiscalização e controle e demais partes interessadas”. É isso?

— Exatamente. A criação da SicrediPar, portanto, foi mais um atestado de que o Sicredi está alicerçado em um modelo bastante sólido — reforçou Alci.

— Olha, seu Alci, eu tenho procurado prestar muita atenção em tudo, e inclusive ontem à noite revi muita coisa das minhas conversas com o vô, porque eu ia conversar com o presidente, sabe como é... Mas preciso conferir se captei tudo direitinho. Vamos ver. O Sicredi é uma instituição financeira cooperativa formada por um conjunto de cooperativas filiadas...

— Atualmente, são 116 — atalhou Alci.

— Ok. Formado por 116 cooperativas filiadas, que oferecem uma rede de atendimento em muitos Estados do Brasil. Quase todos, aliás, porque em 2015 houve a filiação da Central Unicred Norte/Nordeste ao Sistema. No site do Sicredi, fala que são em torno de 1.500 agências em 21 Estados. Muito bem. Essas cooperativas estão organizadas em cinco Centrais Regionais, que coordenam a atuação das cooperativas no que diz respeito a desenvolvimento e expansão. Estas Centrais são as acionistas da SicrediPar, que existe para deixar tudo bem formalizado e transparente, mas também é lá que são definidos os objetivos estratégicos e econômico-financeiros do Sicredi e deliberadas as políticas de *compliance*, ética e de auditoria. Até aqui, tudo bem. Ou melhor, não sei se consigo explicar o que é *compliance*. Deixa eu ver aqui de novo na internet.

— Nem precisa. Essa eu sei de cor. O termo *compliance* tem origem no verbo em inglês *to comply*, que significa agir de acordo com uma regra, uma instrução interna, um comando ou um pedido, ou seja, estar em *compliance* é estar em conformidade com leis e regulamentos, sejam eles externos ou internos — explicou Alci.

— Bem certinho, seu Alci! É isso mesmo. Bom, temos, ainda, a Confederação, que presta serviços às suas associadas e às demais empresas e entidades integrantes do Sicredi, nos segmentos de informática e administrativo, especialmente nas áreas tributária, contábil e de folha de pagamento. Sem falar na Fundação Sicredi, que coordena os programas de educação que promovem o cooperativismo de crédito e a formação dos associados. Finalmente, e não menos importante, existe o Banco Cooperativo Sicredi, que atua como instrumento das cooperativas de crédito para acessar o mercado financeiro e programas especiais de financiamento. Mas é uma beleza isso, não, vô?

— Se é, Jojô. Se é... E eu fico pasmo de constatar como tudo isso foi construído, ano após ano, tijolo por tijolo, por tantas pessoas que compartilham há muitas décadas de um mesmo ideal. É realmente emocionante — disse vô Johannes, com a voz embargada.

— Tô ligado, vô — respondeu Jojô, deixando escapar uma gíria, o que não era muito do agrado de seu Johannes. — É muito bacana, apesar de ser meio complicado de entender, para quem não está muito envolvido. Mas faz todo o sentido, é bem pensado e, o melhor de tudo, bem executado — acrescentou o neto de Johannes.

— Tanto é bem executado que o Sicredi tem hoje mais de 3 milhões de associados. Só na Sicredi Centro Serra são em torno de 60 mil. Isso quer dizer que aproximadamente 80% das famílias da nossa região de atuação têm ao menos uma pessoa ligada ao Sicredi. Não é impressionante? — reforçou Alci.

— Sensacional! Sensacional mesmo — concordou Jojô, enquanto o avô balançava a cabeça, afirmativamente.

Já iam se aproximando de Agudo, quando cruzaram com Paulo Wilhelm quase em frente ao prédio da prefeitura. Seu Alci acenou para o amigo e, em seguida, comentou:

— Esse é uma máquina de entusiasmo pelas questões da cultura alemã. Ele e a esposa, Rose, que agora é presidente do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão de Agudo (ICBAA), são incansáveis. Esses dias andavam envolvidos até o pescoço com várias solenidades em meio à Volksfest.

— Eu vi no Face do Instituto as postagens. Sigo a página deles — respondeu João.

O Instituto havia sido criado em 1982 pelo pastor Richard Rudolf Brauer, famoso por ter trabalhado pela aproximação e pacificação entre luteranos e católicos, ainda que até hoje exista, de parte de algumas pessoas, restrição aos que professam sua fé por meio de rituais e cultos um tanto distintos. Brauer era uma figura ímpar. Uma de suas filhas, Siegried, que mora em Agudo, costuma contar que, quando Brauer estava se dirigindo à cidade, nos idos de 1937, uma das enormes malas que trazia ficou pela estrada. Ao chegar à cidade, ele constatou que havia perdido todas as suas roupas. “Ainda bem que não foram os livros!”, teria exclamado ele. A mala de roupas era mais leve do que a dos livros, e com o balançar da carroça, havia ficado pelo caminho. No ICBAA, funciona, além do museu e um auditório, também uma biblioteca formada quase que totalmente pelos livros em alemão do acervo doado pelo pastor.

Paulo Wilhelm e a mulher já estariam, certamente, em grandes articulações para a semana de comemorações dos 160 anos da imigração alemã na região. Tudo se iniciara em 1867, com a chegada dos primeiros imigrantes no Cerro Chato, em local bem próximo de

onde Paulo mora atualmente. A festança aconteceria em dezembro, e a participação de um carro alegórico do ICBAA no cortejo de 25 de julho, Dia do Motorista, havia sido um pequeno aperitivo do que viria pela frente.

— Querem ficar onde? — perguntou seu Alci, quando entraram na Avenida Concórdia.

— Vô, eu estava pensando em dar um pulo lá no Canto Católico. Seu Alci, o senhor deve saber onde fica a casa onde morava o Arthur Arnaldo, fundador da Caixa Rural, não?

— Claro que o Alci sabe. Jojô, podemos passar lá, sim. Mas nem vamos descer, porque estou querendo ir para casa. Alci, você se importa?

— De jeito nenhum, é um prazer! Já está mesmo na hora do meu almoço, e só vou para a agência no início da tarde. Sem problema.

Em minutos estavam em frente à casa verde, pintura um tanto desgastada, a grama em frente bastante alta. Apesar da modéstia do lugar nos dias de hoje, havia um simbolismo naquela construção que mexia com as emoções do trio que observava a casa, de dentro do carro. Nem era para menos. Na peça à direita, havia funcionado o *Hermes Bank*, fundado por 12 visionários em 21 de agosto de 1927, os quais nunca, nem nos seus sonhos mais loucos, poderiam imaginar que um dia, 90 anos depois, aquela iniciativa reuniria 60 mil pessoas. Passadas nove décadas, a chama não só seguia acesa, como havia se propagado de forma muito intensa. E era o calor daquela trajetória vencedora que aquecia os corações de Jojô, vô Johannes e Alci.

Só quando chegou em casa é que Jojô viu que o tio havia enviado um whatsapp. A longa mensagem dizia o seguinte:

— Parei para fazer um lanche e para te dizer umas coisas. Parece que a gincana não vai sair, mas nem precisa, não achas? Pensa em tudo que aprendemos! Percebe o quanto tu e teu avô, que sempre foram tão chegados, conseguiram se aproximar ainda mais por causa dessa belíssima história? Isso não tem preço. Ter aprendido a admirar o esforço de tantas pessoas é de um valor incomensurável. Vou propor ao pessoal da cooperativa escrever um livro. Se eles concordarem, mudo para Agudo e fico aí uns dois ou três meses, dedicação exclusiva, para a obra estar impressa até dezembro, a tempo de comemorar os 90 anos. Tu vais achar que eu sou maluco, e, de certa forma, tens razão, mas já tenho mais ou menos a ideia do primeiro parágrafo. Seria algo assim: “Bernardo acordou sobressaltado. Acordou é modo de dizer, porque, na verdade, a noite havia sido agitada, com muitas interrupções no sono, seguidas de tentativas quase sempre frustradas de voltar a dormir o mais rápido possível. Foram longos intervalos madrugada adentro, de olhos abertos, mirando o teto, e a mente a mil. Nem poderia ser diferente. Ele havia ficado eufórico com a informação recebida na escola, no final do dia anterior, durante uma atividade do Programa A União Faz a Vida: muito provavelmente seria realizada uma gincana sobre cooperativismo em Agudo e região, como forma de marcar os 90 anos da Sicredi Centro Serra, comemorados em 21 de agosto de 2017.” O que achas?

João sorriu, e respondeu com um emoticon: 😊.

LINHA DO TEMPO

PANORAMA DE INAUGURAÇÕES

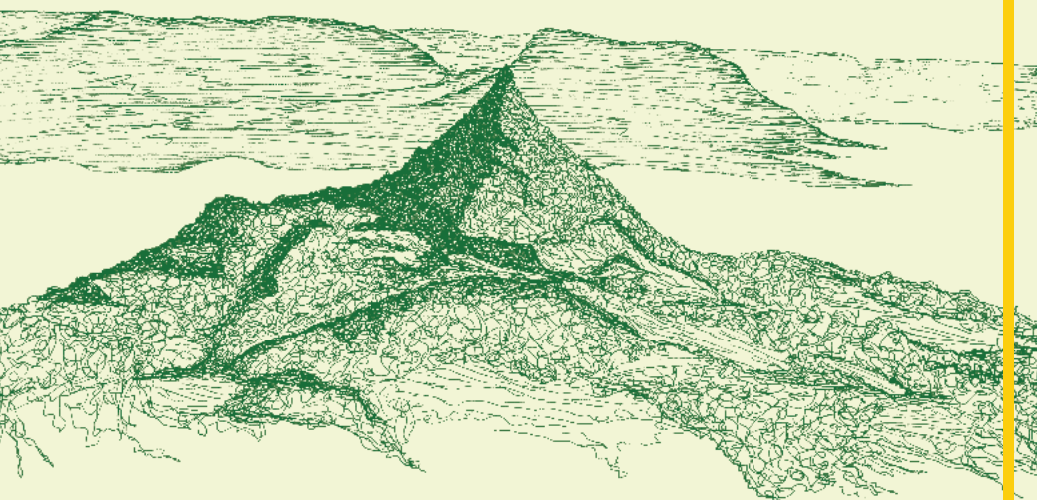
Agência Agudo	21/08/1927
Agência de Candelária	02/10/1981
Agência de Sobradinho	13/10/1981
Agência de Cerro Branco	21/12/1989
Agência de Vale do Sol	20/09/1993
Agência de Lagoão	18/06/1995
Agência de Arroio do Tigre	15/04/1996
Agência de Ibarama	19/09/1997
Agência de Paraíso do Sul	23/12/2003
Agência de Estrela Velha	28/10/2004
Agência de Segredo	03/04/2007
Agência de Lagoa Bonita do Sul	30/04/2008
Agência Passa Sete	30/04/2008
Agência Novo Cabrais	22/03/2010

Sobre o Sistema Sicredi

O Sicredi é uma instituição financeira cooperativa comprometida com a vida financeira dos seus associados e com as regiões onde atua. Surgiu como uma solução financeira às necessidades de um grupo de pessoas, no Rio Grande do Sul. No início do século 20, elas tiveram a ideia de unirem-se, constituindo um fundo com recursos financeiros próprios. Dessa forma, nos momentos de adversidades econômicas, conseguiram enfrentar desafios juntas e compartilhar bons resultados.

Fortalecidas, as cooperativas de crédito se multiplicaram e ampliaram o número de associados. Expandiram para outras regiões brasileiras e vêm promovendo o desenvolvimento dessas comunidades desde então.

Hoje, o Sicredi é referência internacional pelo modelo de atuação em sistema. São 116 cooperativas de crédito filiadas, que operam com uma rede de atendimento com mais de 1.575 agências.



*Publicação comemorativa aos 90 anos
da Sicredi Centro Serra RS*